

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Trabalhadores da Indústria Frigorífica:

trabalho, tradição, política e protesto. Chapecó, 1967-1982.

**Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em História
da Universidade Federal de Santa
Catarina, sob orientação da Prof^a. Dr.
Adriano Luiz Duarte.**

Fernanda Ben

FLORIANÓPOLIS, ABRIL DE 2005.

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

*Dedico este trabalho a Silvestre Bregalda (in memória),
vovô, pelo exemplo de vida que nos deixou.
E aos personagens dessa história: os trabalhadores das
indústrias frigoríficas de Chapecó.*

EPÍGRAFE

“Nunca retornaremos à natureza humana pré-capitalista; mas lembrar como eram seus códigos, expectativas e necessidades alternativas pode renovar nossa percepção da gama de possibilidades implícita no ser humano”.
E. P Thompson. Costumes em Comum, p.23.

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação é o resultado de uma intensa pesquisa que foi conduzida por mim, mas que contou com o apoio de muitos colaboradores que, na maioria das vezes, não mediram esforços em emitir opiniões, sugestões e indicações que foram decisivas para a elaboração do texto final. Por isso agradeço especialmente às pessoas e instituições seguintes:

Adriano Luiz Duarte, orientador, pelas constantes sugestões, indicações de leituras e questionamentos com relação à pesquisa. E também pelo seu comprometimento e entusiasmo pela *história*, motivação essa que me impulsionava a continuar pesquisando;

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em História, especialmente: Paulo Pinheiro Machado, Beatriz Mamigonian, Henrique Espada, Eunice Nodari e João Glug;

Às colegas do curso e grandes amigas Ellen e Susana, que sempre me socorreram nas horas de incerteza e insegurança que ocasionalmente aconteciam durante a pesquisa;

Aos entrevistados que me acolheram muito bem em suas casas, disponibilizando seus depoimentos, fotografias e documentos empresariais que guardavam como recordação da experiência de trabalho na indústria frigorífica;

Agradeço as importantes sugestões apresentadas no exame de qualificação, pelos professores Eunice Nodari e Carlos Espíndola, que certamente tornaram esse trabalho ainda melhor.

À CAPES, pelo auxílio de Bolsa, que permitiu minha dedicação exclusiva por dois anos ao curso de Mestrado;

Aos funcionários de todos os arquivos e bibliotecas em que pesquisei.

A Alcedir, meu companheiro, amigo que muitas vezes me socorria nos trabalhos de digitação;

A meus pais Valcir e Giralda e irmãos Fabiane e Márcio, pelo apoio moral e, às vezes, financeiro;

A Sandra, Giseli, Nazaré, Antônio Luiz e Tamires...

A todos, obrigada por tudo.

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA	ii
EPÍGRAFE	iii
AGRADECIMENTOS	iv
Lista de Figuras	vii
Lista de Tabelas	viii
Lista de Gráficos	ix
Lista de Siglas	x
RESUMO	xi
ABSTRACT	xii
INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I	
A Cidade em Festa: ideais, perspectivas e ações nos festejos dos 50 anos do município de Chapecó	17
1.1 – 1967. O Ano da Esperança!	17
1.2 – Tintas para pintar os panoramas	19
1.3 – Um passeio pela festa	35
1.4 – Os sentidos da festa	42
CAPÍTULO II	
Nos Contornos da Festa: modernização da agricultura, expansão do capital agroindustrial e migração campo-cidade	48
2.1 – Um novo Oeste!	48
2.2 – ‘A grande empresa que todo chapecoense aplaude’: a instalação da Sadia em Chapecó	51
2.3 – Sistema de produção integrada: os parceiros da Sadia	61
2.4 – As primeiras imagens dos locais de moradia e trabalho	74
2.5 – ‘Na roça, já não dava mais’: a constituição do bairro Efapi	78

CAPÍTULO III

Operários da Indústria Frigorífica: as experiências vivenciadas pelos migrantes de procedência rural entre os locais de moradia e trabalho.....	87
3.1 – Retratos do Bairro.....	87
3.2 – O trabalho e as situações inventadas pelos trabalhadores na indústria frigorífica.....	92
3.3 – ‘O maior patrimônio de uma empresa são seus funcionários’.....	105
3.3.1 – Mecanismos de controle e dominação da mão-de-obra.....	107
3.3.2 – Os chefes.....	111
3.3.3 – Serviço social da empresa.....	117
3.4 – Razões para protestar ou para permanecer calado.....	123
3.4.1 – No Bairro.....	123
3.4.2 – Na Fábrica.....	130
3.4.3 – A formação da chapa de oposição sindical.....	136
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	141
REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO.....	144
FONTES E ACERVOS PESQUISADOS.....	150
ANEXOS.....	154

Lista de Figuras

Figura 1 – Parque de Exposições da I Efapi – 1967.....	24
Figura 2 – Capa do Convite na forma de Lembrança do Cinqüentenário.....	30
Figura 3 – Vista do Centro da Cidade. Em evidencia a Avenida Getulio Vargas ..	30
Figura 4 – Catedral Santo Antônio e a Praça Coronel Bertaso	31
Figura 5 – Estabelecimentos Bancários de Chapecó.....	31
Figura 6 – Vista da Avenida Getúlio Vargas.....	32
Figura 7 – Estabelecimentos da Cidade (Escolas, Postos de Saúde, Prefeitura.....)	33
Figura 8 – Foto aérea das instalações do Frigorífico Sadia, 1973.....	51
Figura 9 – Charge sobre a matança de suínos.....	58
Figura 10 – Vista aérea do Frigorífico Sadia, 1980.....	63
Figura 11 – Vista geral da propriedade de um integrado da Sadia Avícola.....	67
Figura 12 – A família do avicultor integrado nas dependências de um aviário.....	67
Figura 13 – Foto das dependências de um aviário de frangos.....	68
Figura 14 – Moradores do Bairro Colatto. Maio de 1982.....	90
Figura 15 – FAF homenageando funcionários da Sadia Avícola.....	113
Figura 16 – Time de Futebol de funcionários da Sadia, O Verona.....	115
Figura 17 – Time de Futebol de funcionários da Sadia, O Barragem.....	115
Figura 18 – Campeonato do Dia do Trabalho na Sadia Avícola.....	117
Figura 19 – Participantes do curso de culinária.....	119
Figura 20 – Clube de Mães do Bairro Colatto, 1982.....	128
Figura 21 – Vista aérea da cidade de Chapecó, final da década de 1960.....	157
Figura 22 – Vista aérea da cidade de Chapecó, década de 1980.....	158

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Distribuição da População Rural e Urbana do Município de Chapecó..	43
Tabela 2 – Características principais das condições do domicílio das famílias que residiam no município de Chapecó.....	45
Tabela 3 – Origem dos financiamentos obtidos pelos agricultores de Chapecó.....	56
Tabela 4 – Procedência dos Migrantes que chegaram em Chapecó (1970-90).....	77
Tabela 5 - Algumas características principais das condições do domicílio.....	92
Tabela 6 – Quantidade de Máquinas e instrumentos agrícolas.....	156
Tabela 7 – Uso de fertilizantes, Defensivos e Práticas de Conservação do Solo...	156

Lista de Gráficos

- Gráfico 1** – Finalidade dos investimentos obtidos pelos agricultores de Chapecó..57
- Gráfico 2** – Número de propriedades integradas de aves da Sadia Avícola.....61
- Gráfico 3** – Rendimento médio mensal das famílias residentes em Chapecó.....123
- Gráfico 4** – Número de processos encaminhados à Justiça do Trabalho.....139

Lista de Siglas

- SAC – Sociedade Amigos de Chapecó.
PTB – Partido Trabalhista Brasileiro
PSD – Partido Social Democrata
UDN – União Democrática Nacional
CTG – Centro de Tradições Gaúchas
CRC – Clube Recreativo Chapecoense
EFAPI – Exposição Feira Agropecuária e Industrial
SNO – Secretaria dos Negócios do Oeste
ARENA – Aliança Renovadora Nacional
MDB – Movimento Democrático Brasileiro
AIRA – Associação Oestina de Imprensa e Radiodifusão
SAICC – S/A Indústria e Comércio Chapecó
CREI – Carteira de Crédito Agrícola e Industrial
INPS – Instituto Nacional de Previdência Social
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
FUNAGRI – Fundo Nacional para Indústria e Agricultura
FUNDECE – Fundo de Democratização do Capital das Empresas
FIPENE – Financiamento as Pequenas e Médias Empresas
ACARESC – Associação de Crédito e Assistência Rural de Santa Catarina
ARCAR – Associação de Crédito e Assistência Rural
MMA – Movimento das Mulheres Agricultoras
CPT – Comissão Pastoral da Terra
CBEs – Comunidades Eclesiais de Base
PRC – Partido Republicano Catarinense
EPI – Equipamento de Proteção Interna
CIPA – Campanha Interna de Prevenção de Acidentes
FAF – Fundação Attilio Fontana
SITRIAL – Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Alimentação de Chapecó.

RESUMO

Esta pesquisa procurou discutir/problematizar a trajetória dos migrantes de procedência rural no processo de adaptação das formas de trabalho e a reinvenção das relações sócio culturais nos núcleos urbanos que se constituíram próximo ao frigorífico Sadia de Chapecó. A reorganização desses espaços esteve intimamente relacionada com o desenvolvimento do capital agroindustrial em Chapecó e às mudanças nas formas de trabalho que estavam acontecendo no meio rural do município e região. Nesse processo de mudanças nas relações de trabalho, muitos agricultores, jovens e famílias buscaram as oportunidades de emprego disponibilizadas pelas indústrias frigoríficas de Chapecó, especialmente a partir do final da década de 1970 e início dos anos 1980. Nesse período o setor agrícola presenciou profundas mudanças nas práticas de trabalho (iniciadas com uso de novas técnicas e tecnologias agrícolas) que juntamente com outros fatores impulsionaram uma intensa migração campo-cidade.

Palavras – Chave: produtores integrados, indústria frigorífica, operários.

ABSTRACT

This research tried to demonstrate how occurred the rearrangement of the work forms, leisure and sociability of the immigrants of agricultural origin that had established in the urban nucleus, in the neighborhoods of Sadia cold storage room in Chapecó. The reorganization of these spaces was closely related to the development of the agro-industrial capital in Chapecó and to the changes in the work forms that were happening in the rural environment at the city and region. In this process of changes in the work relations, many farmers, young and families had looked for opportunities of work available by the cold storage room industries of Chapecó, in order to overcome its condition of life.

Words - Key: integrated, cold storage room industry, workers.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa visa discutir a trajetória dos migrantes de procedência rural no processo de adaptação das formas de trabalho e a reinvenção das relações socioculturais nos núcleos urbanos que se constituíram próximo ao frigorífico Sadia de Chapecó. Grande parte das famílias que se alocaram nos arredores da Sadia o fez motivada pelas oportunidades de emprego disponibilizadas pela empresa, especialmente a partir do final da década de 1970 e início dos anos 1980, período em que o setor agrícola vivenciava profundas mudanças nas práticas de trabalho (iniciadas com uso de novas técnicas e tecnologias agrícolas) que, juntamente com outros fatores, impulsionaram uma intensa migração campo-cidade.

O desenvolvimento industrial de Chapecó foi (e ainda é) marcado pela indústria de alimentos, sobretudo as do ramo frigorífico, que se instalaram a partir da década de 1950, mas que só se expandiram, com mais intensidade, a partir do final da década de 1970. O sucesso dessas empresas esteve intimamente relacionado à forma de organização da produção de alimentos que vincula indústria e agricultor no chamado sistema de produção integrada. Este modelo permite à indústria o controle da produção que é comercializada e manufaturada pela empresa. A forma de produção integrada utilizada atualmente pela grande maioria das empresas de caráter agroindustrial é baseada no sistema de produção norte-americano e foi implantada no Brasil a partir da década de 1950, por Attilio Fontana, sócio-dirigente e fundador do Grupo Sadia.

Assim, tendo como referência alguns elementos que marcaram as décadas de 1970 e 1980 em Chapecó e região, tais como a intensa migração campo-cidade, o uso de novas técnicas e tecnologias agrícolas e o desenvolvimento agroindustrial, tentamos problematizar na pesquisa como se posicionaram os agricultores nesse cenário de mudanças nas formas de produção.

No primeiro capítulo, apresentamos uma breve discussão sobre o processo de constituição da cidade de Chapecó, desde a instalação das primeiras indústrias frigoríficas e seus projetos de desenvolvimento econômico, baseado no incremento do setor industrial, então iniciado pelas autoridades políticas e econômicas que buscavam maneiras de chamar a atenção para Chapecó e de atrair o capital industrial, especialmente o de caráter agroindustrial. Para ilustrar melhor essas iniciativas optamos por mostrar os ideais, as

perspectivas e as ações que estavam sendo dispostas no município. Para isso, adentramos nos arranjos que constituíram a festa de comemoração dos 50 anos de existência do município de Chapecó. Na ocasião festiva foi possível perceber os acontecimentos que estavam sendo rediscutidos, o enaltecimento de fatos, os momentos de despertar emoções e, simbolicamente, solidificar imagens da sociedade chapecoense que primava pelo desenvolvimento econômico industrial.

Para a construção desse capítulo foi importante considerar que a festa é um “tipo de ocasião dotado de funções e formas comuns em qualquer sociedade – eternos rituais de inversão, momentos universais de suspensão de conflitos e regras, ou fusão de diferenças em uma única torrente burlesca...”¹. Foi importante também a advertência exposta por Mikhail Bakhtin, para quem “as festividades têm sempre uma relação marcada com o tempo”², o que nos fez pensar a ocasião festiva como parte de um contexto mais amplo, inserido e influenciado por fatores internos e externos. Além disso, pensar a festa como “mediadora entre os anseios individuais e os coletivos, mito e história, fantasia e realidade, passado e presente, presente e futuro, nós e os outros”³. Nesse sentido, optamos pelo estudo da festa, pois geralmente essas ocasiões podem: “revelar e exaltar as contradições impostas à vida humana pela dicotomia natureza e cultura, mediando ainda os encontros culturais e absorvendo, digerindo e transformando em pontes, os opostos tidos como inconciliáveis”⁴ de uma sociedade ou grupo social.

No segundo capítulo procuramos mostrar como se deu o processo de instalação e expansão do capital agroindustrial em Chapecó, analisando as mudanças nas formas de trabalho experimentadas pelos colonos, mediadas pelas políticas públicas e pelo avanço do capital agroindustrial. Esse capítulo, particularmente, me fez recordar e refletir minha vivência por quase duas décadas no campo, onde presenciei a política de gerenciamento que estruturava a forma de produção integrada, os mecanismos de dominação e controle dos produtores integrados. Mas essa experiência que me auxiliou a entender melhor a relação entre integrado e agroindústria, por outro lado, encobria os meus olhos para a

¹ CUNHA, Maria C. P. (Org.). **Carnavais e outras f(r)estas**. Ensaios de história social da cultura. Campinas: Ed. Unicamp, 2002, p. 11.

² BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**. O contexto de François Rabelais. Trad. Yara Frateschi. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1999, p. 80.

³ AMARAL, Rita de Cássia. **Festa à brasileira**. Sentidos de festejar no país que não é sério. 2001. Disponível em: <http://www.aguaforte.com/antropologia/festaabrasileira/festa.html>

⁴ Id.

perspectiva de que os agricultores também foram sujeitos da história e que, apesar da política que os envolvia com as empresas de caráter agroindustrial, os mesmos se articulavam e, como num campo de forças, agiram movidos por interesses individuais e coletivos e manifestavam maneiras de resistir às regras disciplinares da empresa. Para chegar a essas considerações, foram importantes os comentários de Raymond Williams que alertavam: “O campo e a cidade são realidades históricas em transformação tanto em si próprias quanto em suas inter-relações”⁵. Segundo o autor, “as poderosas imagens que temos da cidade e do campo constituem maneiras de nos colocarmos diante de todo um desenvolvimento social”⁶. Nesse sentido, para compreendermos os conceitos de campo e de cidade, é preciso “examinar suas inter-relações e, através delas, a forma concreta da crise subjacente”⁷, que tornou o campo e a cidade realidades ambíguas, conformadas ao longo do desenvolvimento capitalista.

No terceiro capítulo procuramos discutir como os migrantes de procedência rural que se instalaram próximo ao frigorífico Sadia vivenciaram o processo de adaptação às condições de moradia e trabalho na indústria frigorífica. Com esse fim tentamos mostrar imagens das condições de moradia no bairro e como se instituía as relações de camaradagem, solidariedades e conflitos entre os trabalhadores que, na maioria dos casos, compartilhavam de uma experiência de vida semelhante, eram ex-colonos que demandavam a cidade em busca de emprego nos quadros da indústria frigorífica, de modo a superarem suas condições de vida. Neste capítulo, busquei inspiração nos textos de E. P. Thompson que chamam a atenção para a importância das tradições culturais e as experiências vivenciadas pela classe trabalhadora. Uma outra fonte importante foi a obra de José Sergio Leite Lopes (*A tecelagem dos conflitos de classe na cidade das chaminés*), que mostra os mecanismos de dominação e sua interiorização, bem como as resistências articuladas entre os operários da Companhia de Tecidos Paulista, em Pernambuco. José Sergio Leite Lopes também nos instigou a pensar a formação de uma cultura fabril na qual convivem ambigualmente a interiorização da dominação e uma certa “microfísica da resistência”.

⁵ WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade na história e na literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 387.

⁶ Id., p. 397.

⁷ Id.

Além disso, creditamos que seja importante para o estudo desses trabalhadores perceber o alcance da política de gerenciamento da empresa, fora dos limites da fábrica. Adentramos na constituição do bairro próximo à empresa, percebendo como esse espaço foi se armando e se constituindo, percorrendo traços das condições de vida, convivência, no processo de rearranjo das tradições socioculturais dos ex-colonos no espaço urbano. O bairro foi se conformando *pedaço por pedaço* pelo esforço dos seus moradores que, na ausência de assistência pública, foram improvisando e reivindicando espaços que permitissem aos moradores se identificarem.

Temos de frisar ainda que o texto apresentado foi possível graças às várias fontes estudadas no transcorrer da pesquisa, entre elas: reportagens de jornais e revistas de circulação local e estadual, depoimentos orais, fotografias, documentos da empresa conseguidos por meio de ex-funcionários da Sadia, e os processos da Justiça do Trabalho. Todas essas evidências permitiram dar visibilidade e, de certa forma, constituíram pedaços da história dos trabalhadores da indústria frigorífica de Chapecó.

I

A Cidade em Festa: ideais, perspectivas e ações nos festejos dos 50 anos do município de Chapecó

1.1 – 1967. O Ano da Esperança!

Uma sucessão de fatos e acontecimentos devem credenciar **1967** como **Ano da Esperança. Para o chapecoense a passagem do cinquentenário é razão para muita alegria e muitas realizações. As tintas com as quais se pintam os panoramas que poderão surgir em 1967 são de um colorido ímpar e conforta a quem espera neste ano a possibilidade de concretizar os sonhos mais luminosos**⁸.

Os momentos de comemoração são geralmente ocasiões extraordinárias na vida das pessoas e podem apresentar ações e ideais que expressam formas de agir e pensar de uma sociedade ou grupo social, envolvidos pelo *clima de festa*. A comemoração dos 50 anos do município de Chapecó tem sido lembrada como o momento em que se buscou demonstrar os rumos econômicos que o campo e a cidade deveriam seguir para elevar a “centelha do progresso”. Assim, dizeres como o “ano da esperança”, a “possibilidade de concretizar sonhos”, os “panoramas que poderão surgir” precisavam ser simbolicamente dinamizados nos eventos festivos.

Compreendemos que a ocasião comemorativa pode revelar situações e condições propícias para se “espiar uma rica miríade de práticas, linguagens e costumes, desvendar disputas em torno de seus limites e legitimidade, ou da atribuição de significados e sentir as tensões latentes sob as formas lúdicas”⁹ de uma sociedade ou grupo social.

⁸ 1967! Chegou o ano da esperança. **Jornal Folha d'Oeste**, Chapecó, 11/01/1967, p. 1. Grifos Meus.

⁹ CUNHA, Maria C. P. Apresentação. In: _____ (Org.). **Carnavais e outras f(r)estas**. Ensaios de História Social da Cultura. Campinas: Ed. Unicamp, 2002, p. 12.

Nesse sentido este capítulo tem por objetivo investigar, através da análise de um evento festivo – a comemoração dos 50 anos de fundação do município de Chapecó – algumas representações da vida social, política e econômica da população chapecoense, tendo em vista que, nesse período, tornou-se mais expressiva a idéia de promover o desenvolvimento industrial do município, evidenciando o aproveitamento da matéria-prima produzida pelos colonos,¹⁰ como, milho, soja, carne suína. Trata-se de perceber como a comissão organizadora dos festejos, envolvida pelos preceitos da política econômica que ritmava todo o país (visando ao aumento da produtividade agrícola), destacou a necessidade da expansão ou instalação de novas indústrias processadoras de alimentos em Chapecó.

O município foi oficialmente criado em 1917, após se resolverem as questões de limites entre Paraná e Santa Catarina durante o conflito que ficou conhecido como Guerra do Contestado¹¹. Desde então, intensificou-se o processo de ocupação da região com a ação de empresas colonizadoras particulares que incentivaram a vinda de famílias do Rio Grande do Sul, especialmente a partir de 1920. Durante o século XVIII essa região já havia sido ocupada esparsamente pelas fazendas de criação de gado, instaladas por fazendeiros de São Paulo e Paraná, notadamente nas áreas de campo na porção setentrional, enquanto as matas do sul seriam ocupadas no século XIX e início do XX principalmente por caboclos que se dedicavam à extração da erva-mate¹².

Com a chegada dos migrantes rio-grandenses (descendentes de teutos e ítalos), constituíram-se vários núcleos de povoamento em diversas localidades da região. Em 1967, Chapecó já havia gerado outros 33 municípios e mantinha-se conhecida como a *Capital do Oeste*, por possuir a “sede de uma Secretaria do Estado, sede do bispado, sede do 2º Batalhão Militar, possuir corpo de bombeiros, indústria e comércio em ‘franco

¹⁰ O termo *colono* designa “trabalhador familiar que não só mora mas trabalha na *colônia*, ou seja, na roça, na lavoura”. (RENK, Arlene. Questões sobre a migração urbana e o êxodo rural em Chapecó. **Revista Grifos**, Chapecó, n. 1, p.25, jul. 1994.) Esse termo foi amplamente estudado também por Giralda Seyferth.

¹¹ Para saber mais sobre a Guerra do Contestado, ver AURAS, Marli. **Guerra do Contestado: a organização da irmandade cabocla**. Florianópolis: Ed. UFSC, 1995; MACHADO, Paulo P. **Lideranças do Contestado**. Campinas: Ed. Unicamp, 2004.

¹² Para saber mais sobre o processo de colonização e ocupação de Chapecó e da região ver: BELLANI, Eli M. **Madeiras, balsas e balseiros no Rio Uruguai**: o processo de colonização do velho município de Chapecó. Florianópolis: Ed. Grifos, 1991; RENK, Arlene. **A luta da erva**. Um ofício étnico no Oeste de Santa Catarina. Chapecó: Grifos, 1997; NODARI, Eunice. **A renegociação da etnicidade no Oeste de Santa Catarina (1917-1954)**. 1999. Tese de Doutorado – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

progresso”¹³. Em vista disso, um grupo que se intitulava de “idealistas” congregados na Sociedade Amigos de Chapecó – SAC, “sonhando com melhores dias para Chapecó e região”, organizou a programação dos festejos comemorativos, com a finalidade de aproveitar a oportunidade para buscar “a valorização dos nossos elementos de produtividade e de nosso ambiente social e cultural”¹⁴. Era tempo de recordar a “grandeza da colméia de trabalho” que havia criado aquele território “fecundo”. Momento de exaltar os homens e as mulheres que, “unidos pelo sentimento do progresso”, fizeram de Chapecó uma das “bases territoriais mais promissoras de Santa Catarina”¹⁵. A sucessão de eventos constituiu momentos de trazer à tona a memória, o passado, projetar o futuro e tentar equacionar soluções para os problemas que entravavam o progresso do município e região. De certa forma, a ocasião revela que, durante o festejo, um *retrato da cidade* estava sendo constituído e ganhava visibilidade no imaginário comemorativo logrado pela memória coletiva inventada em torno da ocasião¹⁶ e, a todo o momento, interpretações e representações dos 50 anos precedentes estavam sendo ressignificadas.

1.2 – Tintas para pintar os panoramas: os preparativos da festa

Os preparativos da festa iniciaram-se a partir de junho de 1966, praticamente um ano antes da comemoração que aconteceria em 25 de agosto do ano seguinte. Para tratar da programação do cinquentenário, o prefeito municipal Sady de Marco (eleito no pleito de outubro de 1965 pela coligação PTB e PSD) convocou uma reunião com “os mais altos próceres das classes vivas da cidade”¹⁷ para formar um grupo que estivesse disposto a comandar a organização dos festejos. Nessa ocasião foi criada a Sociedade Amigos de Chapecó – SAC, cuja comissão central congregava as principais lideranças políticas e econômicas do município, como: “o Prefeito Municipal, Secretário do Oeste, Bispo Diocesano, presidentes do Lions e Rotary, representantes do comércio e da indústria, representantes do poder judiciário, representantes da câmara municipal e imprensa escrita e

¹³ Chapecó reivindica ser a capital do Oeste. **Jornal O Estado**, Florianópolis, 15/09/1967, p. 2.

¹⁴ Feiras, exposições e seus resultados. **Jornal Folha d’ Oeste**, Chapecó, 21/01/1967, p. 1.

¹⁵ Mensagem ao povo de Chapecó da Sadia. **Álbum do Cinquentenário de Chapecó**. Chapecó, 1967, s/p.

¹⁶ LOFEGO, Silvio L. 1954 – A cidade aniversariante e a memória coletiva. O IV Centenário da Cidade de São Paulo. **Projeto História**, São Paulo, n. 20, p. 301, abr. 2000.

¹⁷ Sociedade para o Cinquentenário. **Jornal Folha d’Oeste**, Chapecó, 15/06/1966, p. 5.

falada”¹⁸. A finalidade dessa comissão era dinamizar uma programação para a festa, no sentido de “propugnar pelos altos interesses do município”, ou seja, viabilizar uma forma por meio da festa de “trazer alguma coisa boa para Chapecó”¹⁹. Era freqüente nos discursos dos representantes da imprensa local, durante os preparativos da festa, chamar atenção de que “investir em Chapecó deveria ser o lema das comemorações do cinquentenário”, com a intenção de promover “não só o progresso econômico e regional, mas também, o bem-estar social”²⁰ da população que residia no Oeste Catarinense²¹.

Nesse sentido, e com o pensamento voltado para o “desejo de proporcionar uma grande festa a seu povo”, o prefeito municipal iniciou o embelezamento dos canteiros centrais da Avenida Getúlio Vargas e “acertou a vinda do famoso pintor e desenhista Péricles de Florianópolis”, para a ornamentação das ruas e logradouros públicos da cidade para os festejos²². As obras de aformoseamento do espaço urbano se restringiram ao centro da cidade, eram “obras para embelezar a festa do cinquentenário”, com o calçamento das principais ruas, a conclusão de obras como pontes, canteiros e bancos da Avenida central. O destaque foi à praça Coronel Bertaso, que “ganhará um chafariz de luzes em profusão cuja aquisição será feita na cidade de São Paulo, bem como será modificada a iluminação da referida praça visando mais beleza, mais conforto e mais requinte”²³.

Os moradores do centro da cidade também se empenharam em “embelezar suas casas pintando-as (...) tudo com o fim nobre que é o de tornar a bela Chapecó, cidade hospitaleira e acolhedora para o jubileu”²⁴. Assim, a cidade que antes era descrita como “abandonada e jogada ao *Deus dará*, ruas sujas e mal cuidadas, sem passeio, sem calçamento, prédios despintados, corroídos e desbotados”²⁵, tornava-se o palco de um novo cenário, montado para impressionar os visitantes. Nos discursos dos representantes da

¹⁸ Id.

¹⁹ Tribuna do Cinquentenário. **Jornal Folha d’Oeste**, Chapecó, 20/05/1967, p. 1.

²⁰ Industrializar para não perecer. **Jornal Folha d’Oeste**, Chapecó, 24/06/1967, p. 3.

²¹ *Oeste Catarinense* é a área que compreende as microrregiões de São Miguel do Oeste, Chapecó, Xanxerê, Joaçaba e Concórdia.

²² Prefeito de Chapecó: dinamismo, embelezamento e austeridade. **Jornal Folha d’Oeste**, Chapecó, 11/03/1967, p. 1.

²³ Obras para embelezar a festa do Cinquentenário. **Jornal Folha d’Oeste**, Chapecó, 20/05/1967, p. 1. O *Coronel Ernesto Bertaso* estava ligado ao comércio da terra e da madeira. Era dono de uma das mais importantes empresas colonizadoras que intermediaram a colonização de Chapecó por migrantes sul-rio-grandenses.

²⁴ Chapecó: cidade rica onde a mendicância impetra. **Jornal Folha d’Oeste**, Chapecó, 19/08/1967, p. 3.

²⁵ Como vi o ano de 1967. **Jornal Folha d’Oeste**, Chapecó, 25/12/1967, p. 7.

comissão organizadora e nos meios de divulgação, foi possível perceber o empenho de fazer da festa um meio de mostrar Chapecó e o Oeste Catarinense para o estado e até mesmo para o país: “Conhecerão todos que aqui vierem a grandiosidade do povo oestino, por seu trabalho, por sua luta, pela sua dignidade e pela sua vontade de crescer”²⁶.

A cidade, representada pela comissão organizadora dos festejos como *hospitaleira, acolhedora e promissora*, queria agora se tornar conhecida pelos “aspectos do seu trabalho e produção”, já que alguns acontecimentos do início da década de 1950 haviam apresentado Chapecó como uma terra “onde o gatilho do revolver se constituiria na lei maior”²⁷. Essa idéia remonta aos episódios da queima da Igreja matriz de Chapecó e, após alguns dias, o linchamento de quatro pessoas que estariam supostamente envolvidas com o incêndio. O linchamento representou, de acordo com Mônica Hass, uma manifestação do mandonismo local, envolvendo a perda da hegemonia política municipal do PSD, ligado à elite econômica do comércio da terra e da extração da madeira. Segundo a autora, tudo começou na noite do dia 4 de outubro de 1950, um dia após a eleição municipal, quando a igreja católica local foi destruída por um incêndio. Dois dias depois ocorreu mais um incêndio na cidade, desta vez na serraria da família Baldissera. O delegado foi à procura dos culpados e prendeu dois “forasteiros”, chamados de Romano Ruani e Ivo de Oliveira Paim, que desde o início do mês perambulavam pela cidade. Sob tortura, os dois confessaram ter cometido os incêndios e acusaram Orlando Lima de mentor dos planos, envolvendo também o irmão de Orlando, Armando Lima²⁸. Ainda, de acordo com Mônica Hass, os quatro foram indiciados por formação de quadrilha. O delegado Arthur Argeu Lajus, industrial-madeireiro e ex-prefeito, responsável pela prisão, tortura e morte dos indiciados, utilizou-se da indignação de certos elementos, motivados pelo fanatismo religioso, para tentar esconder as arbitrariedades cometidas no exercício do seu cargo. O delegado, juntamente com ex-colaboradores e membros da elite local, motivou a participação de um numeroso grupo no arrombamento da cadeia, a fim de qualificar os crimes como resultado de uma manifestação popular incontrolável. No transcorrer dos fatos que resultaram no

²⁶ Assopremos juntos as 50 velinhas. **Jornal Folha d' Oeste**, Chapecó, 31/05/1967, p. 3.

²⁷ Chapecó: Metrópole do Oeste! **Revista Catarinense**. Florianópolis, n. 9, p. 44, 1969.

²⁸ HASS, Mônica. **Os partidos políticos e a elite Chapecoense: um estudo de poder local – 1945 a 1965**. Chapecó: Grifos, 1997, p. 238-240.

linchamento, “evidencia-se aspectos de conflito entre partidos políticos fruto de resquícios da campanha eleitoral”²⁹. Essa constatação ocorre quando se sabe que:

dois dos presos, os irmãos Lima, que foram mortos, sendo inocentes, estavam ligados ao PTB (partido que está para assumir o comando da prefeitura municipal); o advogado Roberto Machado, que tenta defendê-los, era vinculado à UDN (com quem o PTB estava coligado) e o delegado de polícia Arthur Argeu Lajus, responsável pelas prisões, ao PSD (partido ameaçado de perder o comando da política local)³⁰.

Como o fato foi muito noticiado nacional e internacionalmente pelos meios de comunicação, prevaleceu a idéia de que em Chapecó existiam bandidos, foras-da-lei e pessoas mal intencionadas, um local onde a “vida social inexistia, onde o índice de cultura baixaria, onde o *progresso* e desenvolvimento seriam palavras ausentes nos dicionários”³¹ desta população. Em vista disso, era preciso desmistificar a idéia em questão: “em verdade o Oeste não era isso! Jamais o fora!”. Essa imagem precisava ser ressignificada, relegando os fatos como um problema comum de qualquer território ou “comunidade em fase de crescimento”. A reportagem seguia dizendo que “de concreto o que realmente existia era uma região que estava sendo colonizada e, por isso mesmo, sofrendo todas as injunções, enfrentando todos os obstáculos que caracterizam as primeiras etapas de um processo evolutivo”³². De certa forma, os organizadores da festa “debruçavam-se sobre o passado” para nele buscar somente as “fontes simbólicas” que fossem capazes de construir uma inteligibilidade para o presente, tornando-o passível de ressignificar certos acontecimentos e projetar uma imagem futura³³.

O jornalista e colaborador do Jornal Folha d’ Oeste Dino Patussi relata que, naquela época, os habitantes locais eram conhecidos em Florianópolis como os *beócios*, em comparação aos moradores de uma comunidade essencialmente agrária da civilização grega caracterizada como sem cultura, distante das atividades artísticas e culturais que aconteciam em Atenas³⁴. Essa comparação, de certa forma, adquire sentido, pois, além da imagem já relatada, o município de Chapecó apresentava várias deficiências em termos de infra-

²⁹ Id.

³⁰ Id.

³¹ Chapecó: Metrópole do Oeste! **Revista Catarinense**. Florianópolis, n.9, p. 44, 1969.

³² Id.

³³ VELLOSO, Mônica P. Come, morá? Descobrimto, comemoração e nacionalidade nas revistas humorísticas ilustradas. **Projeto História**, São Paulo, n. 20, p. 129, abr. 2000.

³⁴ Dino Patussi. Depoimento concedido à autora em 15/10/2004.

estrutura, principalmente a falta de estradas e energia elétrica, escolas, hospitais, aumentando a sensação de abandono e esquecimento dessa localidade.³⁵

Por isso os preparativos que antecederam aos festejos – cronograma da programação, mobilização das pessoas envolvidas com a organização do evento, ornamentação da cidade – confirmam o quanto era importante destacar a imagem de *cidade promissora*, já que, naquela ocasião, a cidade era uma das primeiras do país com o traçado das ruas delineado no estilo de cidades planejadas, como, Brasília, Maringá, Curitiba e Belo Horizonte³⁶.

As atividades festivas ocorreram principalmente de junho a outubro de 1967 com diversos eventos, entre os principais o baile gauchesco no Centro de Tradições Gaúchas – CTG, o baile da Imprensa ocasião, em que, foram escolhidas as candidatas a Rainhas do Oeste e do Cinquentenário, o show com artistas locais e o baile de gala com coroação das Rainhas do Oeste e do Cinquentenário no Clube Recreativo Chapecoense – CRC, além de tardes dançantes, gincanas, a organização de uma exposição-feira e um desfile de estudantes representando a história local, que teve lugar na avenida central. Para dinamizar o andamento dos preparativos dos eventos, os membros da SAC se dividiram em comissões e cada qual ficou responsável por organizar uma parte das atividades festivas.

O principal evento da festa cinquentenária foi a Exposição Feira Agropecuária e Industrial – EFAPI e tinha como finalidade mostrar “o desenvolvimento das mais diversas atividades econômicas da região do extremo Oeste de Santa Catarina”, região que até então era “muito falada mas pouco conhecida”³⁷. A I EFAPI realizada em Chapecó, mas com caráter de uma Feira regional, pois a SAC convidou os prefeitos da região para que divulgassem e incentivassem os representantes da classe econômica – empresários,

³⁵ Em 1962, no Oeste de Santa Catarina e Sudoeste do Paraná, surgiu o movimento de formação do Estado do Iguazu, baseado numa idéia do Governo Vargas que em 1943 criou o Estado do Iguassu, que existiu temporariamente até 1946. O movimento liderado por políticos (prefeitos, vereadores), clubes de serviços (Lions, Rotary), dirigentes esportivos, empresários, sindicalistas e religiosos – os chamados setores organizados da sociedade – que, através de suas instituições, trabalham para o assim chamado bem comum, em prol da comunidade, era baseado na idéia de “vazio político” criado pelo abandono por parte dos governos de Santa Catarina e do Paraná, frente à necessidade de infra-estrutura, exigida pela forte migração da época, vinda especialmente do Rio Grande do Sul. Para saber mais sobre essa questão, ver: OLIVEIRA, Licério de. **“Estado do Iguazu”**. O regionalismo em questão. 1998. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

³⁶ O plano urbanístico da cidade de Chapecó foi planejado por Ernesto Bertaso colonizador e madeireiro. Para saber mais sobre isso conferir: NODARI, op. cit.

³⁷ Jornal Folha d’ Oeste. **Exposição de Chapecó**, Chapecó, 12/09/1967, p. 17.

comerciantes e proprietários rurais – dos municípios a participar do evento, foi organizada com a intenção de mostrar aos visitantes as potencialidades de que a região dispunha. Para a realização da exposição-feira, foi preciso viabilizar verbas e doações de expressivo valor monetário, procedentes de políticos e empresários locais. Era necessário construir pavilhões, escolher um local apropriado, divulgar o evento e contar com o apoio de empresários, políticos, agrônomos e veterinários dispostos a expor nos estandes ou a dar assistência no planejamento e andamento da feira. O terreno doado para a construção dos pavilhões ficava nas proximidades da Força e Luz, usina hidrelétrica responsável pelo fornecimento de energia à cidade. Serafim E. Bertaso, um dos acionistas majoritários da empresa e Secretário do Oeste³⁸, intermediou a doação do terreno que até hoje é o local onde se realizam as exposições. Como podemos observar na figura 1, o local proporcionou uma imagem visual *de efeito* para o parque de exposições.



Figura (1) Parque de Exposições da I EFAPI – 1967.
Fonte: Acervo Foto Studio Zollet.

³⁸ Chapecó, desde 1963, conta com uma Secretaria Estadual descentralizada da capital “para atender ao Oeste Catarinense em franco progresso (...). Assim em 17 de agosto de 1963, por Lei da Assembléia Legislativa, era criada a Secretaria do Oeste, com sede em Chapecó, centro e pólo de desenvolvimento daquela parcela do território catarinense. A descentralização de assuntos relativos à área para aquela Secretaria serviu para dar mais impulso ao *eldorado oestino*”. (Secretária do Oeste. **Revista Catarinense**. Florianópolis, n. 19, p. 42, 1972). Mas, de fato, segundo Licério Oliveira, essa Secretaria foi criada para conter o movimento em prol da formação do Estado do Iguazu. Ver: OLIVEIRA, op. cit.

Para a infra-estrutura do lugar, contou-se com o auxílio da Secretaria do Oeste, que “destinou uma verba de 100 milhões de cruzeiros para construção de parte dos pavilhões de exposição”. Além disso, o “prefeito municipal conseguiu junto à câmara municipal uma verba de 20 milhões de cruzeiros”³⁹ para colaborar com as obras de construção do parque de exposições. Dessa forma, é possível compreendermos que houve uma expressiva mobilização, principalmente de políticos e empresários, num esforço conjunto a fim de preparar a cidade para as atividades festivas. Por outro lado, o aparente empenho de todas as lideranças políticas e empresariais deixa transparecer, no que não foi dito, as divergências que contornavam os preparativos da festa.

Um exemplo das tensões que envolviam os festejos se manifesta nas críticas quanto à forma de divulgação dos eventos e evidencia que nem todos os membros das *classes vivas* da sociedade chapecoense estavam empenhados no mesmo sentido. João Linhares,⁴⁰ em entrevista concedida ao Jornal Folha d’Oeste no dia 10 de maio de 1967, destacava que “oestinos e chapecoenses desconhecem a programação das festividades pois, do que idealiza a SAC não há a devida publicidade”. Ele sugeria aos responsáveis dos festejos “que se imprima um folheto um livreto de 2 folhas digamos quinzenal ressaltando as decisões da SAC e fazendo sua distribuição aos municípios vizinhos por via postal e entre os chapecoenses nas capelas do interior a saída das missas de sábados e domingos”, para divulgar a ocasião comemorativa. João Linhares questionava ainda por que a “mulher chapecoense não participa, ainda que não convidada, na realização desses concursos e bailes”⁴¹ e, referindo-se à publicidade dos eventos, enfatizava:

Quando falo em propaganda falo daquelas de altura de um cinquentenário: decalcomania, instalação de alto falantes [sic], jingles modernos que deverão ser distribuídos nas emissoras da região e Estados vizinhos. Afora as sugestões acima, se faz necessário a distribuição as autoridades, convidados especiais, firmas, empresas e etc de uma publicidade de luxo sobre dados estatísticos de Chapecó (...) ⁴².

Em resposta aos questionamentos levantados por João Linhares, Valmor Lunardi, presidente da comissão responsável pelos preparativos da I EFAPI, salientou que a divulgação do evento, principalmente a exposição-feira, estava sendo feita com folhetos,

³⁹ Tribuna do Cinquentenário. **Jornal Folha d’Oeste**, Chapecó, 20/05/1967, p. 1.

⁴⁰ João Linhares era político representante da Arena e da Secretaria dos Negócios do Oeste, juntamente com Serafim E. Bertaso. Em 1970, João Linhares elegeu-se Deputado Estadual pela Arena.

⁴¹ Tribuna do Cinquentenário. **Jornal Folha d’Oeste**, Chapecó, 10/05/1967, p. 1.

⁴² Id.

decalcomania e também “tem-se contratado duas firmas cinematográficas, para a execução de quatro filmes documentários” enviados para municípios do Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina. “Esses filmes divulgavam nossa exposição e nossos festejos cinquentenais”⁴³. Além disso, ele destacou ainda que:

Já convidamos pecuaristas de Lages para comparecerem a nossa exposição. Combinamos com a chefia regional da Acaresc, no sentido que as inscrições de animais e produtos da lavoura sejam feitas por intermédio do pessoal daquela entidade. Estamos tentando conseguir junto ao Estado a concessão de liberdade fiscal para os animais em trânsito destinados a exposição⁴⁴.

Pelo visto, o *clima* que envolveu a organização da festa não foi tranqüilo e a idéia de insucesso deixou transparecer que nem todos os membros das *classes vivas* de Chapecó estavam engajados no mesmo sentido. Exemplo disso, aparece na mesma edição do jornal *Folha d’ Oeste*, de que consta a entrevista de João Linhares, a manchete de capa da edição foi a seguinte: “Prefeito não acredita no sucesso da festa cinquentenal de Chapecó”. Na reportagem Sady de Marco afirmava que, “se algumas organizações industriais e comerciais de nossa cidade negam-se a comprar decalcomanias, de valor ínfimo de um cruzeiro novo, muito menos arcarão com despesas maiores, em aquisição de stands, promoções publicitárias e outras que surgirão”. Isso indica que o sucesso da festa cinquentenária “seria apenas surpresa”, pois nem todas as entidades empresariais e políticas manifestavam o mesmo desejo: o êxito da ocasião comemorativa⁴⁵.

O cenário de desconfiança, de incerteza quanto aos rumos dos festejos demonstra que a SAC, entidade responsável pela organização da festa, presidida pelo prefeito, estava enfrentando certa oposição de alguns empresários de Chapecó; sendo assim, o apoio ao evento era limitado. Pressupõem-se também que os conflitos e as disputas de poder que estiveram dispostas na organização da festa cinquentenária, originam-se de disputas políticas, pois o evento organizado pela SAC exaltava de certa forma o nome de Sady de Marco (eleito pela coligação entre PTB e PSD), que contava com o apoio do governador Ivo Silveira (PSD) mediante as verbas, obras e equipamentos concedidos pelo governo estadual ao município durante os preparativos da festa.

⁴³ Tribuna do Cinquentenário. **Jornal Folha d’Oeste**, Chapecó, 20/05/1967, p. 1.

⁴⁴ Id.

⁴⁵ Prefeito não acredita no sucesso da festa cinquentenal de Chapecó. **Jornal Folha d’Oeste**, Chapecó, 10/05/1967, p. 1.

Recorrendo ao processo eleitoral que elegeu Sady de Marco – advogado e comerciante – em 3 de outubro de 1965, percebemos que desde então as disputas pelo poder estavam armadas. “A escolha de Sady de Marco envolvia um acordo político-partidário feito no âmbito estadual, contrariando os peessedebistas locais, que queriam um candidato a prefeito do próprio partido”⁴⁶. O PTB em Santa Catarina, visando a uma estratégia de crescimento do partido, realizou acordos com o PSD que compreendiam “a coligação em pleitos municipais, concorrendo como candidato a prefeito em muitos municípios, elementos do PTB apoiados pelo PSD”⁴⁷. Para Claiton M. Silva, uma ala do PSD deu apoio para que Sady de Marco concorresse à prefeitura municipal. Porém, “eles, (os Bertaso) eram contra Sady, mas o aceitaram, ‘porque tinha uma ata assinada por eles mesmos’ que dizia que o candidato seria do PTB”⁴⁸. A escolha do candidato à prefeitura de Chapecó não foi tranqüila e suscitou descontentamento de “alguns membros”, vinculados ao PSD, principalmente de Serafim E. Bertaso, que na época era Secretário da SNO e o principal líder do partido. As disputas:

(...) desenhavam-se principalmente em torno das lideranças do PSD, que era o maior partido de Chapecó na época e do qual se sobressaíam três lideranças: Arnaldo Mendes, Ernesto Bertaso e Plínio de Nês. No caso da escolha de Sady de Marco para disputar as eleições municipais, a influência de Plínio de Nês foi importante, tendo em vista a rejeição de grupos em torno do nome de Sady⁴⁹.

Em 1966, quando Sady de Marco iniciou o mandato de prefeito de Chapecó, o contexto político nacional era um tanto quanto conturbado. Com a promulgação do Ato Institucional nº 2, de 26/10/1965, foram extintos os partidos políticos existentes e forçou-se a criação de um sistema bipartidário no qual foram constituídos a Arena (Aliança Renovadora Nacional) e o MDB (Movimento Democrático Brasileiro).

Com o início do período bipartidário, Sady de Marco não filiou-se a nenhum partido durante toda a sua administração municipal (1966-69), pois, quem se voltava contra o governo era “simplesmente cassado”. O prefeito eleito conta que a Arena o convidou para ingressar na sigla, mas ele se recusou porque quem fazia parte da Arena era “a UDN e o PSD, mais a UDN que o PSD”⁵⁰.

⁴⁶ HASS, op. cit., p. 277.

⁴⁷ CARREIRÃO, Yan de Souza. **Eleições e sistemas partidários em SC: 1945-1979**. Florianópolis: Ed. UFSC, 1990, p. 81.

⁴⁸ SILVA, Claiton M da. **Os partidos políticos e o Regime Militar em Chapecó**. Relatório de Pesquisa. Chapecó: Depto. de Ciências Humanas, 2000, p. 21.

⁴⁹ Id., p. 26.

⁵⁰ Id., Ibid.

Para Claiton Silva, o prefeito não queria fazer parte da sigla especialmente por causa dos partidos extintos que se reuniam em torno do nome Arena e dos interesses que esses partidos defendiam. Por outro lado, o MDB era, segundo o próprio Sady, *oposição consentida*. O prefeito, que recusou filiar-se à Arena e destacando um apego ao MDB, incitou a cobiça de vários políticos e empresários que não apoiavam suas intenções políticas. Além disso, o discurso progressista adotado por ele e a viabilização de obras no ano do cinquentenário o promoviam como liderança política⁵¹.

Em 1966 e 1967, em concursos promovidos pela AIRA – Associação Oestina de Imprensa e Radiodifusão – sob o mote *Prefeito do Ano*, Sady de Marco conquistou essa premiação com a referência de “Prefeito campeão em calçamento”, destacando-se que, “em apenas nove meses de gestão já calçou mais que todos os prefeitos individualmente nos seus quatro anos (...). O moço visionário, que manda nos negócios municipais tem transformado a cidade e promete transformar muito mais para as festas do cinquentenário”⁵². Essa indicação visava escolher, dentre os prefeitos da região Oeste do estado, o que mais tivesse empenhando esforços em “diversos setores e atividades”⁵³ administrativas. Em 1967, esse título foi novamente concedido ao prefeito de Chapecó, sendo que as obras realizadas em função da organização da festa cinquentenária foram decisivas para que outra vez se escolhesse o nome de Sady de Marco como “Prefeito do Ano”⁵⁴.

A ocasião festiva foi propícia para alguns nomes se promoverem social e politicamente, enquanto outros, os que ficavam *de fora*, procuraram se manifestar de alguma forma, deixando de expor nos estandes, não patrocinando propagandas e recusando-se de alguma forma a incentivar a organização dos festejos. Ao que parece, temia-se que a

⁵¹ Id. Para Claiton M. da Silva, as transformações que ocorreram nas ruas, avenidas, praças, quase que apenas no centro da cidade, no período da administração de Sady de Marco, envolveram conflitos políticos que estavam entrelaçados com estas transformações ocorridas em Chapecó, principalmente a partir de 1966. Porém, a idéia que se passava para os visitantes, para as novas gerações da cidade, entre outras, era a de que Chapecó consistia numa cidade em que o “progresso” caminhava a passos largos. (SILVA, op.cit.)

⁵² Prefeito campeão em calçamento. **Jornal Folha d’Oeste**, Chapecó, 22/10/1966, p. 1.

⁵³ Profissionais da Imprensa indicam os melhores do ano. **Jornal Folha d’Oeste**, Chapecó, 29/01/1967, p. 1.

⁵⁴ Podemos perceber que as disputas de poder entre as lideranças políticas de Chapecó são constantes em torno da administração municipal de Sady de Marco, culminando na cassação do prefeito em 1969, pois, sendo ele simpatizante do PTB e no passado ter sido preso, em abril de 1964, por suspeita de ter participado do “grupo dos 11”, fazia de sua condição uma “ameaça à democracia”. (SILVA, op. cit.)

popularidade do prefeito, como representante político e presidente da SAC, crescesse ainda mais.

No transcorrer dos fatos, parece que, quanto mais se aproximava a ocasião comemorativa, mais a tensão aumentava, pois a imprensa local, que também se encarregava de anunciar a programação do cinquentenário, principalmente o Jornal Folha d'Oeste, colaborava “decisivamente na publicação ampla e gratuita dos assuntos relativos ao cinquentenário”, enquanto o mesmo não ocorria em outros meios de comunicação, em que “a cobertura não tem sido total e quanto a divulgação, isso acontece sob peso de dinheiro”. Dizia a mesma reportagem que o presidente da SAC, Sady de Marco, em virtude das divergências que estavam ocorrendo, formalizou a “renúncia passando o cargo ao vice-presidente”⁵⁵, demonstrando assim que as tensões eram latentes nos preparativos da festa. Essas constatações revelam que o espaço das comemorações geralmente se apresenta amplo, “abarcando posições heterogêneas em seu interior, com disputas e conflitos nas instituições encarregadas de promover e propagar os festejos”. As disputas, de certa forma, revelaram “o poder de canalização do evento”⁵⁶.

Apesar das tensões entre as autoridades políticas, que formavam também a elite econômica do município, a programação dos festejos cinquentenais seguia, ressaltando sempre o potencial econômico que o município e região dispunham:

Naquele dia, sentir-se-á pulsar com mais vigor o coração do Oeste. Nossa querida região será noticiada em todo o país. Indústrias de renome do Brasil estarão expondo seus produtos em nossos stands e seus representantes, ao vir à Chapecó, irão sentir **quão grandiosa é a região oestina**. Sentirão quanto importante é **investir capital em indústrias** básicas nesta região. Saberão os homens de negócios, que no Oeste situam-se as terras mais férteis do mundo. Serão informados esses homens de que o Oeste Catarinense ‘per capita’ é o maior **celeiro agrícola do país**. Conhecerão todos que aqui vierem, a **grandiosidade do povo** oestino, por seu trabalho, por sua luta, pela sua dignidade e pela sua **vontade de crescer**⁵⁷.

Além da EFAPI, o principal evento da festa, de certa forma em resposta às críticas de João Linhares, o presidente da comissão social, João Pasqualli, lançou o concurso *Boneca da Efapi*, providenciou a confecção de convites de luxo e organizou a escolha das candidatas a Rainha do Oeste e do Cinquentenário. Para expressar a presença infantil nos

⁵⁵ Não colaboração da Imprensa causa renúncia do Titular da SAC. **Jornal Folha d'Oeste**, Chapecó, 24/06/1967, p. 1.

⁵⁶ LOFEGO, op. cit., p. 301.

⁵⁷ Dia da I EFAPI, discurso proferido 4 meses antes de a feira acontecer. Assopremos juntos as 50 velhinhas. **Jornal Folha d'Oeste**, Chapecó, 31/05/1967, p. 3. Grifos Meus.

eventos festivos, promoveu-se o referido concurso, que “representa o desejo da comissão social em contar com a participação juvenil, oferecendo assim um colorido todo especial aos festejos jubilares de nossa cidade”⁵⁸. Para a animação das crianças, um parque de diversões foi instalado no local onde se realizou a exposição-feira, “o que deverá se constituir num autêntico sucesso”⁵⁹.

A sugestão de se fazer a divulgação de Chapecó a convidados especiais, para que “todos saibam de antemão o que apresentava a bela cidade com suas indústrias, clubes, avenidas, repartições, com as riquezas do interior que o cinqüentenário apresentará”, fez que a comissão organizadora dos festejos providenciasse a confecção de um convite de luxo que constituísse também uma “Lembrança do Cinqüentenário de Chapecó”, contendo dados informativos do município quanto ao “campo econômico, populacional, político, social, administrativo e urbanístico”. Esse convite, apresentando fotos e informações de Chapecó, tinha a incumbência de “construir excelente propaganda que chegará aos mais longínquos rincões”⁶⁰. Nele era possível visualizar as imagens dos principais estabelecimentos existentes na cidade (Figuras 5 e 7) e a possibilidade de expansão do espaço urbano (Figuras 3, 4 e 6), como podemos observar:



(Figura 2) Capa do Convite na forma de Lembrança do Cinqüentenário

⁵⁸ Festa jubilar contará com a presença infantil. **Jornal Folha d' Oeste**, 08/07/1967, p. 1.

⁵⁹ Tribuna do Cinqüentenário. **Jornal Folha d'Oeste**, Chapecó, 20/05/1967, p. 1.

⁶⁰ Tribuna do Cinqüentenário. **Jornal Folha d'Oeste**, Chapecó, 10/05/1967, p. 7-8.



Vista do Centro da Cidade. Em evidência a Avenida Getúlio Vargas (3), a Catedral Santo Antônio e a Praça Coronel Bertaso (4)



Figura (5) Estabelecimentos Bancários de Chapecó.

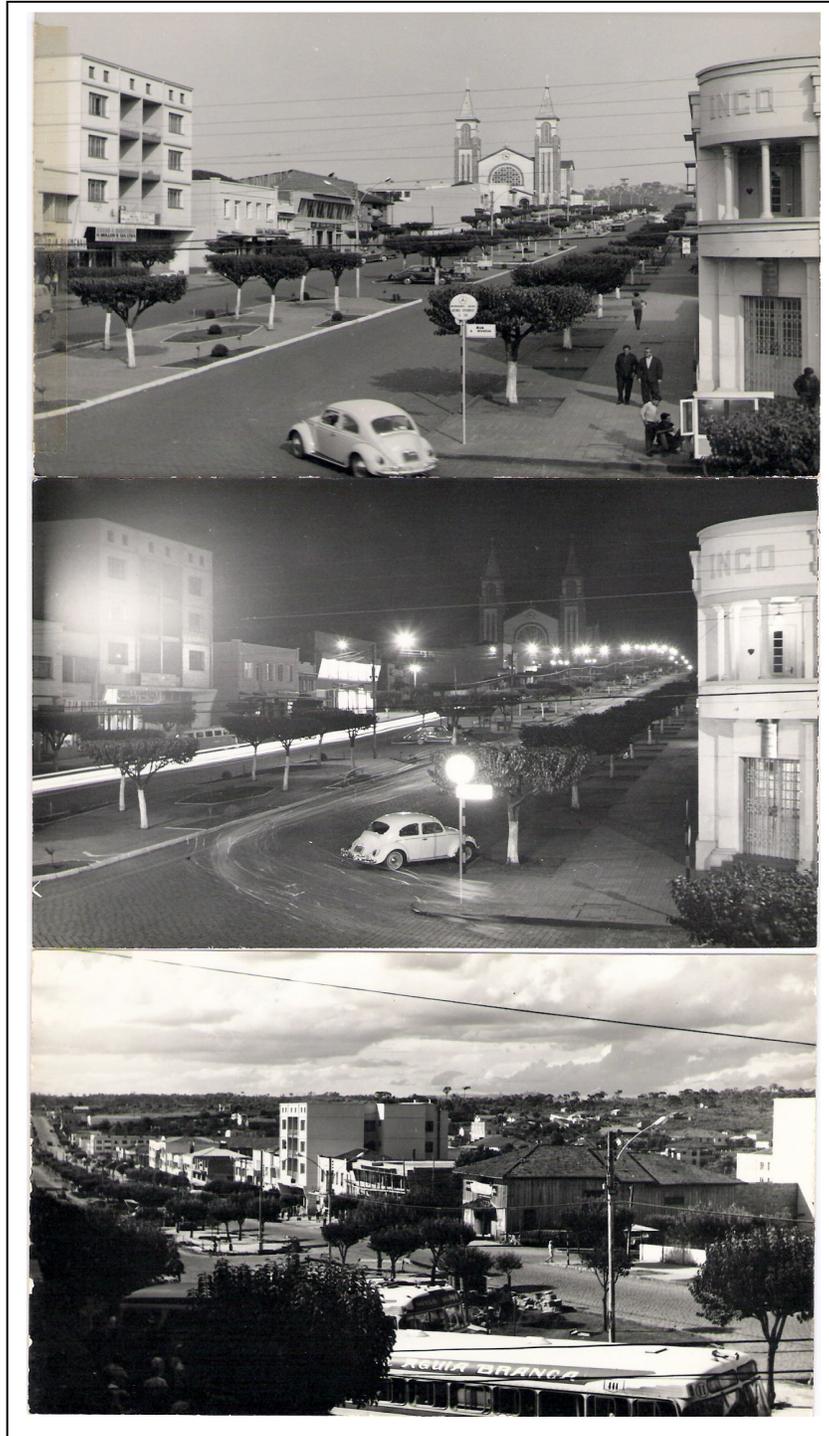


Figura (6) Vista da Avenida Getúlio Vargas



Figura (7) Principais estabelecimentos da Cidade (Escolas, Postos de Saúde, Prefeitura...)
 Imagens (Figuras 2 a 7) do Convite *de luxo* do Cinquentenário de Chapecó.
 Fonte: Acervo particular de Valmor e Clenda Lunardi

O desenho de capa da Lembrança do Cinquentenário de Chapecó era o distintivo, “o selo comemorativo, dos festejos cinquentenais de nossa cidade”, elaborado pelo radi-



lista Welsy D' Ávila Canals, também conhecido nos meios artísticos como um “excelente desenhista”. À direita, a figura representava os portais da atual sede da Secretaria dos Negócios do Oeste – SNO; ao lado esquerdo, as tradicionais lâmpadas da Prefeitura Municipal. Os símbolos que estão dentro do círculo simulavam as principais atividades econômicas do município até então: o cultivo do milho, a erva-mate, a madeira (representada por um Pinheiro, árvore típica da floresta de araucária predominante na região) e a produção de suínos⁶¹.

Outro evento promovido pela comissão social dos festejos foi o Concurso das Rainhas do Oeste e do Cinquentenário, para demonstrar que “o cinquentenário não é só do homem, mas também, da mulher, da dona de casa, da filha”⁶². Esse concurso e o baile de gala para a coroação das rainhas foram marcados para o ponto alto dos festejos no dia 23 de setembro, ocasião em que o município recebia as autoridades públicas municipais, estaduais e federais para a cerimônia de abertura da I EFAPI.

A iniciativa de promover um baile de gala parece não ter repercutido muito bem, “sendo alvo de elogios e de críticas sob vários pontos de vista”, pois a beleza, o luxo, a ostentação e a fantasia que se esperavam de um baile de gala contradiziam a “realidade que é triste, que magoa e que nos faz agir e pensar de modo mui diverso”. A reportagem redigida por Gloria Sulzbach, jornalista colaboradora do Jornal Folha d' Oeste, questionava ainda: “De que vale um baile com traje a rigor se a sociedade chapecoense não comparecer a tal promoção? Porque não organizar um festejo mais simples, mais acessível, mais condizente com a maioria da população?”⁶³.

⁶¹ Distintivo da festa cinquentona. **Jornal Folha d'Oeste**, Chapecó, 19/04/1967, p. 1.

⁶² Imprensa cinquentona lançou candidata ao concurso de Rainha. **Jornal Folha d'Oeste**, Chapecó, 10/06/1967, p. 1-2.

⁶³ Incontestável realidade. **Jornal Folha d' Oeste**. Chapecó, 20/05/1967, p. 8.

As críticas em relação ao referido baile revelam que na festa se tentava demonstrar “a superação das distâncias entre os indivíduos”⁶⁴, e o baile de gala contrariava esse discurso, pois, o evento não era acessível para a grande maioria da população de Chapecó.

Em resposta, o presidente da comissão social assegurava que, para o baile de gala a rigor, com coroação das rainhas do Oeste e do Cinquentenário, “80 smokings serão alugados a 20 cruzeiros e as lojas de Chapecó estão oferecendo o traje no máximo ao preço de 130 cruzeiros em 4 prestações”⁶⁵. Essa ação banalizou a ocasião, que ficou caracterizada pelo referido jornal como: *Baile de gala tem smoking barato*.

Nesses eventos, como podemos perceber, participou uma parcela distinta da população enquanto a maioria dos moradores de Chapecó ocuparam os lugares de meros expectadores, tendo em vista que: para expor na I EFAPI, era preciso custear gastos de transporte dos animais, produtos ou mercadorias, hospedagem, alimentação, entre outros, o que permite dizer que estiveram presentes na feira as empresas e os proprietários rurais e pecuaristas que tivessem condições de custear essas despesas, portanto uma pequena minoria; os bailes, uma vez que os mesmos foram realizados em espaços de diversão no centro da cidade, exigindo às vezes *traje a rigor*, tornou inviável a participação da grande maioria da população, que residia no meio rural ou em bairros periféricos da cidade.

1.3 – Um Passeio pela Festa

A festa estava sendo preparada para impressionar os visitantes. Nos dias 23 e 24 de setembro do corrente ano, respectivamente sábado e domingo, aconteceram os principais eventos da programação festiva. No sábado foi inaugurada a I EFAPI e teve lugar o baile de gala, com coroação das Rainhas do Oeste e do Cinquentenário; no domingo, deu-se o desfile dos estudantes com representações da história local. Nesses dias, Chapecó contou com a visita especial do governador e sua comitiva para os eventos. Os visitantes mais ilustres foram recepcionados no aeroporto na tarde de sábado, com “grande massa popular,

⁶⁴ AMARAL, Rita. **Festa à brasileira. Sentidos de festejar no país que não é sério**. 2001. Disponível em: <http://www.aguaforte.com/antropologia/festaabrasileira/festa.html>.

⁶⁵ Baile de gala tem Smoking barato. **Jornal Folha d'Oeste**, Chapecó, 17/06/1967, p. 1.

tendo a frente as mais expressivas figuras do mundo político social e administrativo de Chapecó e dos municípios da região (...)”⁶⁶.

Após a recepção das autoridades públicas no aeroporto na tarde de sábado, a comitiva seguiu para “uma visita a S/A Indústria e Comércio Chapecó – SAICC, frigorífico daquela cidade, em cujas dependências a diretoria daquela importante organização promoveu um coquetel em homenagem ao Governador Ivo Silveira”⁶⁷. Essa empresa tinha como sócio dirigente Plínio A. de Nês que, além de empresário e representante político do PSD (prefeito de Chapecó na gestão de 1955-1960), era um dos mais expressivos incentivadores dos festejos e representava também a mais importante indústria do ramo frigorífico de Chapecó.

Posteriormente, os visitantes dirigiram-se ao Parque de Exposições, onde ocorreu a solenidade de abertura da I EFAPI. Além da presença do governador do estado e sua comitiva, a abertura da exposição-feira contou também com a presença do General Olavo Vianna Moog, representante do presidente Arthur Costa e Silva. Na ocasião, o prefeito Sady de Marco, “em rápidas palavras, disse do significado do ato convidando o Governador Ivo Silveira para fazer o corte da fita simbólica, o que foi efetivado, em seguida, sob os aplausos de considerável multidão que se postava nas imediações”. Enquanto isso, “parte da Banda da Polícia Militar, que abrilhantou os festejos, executava dobradas militares ganhando merecidos aplausos”⁶⁸.

Para a surpresa dos organizadores da festa, a exposição-feira “recebeu já no 1º dia de funcionamento a presenciável multidão de 21 mil pessoas”. O evento coroava-se de sucesso, demonstrando “o quanto pode o povo chapecoense e oestino”, já que a EFAPI superou “na primeira semana, a todas as feiras já realizadas no sul do país”⁶⁹.

Na continuidade, o chefe do executivo estadual e sua comitiva iniciaram a visita às variedades de produtos ali dispostos, “demorando-se o Governador Ivo Silveira na

⁶⁶ Chapecó tributou excepcionais homenagens ao Governador Ivo Silveira. **Jornal A Gazeta**, Florianópolis, 30/09/1967, p. 1.

⁶⁷ Id. A empresa SAICC – S/A Indústria e Comércio Chapecó tinha como sócio dirigente Plínio Arlindo de Nês, empresário e político (PSD) de Chapecó. Segundo Mônica Hass, o frigorífico SAICC foi idealizado pela família Bertaso para incentivar a vinda de migrantes que, em função do linchamento de 1950, deixaram de afluir para Chapecó. Para motivar novamente a corrente migratória, a elite local teria idealizado esse empreendimento. (HASS, op. cit., p. 242.)

⁶⁸ Toda a pujança do Oeste retratada na 1ª. Efapi. **Jornal Folha d’ Oeste**, Chapecó, 29/09/1967, p. 1.

⁶⁹ 1ª Efapi supera na primeira semana a todas as feiras já realizadas no sul do país. **Jornal Folha d’Oeste**, Chapecó, 29/09/1967, p. 1.

observação dos produtos expostos nos stands do pavilhão industrial, percorrendo a seguir, os demais pavilhões onde estavam expostos os animais concorrentes aos prêmios da Exposição”⁷⁰. Analisando os produtos apresentados na I EFAPI, era possível perceber que alguns traços do *contexto vivido* pela população oestina foram representados na feira, na forma de produtos e mercadorias que eram comercializados ou produzidos em Chapecó e região e amostras do que se apresentava de novo, principalmente para o setor agrícola.

No pavilhão industrial poder-se-ia observar a exposição de produtos frigoríficos (derivados de suínos: carne, salame, banha) de empresas como a SAICC de Chapecó, Sadia de Concórdia, entre outros; insumos agrícolas e sementes selecionadas no estande da empresa Sociedade Industrial de Produtos Agropecuários; além de outras diversas mercadorias e produtos de estabelecimentos comerciais, como lojas, supermercados, joalherias, construtoras e distribuidoras de madeira, entre outras. Eram “amostras da indústria e do comércio, da lavoura e da pecuária”⁷¹.

Nos estandes montados por empresas de produtos agropecuários, apresentando sementes e insumos agrícolas em geral, evidenciam-se as mudanças que estavam sendo propostas pelas políticas públicas, visando ao aumento da produtividade agrícola. Em Chapecó e região, desde os anos trinta, quando se intensificou a colonização por migrantes rio-grandenses, a economia baseava-se no cultivo de gêneros agrícolas para subsistência⁷² e comercialização. De modo geral, as famílias camponesas estavam organizadas em pequenas propriedades rurais nas quais as formas de produzir implicavam também relações de solidariedade entre vizinhos, parentes e amigos.

No ano da festa já estavam sendo dinamizadas no campo as iniciativas de desenvolvimento agrícola propostas pelo trabalho da Extensão Rural,⁷³ que partia do pressuposto de que, “no campo, os agricultores estavam distantes daquilo que foi

⁷⁰ Chapecó tributou excepcionais homenagens ao Governador Ivo Silveira. **Jornal A Gazeta**, Florianópolis, 30/09/1967, p. 1.

⁷¹ Destaques da Festa Cinquentona. **Jornal Folha d’ Oeste**. Chapecó, 14/10/1967, p. 6.

⁷² Dentre os produtos cultivados estavam o milho, o feijão, a soja, o trigo, a mandioca e a batata, e se criavam animais, como suínos, aves e bovinos, devido a dificuldades de se adquirir esses produtos no comércio da região.

⁷³ Segundo Erros Mussoi e outros autores “a extensão rural representou um importante papel na difusão da tecnologia modernizadora” a partir da década de 1960. Foi criada com o objetivo de ‘fazer uma ponte entre a investigação e os agricultores’”. (MUSSOI, Erros et all. **Integracion entre investigacion y extencion agrária em um contexto de descentralizacion de desarrollo: el caso de Santa Catarina, Brasil**. Tese de Doutorado – Universidad de Córdoba, 1998, p. 147.

necessário para impulsionar o Brasil ao progresso”⁷⁴. Era então preciso sugerir práticas de trabalho fundamentadas nas novas técnicas agrícolas, com o uso de novos produtos e tecnologias: insumos, fertilizantes, sementes selecionadas, orientação técnica e novas formas de trabalho que aumentassem a produtividade.

Na EFAPI era possível perceber esses incentivos aos agricultores também no estande do Banco do Brasil de Chapecó com a CREI – Carteira de Crédito Agrícola e Industrial, que estava ali com a finalidade de “propiciar financiamentos instantâneos aos interessados na aquisição de animais da feira”. Ademais, essa entidade estava patrocinando “aos expositores de animais que lograrem melhor classificação (...) troféus e valiosos prêmios de incentivos”⁷⁵.

A exposição de animais, como suínos e bovinos, incentivando a competitividade entre os proprietários rurais, demonstra também o estímulo à utilização de raças melhoradas e o aprimoramento genético para maiores ganhos na comercialização desse produto manufaturado. Exemplo disso foi a forma de trabalho inaugurada pelo Grupo Sadia, na década de 1950, visando ao melhor aproveitamento das carcaças de suínos por meio do aperfeiçoamento genético e das formas de criação dos animais.

Em certo sentido, fazendo um passeio pela I EFAPI era possível perceber “o esforço conjugado das classes produtoras da região, a fim de demonstrarem ao país aspectos do seu trabalho e produção”⁷⁶.

Após visitarem os estandes da exposição-feira, a comitiva do governador e as autoridades públicas locais seguiram para uma sessão solene na Câmara Municipal de Vereadores, onde foi entregue, pelo vereador Vinício Tortato, o título de “cidadão chapecoense” ao governador do estado. Na ocasião, o vereador pronunciou um discurso “sobre a evolução social e administrativa do município cinquentenário, ressaltando a participação de grandes vultos do passado, ligados ao desenvolvimento da região”⁷⁷.

Essa ação, de certa forma, demonstrou o reconhecimento da administração municipal ao apoio recebido do governo estadual no transcorrer dos quase dois anos de mandato do prefeito Sady de Marco. Em maio de 1967, o governo estadual distribuiu

⁷⁴ SILVA, Claiton M da. **Saber, Sentir, Servir e Saúde**: a construção do novo jovem rural nos clubes 4-S, SC (1970-1985). 2002. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002, p. 12.

⁷⁵ Banco do Brasil na 1ª Efapi. **Jornal Folha d’ Oeste**, Chapecó, 12/08/1967, p. 1.

⁷⁶ Exposição de Chapecó. **Jornal Folha d’Oeste**, Chapecó, 19/09/1967, p. 17.

⁷⁷ Id.

“cinquenta tratores esteiras comprados na Iugoslávia através de convênios entre a Secretaria dos Negócios do Oeste e as prefeituras da região”⁷⁸. Além disso, por meio da mesma Secretaria, o prefeito municipal conseguiu uma verba de 10 milhões de cruzeiros para construção dos pavilhões da EFAPI. Nesse sentido, é muito provável que a titulação de “cidadão chapecoense” ao governador tenha ocorrido em virtude do auxílio prestado à prefeitura local. No ato, o governador não deixou de se pronunciar, ressaltando que “recebia com muita honra a homenagem interpretando como uma demonstração de crédito e de confiança do povo a sua administração.”⁷⁹.

Aproveitando a ocasião, as autoridades participaram do baile de gala, com coroação das Rainhas do Oeste e do Cinquentenário. O evento foi uma “noitada social de grande expressão”, mas “pouca gente de Chapecó freqüentou aquela realização social”⁸⁰.

No domingo pela manhã aconteceu “o grande desfile” organizado pelos diretores das escolas locais, mas que só foi possível graças “a solícitude da indústria, comércio e particulares que gentilmente cederam seus veículos, e ainda, a vontade forte dos estudantes locais na organização”⁸¹. O desfile organizado com caminhões ornamentados procurava demonstrar os mais diversos aspectos do município, especialmente os motivos da realização dos festejos, chamando a atenção do público para todas as faces do desenvolvimento de Chapecó e da região.

Os carros ornamentados representavam as variedades de produção agrícola do município. Em homenagem aos ervateiros, desfilou um carro decorado com a erva-mate, que foi “parte do desenvolvimento chapecoense”. Em outro carro, o madeireiro, “esteio maior da colonização”, também foi homenageado pelos estudantes, afinal a elite local estava composta basicamente por pessoas envolvidas com o comércio da terra e da madeira. O milho, “outra célula do progresso regional”, também estava em evidência no desfile com uma estudante totalmente vestida em traje confeccionado com grãos e palha de milho, ao lado de um paiol de telha. Retratando “o poder da fé ao representar a catedral Santo Antônio”, os estudantes homenagearam o “monumento da fé, a nossa casa de Deus”. (Essa edificação que havia substituído a antiga igreja, queimada no incêndio que desencadeou a

⁷⁸ Governador no Oeste. **Jornal Folha d’ Oeste**, Chapecó, 10/05/1967, p. 1.

⁷⁹ Chapecó tributou excepcionais homenagens ao Governador Ivo Silveira. **Jornal A Gazeta**, Florianópolis, 30/09/1967, p. 1.

⁸⁰ Destaques da festa cinquentona. **Jornal Folha d’ Oeste**, Chapecó, 14/10/1967, p. 6.

⁸¹ Notícias do desfile. **Jornal Folha d’Oeste**, Chapecó, 29/09/1967, p. 1.

chacina de 1950). E ainda, como forma de protesto “contra a inoperância do INPS, o carro retratava o trabalhador que paga em dia o seu instituto e dele nada recebe”. No desfile ainda se destacavam a presença juvenil e as crianças que “tomam parte dos festejos de nossa cidade”, além da representatividade das mulheres, com a rainha do Oeste “no apogeu do seu reinado desfilando perante as autoridades”⁸². O desfile demonstra, em certo sentido, que as comemorações, “ao trazer à tona as mais distintas percepções do passado”, abrem brechas que na maioria dos casos revelam os “conflitos da própria sociedade que comemora”⁸³.

Depois do desfile, o governador aproveitou a ocasião para proceder à inauguração da Rodovia Federal Chapecó BR 282 – Fernando Machado, obra subsidiada pelo governo e que significou a viabilização de parte do sistema de transporte que, no período, era ainda muito precário no Oeste de Santa Catarina. Nesse ínterim, o governador deixou uma mensagem em homenagem ao cinquentenário de Chapecó, enfatizando a “iniciativa dos colonizadores gaúchos”, a “autonomia do município”, o apoio do governo estadual por meio da Secretaria do Oeste no processo de “aceleramento do progresso regional” e as iniciativas do mesmo governo para tornar mais “vigorosa a atividade produtora”, que estava limitada devido à ausência de um sistema de transporte adequado, pontes, energia elétrica, entre outros. A mensagem ressalta também a inquietação do governo estadual em solucionar os problemas de infra-estrutura que se apresentavam em Chapecó e região.

Trago as ricas e prósperas regiões que outrora compreendiam o vasto município de Chapecó, as saudações do governo do Estado por motivo do cinquentenário da comunidade. Ocorre-me **quanto devemos a iniciativa dos colonizadores gaúchos** e de outros estados, que para cá transportavam haveres e energia, **tornando-se fatores ponderáveis de celebre evolução do Oeste do nosso Estado**. Chapecó tem exibido, através desse meio século de existência autônoma como município, a sua capacidade admirável de expansão e prosperidade. Tenho dedicado a essa política de particular **apoio a assistência a região, através da Secretaria do Oeste**, órgão de real valor no aceleramento do **progresso regional**, uma constante preocupação tanto mais fundamentada quanto os resultados colhidos dessa iniciativa tem sido os mais auspiciosos. Junto dos poderes da união, estou reivindicando, com os recursos normais do Estado, **insisto na melhoria e complementação de um sistema de transporte capaz de corresponder a vigorosa atividade produtora, que se verifica nessa região**. Manifestação concreta da prioridade que atribuo a solução dos problemas do Oeste, aí está o moderno maquinário destinado a ativar, dentro das modernas técnicas de engenharia, a execução do plano que dotará a região de uma rede de aviação a nível da **admirável produtividade de sua gente**, abrindo-lhe com as facilidades de

⁸² Notícias do desfile. **Jornal Folha d'Oeste**, Chapecó, 29/09/1967, p. 1.

⁸³ VELLOSO, op. cit., p. 129.

escoamento da produção, novas perspectivas de progresso e crescimento econômico-social⁸⁴.

No ano de 1967 os valores construídos no passado, a saga dos colonos sul-riograndenses, o empreendedorismo de empresários e comerciantes que *desenvolveram* o campo e a cidade se consolidavam e indicavam a continuação desse processo, agora com o aprimoramento das tecnologias e técnicas agrícolas e com a industrialização da cidade. De acordo com os relatos, principalmente da imprensa local e estadual, a organização da I EFAPI demonstrou o sentido dos investimentos econômicos na região. A Efapi “coroava-se plenamente de êxito, incentivando as autoridades e membros da SAC a realizar mais uma exposição dentro de dois anos”⁸⁵. O depoimento do Secretário da Agricultura do Estado de Santa Catarina, Luiz Gabriel, com relação aos eventos da festa, demonstrava que “tudo que se viu e ainda se vê no município que povoou a toda zona do oeste, é potencial em desenvolvimento e crescendo em progresso constante na fibra da gente que opera a civilização catarinense do vale do Uruguai”⁸⁶.

Podemos perceber que no *clima festivo* viabilizado pela imprensa e pelos organizadores da festa, tentava-se instituir “automaticamente uma continuidade em relação ao passado” segundo a qual Chapecó, na seqüência do processo de desenvolvimento econômico, “precisava se industrializar”. Essa “invenção” se caracterizava, como diria Eric Hobsbawm, por estabelecer uma “continuidade bastante artificial com o passado histórico”⁸⁷; em que se exaltava a trajetória dos colonizadores rio-grandenses que estabeleceram as atividades agrícolas, o comércio e a indústria no município, e nesse momento, se buscava uma forma de superar o impasse da “cidade que não emprega seus filhos”⁸⁸, propondo o estímulo à industrialização dos produtos agrícolas, como uma seqüência natural do processo.

⁸⁴ Mensagem do governador no cinquentenário de Chapecó. **Jornal A Gazeta**, Florianópolis, 24/09/1967, p. 1. Grifos Meus.

⁸⁵ Primeira Efapi é sucesso. **Jornal Folha d' Oeste**, Chapecó, 07/10/1967, p. 1.

⁸⁶ Chapecó é desenvolvimento em progresso. **Jornal A Gazeta**, Florianópolis, 30/09/1967, p. 2. Em imagens de outras exposições-feiras que foram realizadas na década de setenta, podemos perceber que o foco das atenções estava direcionado à idéia de legitimar as propostas de desenvolvimento econômico que estavam sendo dispostas. Conferir Anexo I.

⁸⁷ HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (Orgs.). **A invenção das tradições**. Trad. Celena Cardim Cavalcante. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p. 9-10.

⁸⁸ Industrializar para não perecer. **Jornal Folha d'Oeste**, Chapecó, 24/06/1967, p. 3.

1.4 – Os sentidos da festa

De certa forma, como vimos, toda a festa é dinamizada por *sentidos* que fundamentam sua preparação e organização e por um *estímulo comemorativo* que envolve as expectativas que eram almeçadas nos eventos⁸⁹. São nesses momentos que se apresenta o *clima típico de festa*, uma ocasião que dá sentido à promoção de uma festa, tornando-a importante como meio de expressão dos ideais que mobilizam grupos ou sociedades humanas de um determinado período. Acredita-se que, ao longo dos anos, as festas “tiveram sempre um conteúdo essencial, um sentido profundo, exprimiram sempre uma concepção de mundo”⁹⁰.

Nessa perspectiva, percebemos que os discursos de políticos e empresários argumentados nos jornais e revistas estavam, de certa forma, fundamentados pelos ideais da política econômica que vinha sendo proposta em todo o país. Entre 1963 e 1967 “o crescimento econômico brasileiro caiu a metade”; isso gerou “um exaustivo debate para viabilização de reformas econômicas necessárias para retomar as taxas históricas de expansão da economia”⁹¹. A economia do país estava *em crise* e algo precisava ser feito para reverter essa situação. Além disso, o regime político inaugurado no país, a partir do Golpe Militar de 1964, estava em fase de estabelecer sua política definindo metas, na tentativa de ajustar os problemas econômicos, como a geração de empregos. Ou seja, “seria preciso encontrar quem proporcionasse empregos à mão-de-obra para que esta pudesse consumir os bens e serviços que produzia”⁹².

Nesse momento, estavam sendo dinamizados em Chapecó os preparativos da festa cinquentenária. O *clima festivo*, em parte, é determinado pelos anseios da política econômica que estava sendo proposta para o país, de motivar a produção de gêneros agrícolas e incentivar o desenvolvimento do setor industrial, para assim resolver as

⁸⁹ Para Mikhail Bakhtin: “As festividades têm sempre uma relação marcada com o tempo (...) em todas as suas fases históricas, ligaram-se a períodos de crise, de transtorno, na vida da natureza, da sociedade e do homem”. (BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**. O contexto de François Rebelais. Trad. Yara Frateschi. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1999, p. 8.

⁹⁰ Id., p. 7.

⁹¹ PRADO, Luiz C. D.; EARP, Fábio S. O “milagre” brasileiro. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de A. N. (Orgs.). **O Brasil Republicano: o tempo da ditadura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 209-210.

⁹² Id., Ibid.

dificuldades que a população de Chapecó e de modo geral do país enfrentava. A incumbência de reerguer a economia ficou a cargo principalmente da agricultura. “Caso o setor agrícola pudesse absorver grande parte da população e sua produtividade agrícola fosse idêntica à do setor industrial, a renda resultante geraria uma demanda por produtos industriais que alavancaria o processo de crescimento econômico”⁹³.

A base econômica do município nos anos sessenta era principalmente o setor primário, envolvendo 79% da população, que trabalhava em atividades como o cultivo do milho, soja e feijão para subsistência e comercialização, a pecuária bovina, a produção de suínos e a extração vegetal (madeira e erva-mate configuraram a base econômica da região nas décadas de 1930 a 1950). O setor industrial empregava somente 5% da população em idade de trabalho em Chapecó, enquanto o restante do pessoal (16%) se envolvia com atividades comerciais, burocráticas e prestação de serviços⁹⁴. Como podemos perceber na tabela 1, a grande maioria da população residia no meio rural e, com a expansão dos complexos agroindustriais nos anos 1980 e 1990, a cidade se tornou um ponto de atração para os migrantes de procedência rural de Chapecó e da região⁹⁵:

Tabela (1) - Distribuição da População Rural e Urbana do Município de Chapecó

Ano	População rural		População urbana		Total
	Total	%	Total	%	
1960	41150	79	10939	21	52089
1970	29590	60	20275	40	49865
1980	28499	34	55269	66	83768
1991	38200	31	84850	69	123050
2000	12375	8	134592	91	146967

FONTE: IBGE. Censo Demográfico, 1960 (v. 1, p. 80); 1970 (v. 1, p. 331); 1980 (t. 4, p. 6, 7); 1991 (t. 4, p. 48, 160); 2000 (p. 13)⁹⁶

⁹³ Id., p. 210-211.

⁹⁴ IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 1960**. Rio de Janeiro: IBGE, v. 1, 1960, p. 60.

⁹⁵ A migração campo-cidade que ocorreu em Chapecó e região, de forma peculiar aconteceu em diversas regiões do país mais intensamente a partir da década de 1950, condicionadas pela dinâmica do sistema capitalista que impulsionou o deslocamento de populações para as áreas mais industrializadas dos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais entre outras. (Ver: DURHAM, Eunice. **A caminho da cidade**. São Paulo: Perspectiva, 1984. & SINGER, Paul. **Economia política da urbanização**. São Paulo: Contexto, 1998.) Nesse processo os migrantes experimentaram novas formas de trabalho e reinventaram suas tradições socioculturais ao ritmo de vida e trabalho das cidades que na maioria dos casos foram instituídas e adaptadas pelas populações em movimento.

⁹⁶ Incluindo os distritos.

Em Chapecó entre os problemas sociais vividos pelos moradores do município (no meio rural, principalmente), evidenciavam-se a falta de infra-estrutura (estradas, pontes, energia elétrica, escolas, hospitais, entre outros) e a carência de uma política agrícola que garantisse o “auxílio financeiro e técnico para o agricultor cuidar de seus campos”⁹⁷. Na cidade a falta de emprego era o principal agente dos problemas sociais enfrentados pelos trabalhadores urbanos, o que contribuía para o aumento da pobreza e da mendicância. Essa situação era questionada durante os preparativos da festa com a finalidade de se aproveitar o momento para buscar uma forma de remediar tais problemas:

Se nossa gente se obrigar a sair de Chapecó, em busca de emprego, com que elementos pretende Chapecó tornar-se rico e desenvolver-se? Há exemplo de outras cidades que falharam neste ponto fundamental que é a industrialização e o seu destino foi o insucesso econômico. Em Chapecó existem centenas de jovens a procura de emprego e não o conseguem não por falta de conhecimento, mas por ausência de indústrias e de comércio. Cidade que não emprega seus filhos é cidade fadada a perecer mais cedo ou mais tarde⁹⁸.

A tabela 2 pode demonstrar, em parte, as condições de moradia da população de Chapecó e, como podemos constatar, a região parecia estar mesmo um pouco esquecida pelas autoridades públicas. Analisando somente o item *iluminação elétrica*, podemos perceber que na década de 1960 somente 18% da população dispunha desse recurso, rede de abastecimento de água praticamente inexistia (0.03%), as instalações sanitárias eram ainda rudimentares e o principal meio de comunicação era o rádio, ainda privilégio de poucos (37.7%).

⁹⁷ Industrializar para não perecer. **Jornal Folha d'Oeste**, Chapecó, 24/06/1967, p. 3.

⁹⁸ Id., p. 1.

Tabela (2) - Algumas características principais das condições do domicílio das pessoas que residiam no município de Chapecó.

<i>Ano</i>	<i>1960</i>	
Total de Domicílios	8785	
<i>Abastecimento de Água</i>	<i>%</i>	
Rede Geral	30	0,03
Poço/Nascente	7262	82
<i>Iluminação Elétrica</i>	1560	18
<i>Instalações Sanitárias</i>	<i>%</i>	
Rede Geral	-	-
Fossa Séptica	523	6
Fossa Rudimentar	3187	36,5
Outro tipo de escoadouro	454	5,5
<i>Fogão</i>	<i>%</i>	
Lenha	8293	94,5
Gás	74	0,8
Outros	4	0,5
Rádio	3262	37,5
Televisão	-	-
Geladeira	506	6

FONTE: IBGE. Censos Demográficos 1960 (p. 157);

Durante os preparativos da festa, o município apresentava os mais diversos problemas sociais e de infra-estrutura. Um dos mais visíveis, a mendicância foi expressa na reportagem do Jornal Folha d' Oeste: "Chapecó, cidade rica onde a mendicância impetra", destacando que, faltando um mês e alguns dias para o ponto alto dos festejos do cinquentenário, "enquanto a população dessa rica cidade se empenha para o embelezamento de suas casas pintando-as e enfeitando, a administração municipal empenha-se para o embelezamento das vias públicas das praças e jardins", o que na realidade estava acontecendo; no entanto, "não seria agradável nem simpático ao visitante que aqui vier, ser interpelado dezena de vezes ao dia por mendigos de todas as idades"⁹⁹. Os mendigos em Chapecó chegavam a ponto de:

(...) abordar pessoas nos bares, nas lojas, nas repartições públicas e na rua. Então, chegam a puxar pelo paletó para serem atendidas. Em certas horas do dia, a tardinha,

⁹⁹ Chapecó, cidade rica onde a mendicância impetra. **Jornal Folha d' Oeste**, Chapecó, 19/08/1967, p. 3. O questionamento em relação aos mendigos e pedintes de esmolas revela um aspecto de continuidade dos problemas relacionados as medidas de higiene e saúde pública que a partir da segunda metade da década de 1930 começam a ser enfatizadas pelo poder público em Chapecó para consolidar a idéia de auferir características urbanas a cidade. Ver NODARI, op. cit.

parece que o proletariado da periferia da cidade sai unânime para o centro e então os pedintes iniciam sua importuna tarefa¹⁰⁰.

A mesma reportagem enfatizava ainda alguns questionamentos sobre a situação dos pedintes de esmolas em Chapecó, lembrando que os “responsáveis pela limpeza da cidade certamente ouvirão este apelo que é do povo e haverão de tomar medidas cabíveis para evitar que menores e pessoas fisicamente sadias perambularem pelas ruas da cidade esmolando,”¹⁰¹ pois a imagem que se procurava divulgar de cidade rica e promissora estava sendo ameaçada pela mendicância e isso repercutiria negativamente, tornando-se uma visão antagônica à imagem que se tentava construir de Chapecó.

(...) não é compreensível que na cidade “celeiro do Brasil” haja tantos mendigos pelas ruas, especialmente menores, crianças de 8 a 10 anos. Se esse fenômeno acontecesse no Nordeste onde a terra é estéril e improdutiva diríamos que a natureza ingrata maltrata os habitantes de regiões áridas, mas esse fenômeno ocorre justamente em uma região que já todos o sabem ser o das terras mais ricas do sul do país, o Oeste Catarinense¹⁰².

Em certo sentido, os eventos festivos programados pela SAC, especialmente a I EFAPI, visavam demonstrar as potencialidades econômicas, a fim de promover o desenvolvimento agroindustrial que poderia amenizar, em parte, os problemas das populações do campo e da cidade, pois as indústrias de alimentos, incentivadas pelas novas técnicas e tecnologias agrícolas que vinham sendo propostas pela política econômica do país, promoveriam o progresso dos contingentes rurais, com o estímulo à produção agrícola, enquanto na cidade as pessoas sem ocupação formal teriam onde trabalhar.

Além disso, era necessário evidenciar Chapecó, fazer conhecer a sua gente enfatizando como fatores principais da cultura oestina: o *trabalho e a produção* da população. Era necessário romper com imagens negativas instituídas em torno de Chapecó, com a finalidade de atrair investimentos para a região. Com esse sentimento foi organizada a I EFAPI, como forma de incrementar a produção agrícola e demonstrar que essa produção poderia ser industrializada com a instalação e expansão de estabelecimentos industriais do ramo de alimentos, frigorífico, laticínios e fábricas de óleos vegetais. A exaltação era de que: “manufaturar e industrializar o produto para entregar ao consumidor, constitui fonte de renda promissora” diante do estado de “insegurança econômico-financeiro com que se

¹⁰⁰ Chapecó, cidade rica onde a mendicância impetra. **Jornal Folha d' Oeste**, Chapecó, 19/08/1967, p. 3.

¹⁰¹ Id.

¹⁰² Id.

deparam os oestinos”¹⁰³. A EFAPI tornava-se, assim, uma *vitrine* em que poderiam ser apreciadas as oportunidades de negócios, o comércio, as indústrias, o que já se tem e o que precisa ser melhorado para estimular o desenvolvimento econômico do município.

Segundo Rita de Cássia Amaral, a ocasião comemorativa é capaz de, conforme o contexto, “diluir, cristalizar, celebrar, ironizar, ritualizar ou sacralizar a experiência particular dos grupos que a realizam”¹⁰⁴. E ainda, pode ser “o modo de se resolver, ao menos no plano simbólico, algumas das contradições da vida social, revelando-se como poderosa mediação entre estruturas econômicas, simbólicas e míticas e outras, aparentemente inconciliáveis”¹⁰⁵.

A festa para a cidade e o restante do município foi um acontecimento que, de certa forma, apresentou uma intenção especial: projetar Chapecó para o estado e até mesmo para o país. Nesse sentido, a ocasião comemorativa pôde nos revelar as “dimensões particulares das sociedades nas quais as celebrações se produziram”¹⁰⁶ e, ao mesmo tempo, uma certa formação social das elites de Chapecó que almejavam se tornar expressivas para o município e o restante do Estado. Mas, quando me questiono sobre – o que representou essa ocasião para os trabalhadores rurais e urbanos, pessoas que raramente aparecem na festa – vem à memória a fala do Zé Povo, personagem das revistas humorísticas das primeiras décadas do século XX, num diálogo com o companheiro que lhe diz:

“ – Comemorar! Eis a idéia viva do prefeito!

O Zé Povo responde:

- Comê Morá? Eis o sonho do Zé Povo que paga pra música!”¹⁰⁷

¹⁰³ Industrializar para não perecer. **Jornal Folha d’Oeste**, Chapecó, 24/06/1967, p. 1.

¹⁰⁴ AMARAL, **Festa à brasileira....** op. cit.

¹⁰⁵ Id., Ibid.

¹⁰⁶ CUNHA, op. cit., p. 12.

¹⁰⁷ VELLOSO, op. cit., p. 130.

II

Nos contornos da Festa: modernização da agricultura, expansão do capital agroindustrial e migração campo-cidade.

2.1 – Um novo Oeste!

Nasceu um Nôvo Oeste! Um Oeste Nôvo, radiante e esplendoroso, a gerar um mundo de confiança quanto ao futuro de Santa Catarina! E a imagem mais real, mais autêntica e mais expressiva do Oeste Nôvo é Chapecó! Chapecó, ontem uma cidade. Hoje uma vibrante metrópole, onde não se sabe o que mais admirar: se o excelente aspecto material ou se a notável evolução social e cultural.¹⁰⁸

Na fase seguinte aos festejos, especialmente a partir da década de setenta, os preceitos da industrialização ressaltados na festa do cinquentenário, por uma série de fatores, começavam a se tornar realidade em Chapecó com a instalação de novas empresas, principalmente as do ramo de alimentos, que tinham a finalidade de aproveitar a produção dos gêneros agrícolas do município e da região. Há quem diga que depois da referida festa o município inaugurou uma nova etapa de sua existência. Para Sady de Marco, prefeito municipal e membro da comissão organizadora dos festejos, Chapecó teve duas fases: uma antes da festa do cinquentenário, na qual a economia era baseada em atividades agrícolas, e outra após a festa, em que a atividade industrial e as características econômicas urbanas predominaram, principalmente com a chegada das agroindústrias e sua expansão no final da década de 1970¹⁰⁹.

Atualmente o Oeste Catarinense, sobretudo o município de Chapecó, é conhecido nacionalmente como pólo da frigorificação de carnes, em virtude dos frigoríficos de suínos

¹⁰⁸ Chapecó: Metrópole do Oeste! **Revista Catarinense**, Florianópolis, n. 9, p. 44, 1969.

¹⁰⁹ Citado por SILVA, Claiton M da. **As eleições de 1969 em Chapecó, no contexto do regime militar**. Relatório de Pesquisa. Chapecó: Depto. de Ciências Humanas, 1999, p. 36.

e aves estabelecidos na região. Além dos grandes abatedouros de aves e de suínos, estão localizadas nesta região empresas esmagadoras e moedoras de soja, trigo e milho como a Sadia, Perdigão, Chapecó Alimentos, Cooper Alfa e Cooper Central Oeste Catarinense (com a marca Aurora)¹¹⁰. Em vista disso, não faltam comentários que exaltam como traço característico da população da região o potencial produtivo do conjunto *homem, terra e técnica*.

A origem do capital agroindustrial no Oeste de Santa Catarina teve início na década de 1940, com a instalação de frigoríficos como a Sadia e a Perdigão, sendo que a produção de suínos era a principal matéria-prima dessas empresas. Esse capital se desenvolveu, de forma mais intensa em Santa Catarina, a partir de meados da década de 50 e início dos anos 60, em função da diminuição do abate de suínos e bovinos dos frigoríficos nacionais e multinacionais de São Paulo e arredores, por motivo da implantação de novos frigoríficos próximos das áreas de engorda nas regiões centrais do país estimulados durante o terceiro governo Vargas (1951-54) com empréstimos bancários, isenções fiscais, entre outros. Essas medidas e as características das atividades comerciais no Oeste de Santa Catarina, como a venda de suínos aos frigoríficos de São Paulo (Swift e Armor, entre outros) e a existência de atividades frigoríficas sobretudo no Vale do Rio do Peixe e norte do Rio Grande do Sul, impulsionaram, a partir da década de 1950, a instalação de novas indústrias frigoríficas no Oeste Catarinense,¹¹¹ entre elas: Chapecó S/A (1952), Seara (1956), Reunidas Ouro (1960), Itapiranga (1962), Unifrio (1963), bem como se processou a expansão do capital de empresas do ramo como a Perdigão e a Sadia, que já atuavam na região.

Em Chapecó, as empresas do ramo frigorífico se instalaram em dois momentos: o primeiro, entre o final da década de 1940 e a primeira metade da década de 1950, com a constituição da Indústria e Comércio Marafon (fábrica de produtos suínos) e a S/A Indústria e Comércio Chapecó, que também industrializava carne suína e seus derivados. Esse primeiro momento foi regido por várias dificuldades, principalmente a carência de estradas para o escoamento da produção. O segundo momento da industrialização de Chapecó foi entre o final dos anos sessenta e início dos anos setenta, com a instalação de empresas como o frigorífico da Cooper Central Oeste (1967, antiga Indústria e Comércio

¹¹⁰ ESPÍNDOLA, Carlos J. **As Agroindústrias do Brasil**: o caso Sadia. Chapecó: Grifos: 1999, p. 17.

¹¹¹ MAMIGONIAM, Armen. Notas sobre os frigoríficos do Brasil central pecuário. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 51, 1976.

Marafon), o moinho da Cooper Alfa (1967), a fábrica de óleos vegetais da Extrafinos (1971), o Frigorífico Sadia (1972), além de laticínios e outras empresas menores que surgiram em função dos frigoríficos e fábricas de alimentos.

Dentre as indústrias de alimentos que, nesse período, se estabeleceram em Chapecó, a Sadia Avícola foi a empresa que proporcionava “motivo de euforia”, pois não se tratava apenas da instalação do “maior abatedouro de aves da América Latina”¹¹², mas de uma empresa cujos dirigentes haviam inaugurado um modelo de produção próprio: tratava-se do sistema de *produção integrada* ou *parceria*, proporcionando “o maior entusiasmo entre os avicultores, com as perspectivas da colocação certa de seus produtos”¹¹³.

Além das mudanças nas formas de produção disponibilizadas pela Sadia, a política econômica do Estado, efetivada por meio do trabalho, principalmente, da Extensão Rural e do sistema de Crédito Agrícola, viabilizou incentivos ao aumento da produtividade agrícola com a finalidade de atender aos preceitos do desenvolvimento nacional. Essas iniciativas disponibilizadas aos agricultores no Oeste de Santa Catarina favoreceram o desenvolvimento, principalmente, das empresas de caráter agroindustrial, entre essas a Sadia.

Tendo como *cenário* as mudanças nas formas de trabalho no campo, pretendemos apresentar neste capítulo como se consolidou o desenvolvimento e expansão do capital agroindustrial em Chapecó e na região, ao mesmo tempo em que ocorreram as modificações nas práticas de produção e trabalho dos agricultores. Essas alterações, de certa forma, motivaram a migração de famílias ou dos membros mais jovens do meio rural para cidades como Chapecó, incitados pelas oportunidades de trabalho no setor industrial. Optamos por analisar, como base empírica, os migrantes do meio rural que deixaram o campo motivados pelas oportunidades de emprego do frigorífico Sadia, cuja mão-de-obra era composta basicamente por homens e mulheres de procedência rural. A intenção maior é demonstrar como os agricultores se posicionaram diante das novas modalidades de trabalho que foram sendo propostas mais intensamente a partir dos anos setenta e como a migração campo-cidade se tornou uma estratégia de sobrevivência para muitas famílias superarem as dificuldades que estavam vivenciando.

¹¹² Eu transformarei Chapecó. **Revista Ceieiro Catarinense**, Florianópolis, n. 7, p. 8, dez. 1971.

¹¹³ Chapecó em ritmo de Brasil grande. **Revista do Sul**, Blumenau, n. 212, p. 40, nov.-dez. 1971.

2.2 – ‘A grande empresa que todo chapecoense aplaude’: a instalação da Sadia Avícola



Figura (8) Foto aérea das instalações do Frigorífico Sadia – Chapecó, 1973.
Fonte: Acervo particular de Vitorino Zollet

Esta empresa há de se constituir num dos mais brilhantes empreendimentos de **transformação de produtos**, existentes hoje na América Latina, em termos de vulto, em termos de **tecnologia** – integrando, porque parte desde a **utilização dos produtos agrícolas** da região, transformados inicialmente em ração e posteriormente em proteína animal da mais alta qualidade, deixando ainda o resíduo de fertilização para a própria área e levando para os **centros consumidores** e para o exterior a proteína da mais alta capacidade alimentar¹¹⁴.

A instalação de empresas do ramo agroindustrial, como a Sadia, representava a concretização dos projetos econômicos que, desde a festa do cinquentenário, estavam sendo propostos por políticos e empresários locais. A idéia de progresso, entendido como sinônimo de desenvolvimento econômico e industrial, que as lideranças políticas do município difundiam em seus discursos, ganhava profusão em dizeres como: “Nossa política é o trabalho. Nosso lema é o desenvolvimento. Nosso ideal é o bem-estar social”¹¹⁵.

¹¹⁴ Inauguração da Sadia-Chapecó. *Revista do Sul*, Blumenau, n. 220, p. 14, abr. 1973. Grifos Meus.

¹¹⁵ Eu transformarei Chapecó. *Revista Ceilero Catarinense*, op. cit., p. 9.

E ainda: “Será Chapecó o município brasileiro de maior produção de aves e a Sadia Avícola o maior abatedouro de aves da América do Sul”¹¹⁶. Tais palavras de ordem, cheias de efusão e otimismo, eram recorrentes na época.

Nesse período, a viabilização de políticas públicas de incentivo ao aumento da produtividade agrícola e a expansão industrial, dispostas em todo o país, tornaram o cenário propício às mudanças que ocorreram em Chapecó. Os incentivos que o capital agroindustrial recebeu dos planos de desenvolvimento do Estado foram importantes para que o município recebesse investimentos no setor industrial. O impulso econômico favoreceu principalmente o desenvolvimento das agroindústrias, uma modalidade de empresa que participa desde a produção da matéria-prima até o seu beneficiamento. Para Carlos J. Espíndola, entre as iniciativas de apoio ao desenvolvimento agroindustrial em Santa Catarina, estão:

a criação em 1965, do Sistema Nacional de Crédito Rural, criação do Fundo Geral para Indústria e Agricultura (FUNAGRI), implantação de Fundos de Financiamentos às Indústrias como o Financiamento às Pequenas e Médias Empresas (FIPEME), o Programa Agroindústria (PAGRI), o Fundo de Democratização do Capital das Empresas (FUNDECE), entre outros¹¹⁷.

A política econômica nacional impulsionava a expansão industrial, o Estado disponibilizava recursos para instalação de novas empresas e o poder público municipal viabilizava estratégias para atrair esse capital – doações de terreno, energia elétrica, isenção de impostos, entre outros¹¹⁸. A escolha da Sadia de se instalar em Chapecó, a partir de 1971, se deveu ao fato de que a cidade já havia alcançado um bom tamanho e estava situada no centro de uma vasta zona agrícola rica em milho e soja, localizada na região Oeste Catarinense, Alto Uruguai Rio-grandense e Sudoeste Paranaense. Dispunha ainda de energia elétrica, possuía boas estradas e aeroporto¹¹⁹. A importância desse empreendimento pode ser notada nos incentivos dos órgãos públicos locais e da Sociedade Amigos de Chapecó – SAC, empenhados em apresentar as condições de infra-estrutura que a empresa requiritava.

¹¹⁶ Id., p. 8.

¹¹⁷ ESPINDOLA, op. cit., p. 38.

¹¹⁸ “Para estimular ainda mais as indústrias que pretendem sediar-se em Chapecó, os poderes Legislativo e Executivo aprovaram leis especiais que isentam impostos por tempo determinado e que concedem favores como doação de terreno, aberturas de estradas, terraplanagem etc. inclusive fornecendo energia elétrica abundante”. (Eu transformarei Chapecó. **Revista Celeiro Catarinense**, op. cit., p. 9.)

¹¹⁹ **Sadia 50 anos**: construindo uma História. São Paulo: Prêmio, 1994, p. 76.

Além dos incentivos, como financiamentos e empréstimos de órgãos ligados aos governos estadual e federal, concedidos às empresas de caráter agroindustrial, foram decisivas nesse processo, entre os agricultores, as intenções desenvolvimentistas do Estado que manifestaram-se em Santa Catarina, e mais especificamente no Oeste Catarinense, com os trabalhos da Extensão Rural através dos clubes 4-S¹²⁰, dinamizados pela Associação de Crédito e Assistência Rural de Santa Catarina – ACARESC. Esse órgão do governo do estado visava desenvolver essa iniciativa, partindo da qualificação dos jovens, filhos de agricultores:

Estes clubes têm como matriz os 4-H Clubs norte-americanos que desenvolvem seus trabalhos desde o início do século XX, nos Estados Unidos. Este instrumento de trabalho com jovens rurais foi adotado pela Extensão Rural no Brasil a partir da década de 50, pela antiga ACAR (Associação de Crédito e Assistência Rural) e por suas afiliadas em todo o Brasil. No caso catarinense, a implantação destes trabalhos ficou a cargo da ACARESC, que durante sua existência procurou introduzir técnicas e tecnologias “modernas” aos agricultores do estado. A modernização da agricultura catarinense se daria, segundo o discurso da ACARESC, pela introdução de técnicas (a maneira de lidar com a lavoura e o lar) e tecnologias (adubos químicos, máquinas agrícolas etc.) racionais aos agricultores¹²¹.

Desse modo, “é necessário entender que um tipo de agricultor deveria ser formado neste momento: um agricultor moderno”¹²² que atendesse aos interesses das agroindústrias em franca expansão e que respondesse à demanda por maior produtividade, incentivada pelo Estado e pelo capital agroindustrial. A modernização agrícola e industrial que ocorreu em Chapecó e região não foi um acontecimento isolado, mas uma amostra da política econômica que ritmava todo o país¹²³.

¹²⁰ A sigla 4-S significa: Saber, Sentir, Servir, Saúde.

¹²¹ SILVA, Claiton M. da. Modernização da agricultura e difusão dos clubes 4-S no Oeste de Santa Catarina (1970-1975). **Cadernos do Ceom**, Chapecó, n. 14, p. 64, 2001.

¹²² SILVA, Claiton M. da. **Saber, Sentir, Servir e Saúde: A construção do novo jovem rural nos clubes 4-S**, Santa Catarina (1970-1985). 2002. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002, p. 71.

¹²³ As propostas de desenvolvimento econômico assegurado pelo Estado e dinamizado pelo sistema de Crédito Rural e pelas novas técnicas e tecnologias agrícolas representavam na década de sessenta a política agrícola que foi lançada aos países depois da Segunda Guerra Mundial, e que visava aumentar a produção de alimentos principalmente dos países pertencentes ao chamado Terceiro Mundo, com a utilização de maquinários e insumos modernos fabricados pelos Estados Unidos. “Com base nos princípios da revolução verde, ao longo das últimas décadas, na economia mundial, os sistemas produtivos agrícolas sofreram transformações importantes, cujos reflexos fizeram-se presentes nos diversos países, à medida que se alcançaram ganhos de produtividade via incorporação de novos fatores de produção, tais como o uso de sementes melhoradas, adubos químicos, agrotóxicos e maquinaria agrícola”. (MONTROYA, Marco A.; GUILHOTO, Joaquim J. M. Mudança estrutural no agronegócio brasileiro e suas implicações na agricultura familiar. In:

Os técnicos que realizavam o trabalho de Extensão Rural direcionavam os agricultores a seguir condutas de trabalho racionalizadas, por meio da utilização das novas técnicas e tecnologias agrícolas¹²⁴.

A orientação técnica chegava e dizia assim: “Quem não fizesse assim tá atrasado”. Era uma coisa que, quanto mais rápido se fazia, melhor [...]. Aí faziam reunião e diziam: “Olha, é melhor começar a produzir com técnica, é melhor assim...”¹²⁵

Em vista disso, a economia doméstica, o cultivo de gêneros alimentícios – mais que uma necessidade, uma tradição herdada culturalmente – sofreu grandes perdas. Com o uso dos insumos e fertilizantes agrícolas, muitas espécies vegetais tiveram seu desenvolvimento comprometido pela proliferação de pragas que causaram danos principalmente às hortaliças, frutas e legumes que eram produzidos naturalmente. Mas as alterações maiores ocorreram nas formas de trabalho e nas relações socioculturais das famílias. Para Índio Campos, em seu estágio inicial a unidade familiar:

era determinada quase que exclusivamente por suas relações internas. A área cultivada, quantidade de animais criados e etc. correspondiam à satisfação de uma gama de necessidades familiares supridas internamente. Assim, o montante da produção, determinado pelas necessidades de consumo familiar, era dado pela interação da força de trabalho disponível com a terra e uma dada tecnologia bastante arcaica, herdada das antigas colônias¹²⁶.

Eram freqüentes nesse período a ajuda mútua, a troca de sementes e a solidariedade entre os agricultores. Como exemplo rotineiro das relações de vizinhança, mencionamos o preparo da semente para o plantio. Segundo Genes F. da Rosa, “nós, em dia de chuva, tirávamos aquele tempo para ir preparar a semente na casa do vizinho, ou então era muito comum um vizinho ajudar o outro para fazer a roça”¹²⁷. Práticas como estas foram desconsideradas no plano de desenvolvimento agrícola que as autoridades públicas e as agroindústrias elaboraram para o campo, tendo em vista que a forma como eram produzidos

TEDESCO, João Carlos (Org.). **A agricultura familiar: realidades e perspectivas**. 3. ed. Passo Fundo-RS: Ed. da UPF, 2001, p. 179.)

¹²⁴ Conferir Anexo II (Tabelas de Quantidade de Máquinas e instrumentos agrícolas usados pelos agricultores e de Uso de Fertilizantes, Defensivos e Práticas de Conservação do Solo dos agricultores de Chapecó).

¹²⁵ Genes Fonseca da Rosa, agricultor Integrado da Sadia e Presidente da CRESOL (Cooperativa de Crédito Rural com Integração Solidária de Chapecó). Depoimento concedido à autora em 10/10/2003.

¹²⁶ CAMPOS, Índio. **Os colonos do Uruguai**. Relações entre pequena produção e agroindústria no Oeste Catarinense. 1987. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal da Paraíba, Campina Grande – PB, 1987, p. 177-178.

¹²⁷ Genes Fonseca da Rosa. Depoimento concedido à autora, em 10/10/2003.

os gêneros agrícolas foi relegada à condição de:

(...) antiquada (...) tornava-se necessário **romper com os procedimentos tradicionais**, promover a **revolução tecnológica**, abrir os horizontes das **empresas rurais** criando possibilidades para as novas combinações de fatores que resultem na maior **remuneração do trabalho do homem**¹²⁸.

A princípio, as novas técnicas e tecnologias que propunham o rearranjo das formas de trabalho eram aceitas pelos colonos, pois representavam o aumento da produtividade agrícola e a possibilidade de maiores ganhos.

Eles primeiro chamavam a juventude pra essa renovação, aonde era pregado que o agricultor “podia guardar a enxada porque o veneno resolvia tudo”. E a semente caseira, principalmente de milho, não tinha “peso”, quer dizer, a comprada era melhor, dobrava em peso, e o adubo fazia com que a semente germinasse muito mais, aí depois do adubo vinha a uréia e assim por diante. E dava mais lucro¹²⁹.

Os recursos para aquisição da *tecnologia moderna* eram viabilizados pelo Sistema de Crédito Rural mediado pelo Banco Central, a pedido do Ministério da Agricultura. Essa iniciativa, que fazia parte do mesmo *pacote tecnológico* para a agricultura, pretendia “utilizar a concessão de empréstimos como eficaz instrumento de prosperidade do meio rural, mediante a provocação de modificações necessárias ao progresso econômico e bem-estar das populações do campo”¹³⁰.

No entanto, o sistema de Crédito Rural planejado com a finalidade de disponibilizar recursos para que os agricultores investissem em novas tecnologias agrícolas – sementes selecionadas, adubos, maquinários e investimentos nas propriedades – tornou-se, juntamente com outros fatores, um dos principais meios de insucesso e falência dos agricultores que contraíram empréstimos bancários e, por alguma eventualidade (frustração de safra, baixo preço do produto...), não conseguiram saldar as dívidas com o banco. Uma amostra disso aconteceu com a família de Herondino P. de Andrade, agricultor que residia no meio rural de Quilombo (SC). Na propriedade ele e a família, com o financiamento concedido pelo empréstimo do banco, investiram na criação de suínos *na técnica* e na aquisição de máquinas como a trilhadeira para facilitar o cultivo dos produtos agrícolas.

¹²⁸ Primeira aula de Crédito Rural revela revolução tecnológica. **Jornal O Estado**, Chapecó, 21/09/1967, p. 8. Grifos Meus.

¹²⁹ Maria de Lurdes Mendes. Agricultora, participou do Movimento das Mulheres Agricultoras (MMA) no início dos anos oitenta. Reside no município de Nova Itaberaba-SC. Depoimento concedido à autora em 10/10/2003.

¹³⁰ “O sistema de Crédito Rural foi institucionalizado no Brasil, conforme a lei nº 4829, de 05/11/1965 pelo Exmo. Sr. Diretor do Banco Central do Brasil, Dr. Auri Buerger”. (Primeira aula de Crédito Rural revela revolução tecnológica. **Jornal O Estado**, op. cit., p. 8.)

Mas, em virtude dos gastos referentes a problemas de saúde com um de seus filhos e a frustração de safra ocorrida em função da estiagem que assolou a região em 1979, acabou se vendo forçado a vender tudo para saldar as dívidas no banco e a buscar novas possibilidades de trabalho na cidade:

No segundo ano que eu comecei a fazer os terraços e criar os porcos *na técnica*, fazendo a ração em casa, não comprar a ração pra ver aonde é que tinha mais lucro (então dava 20 cruzeiros, na época a mais de lucro por porco, do que comprar a ração pronta). Eu fiquei em segundo lugar na suinocultura, vendi porco de raça assim. Mas fui muito mal com o empréstimo do banco. Fiz empréstimo do chiqueiro, comprei trilhadeira. Daí teve o último piá que ficou doente, daí eu gastei tudo, acabei vendendo a chácara, dez porcas criadeiras e 80 porcos e sobrei 3 mil, paguei o banco e tudo. Daí por um tempo eu tinha uma bodega, mas não deu certo. Então mudamos pra Pinhalzinho, trabalhei numa fábrica de móveis, vendedor de móveis. Depois passei a gerente dentro da fábrica de móveis, carrocerias e fábrica de gaiolas que tinha da Sadia. Na época faziam gaiolas de madeira. Daí comecei a conhecer a Sadia, tinha bastante serviço e tal, então, entrei na Sadia¹³¹.

Esse período, quando a família de Herondino P. de Andrade deixou o campo, foi o ponto alto dos financiamentos concedidos por entidades do governo aos agricultores. Atentando para a tabela 3, percebe-se que em dez anos (de 1970 a 1980) os valores desses financiamentos aumentaram significativamente. Em 1970 foram 1,779 milhão de cruzeiros, passando para 46,856 milhões em 1975, e daí para 194,320 milhões de cruzeiros em 1980.

Tabela (3) - Origem dos financiamentos obtidos pelos agricultores de Chapecó (em mil de cruzeiros)

Ano	1970	1975	1980
Valor Total (Mil Cruzeiros)	\$ 3.265	\$ 54.777	\$ 274.939
Entidades do Governo ¹³²	\$ 1.779	\$ 46.856	\$ 194.320
Entidades Privadas	\$ 990	0	0
Cooperativas	0	0	\$ 4.634
Outras Fontes	\$ 479	\$ 7.922	\$ 72.984

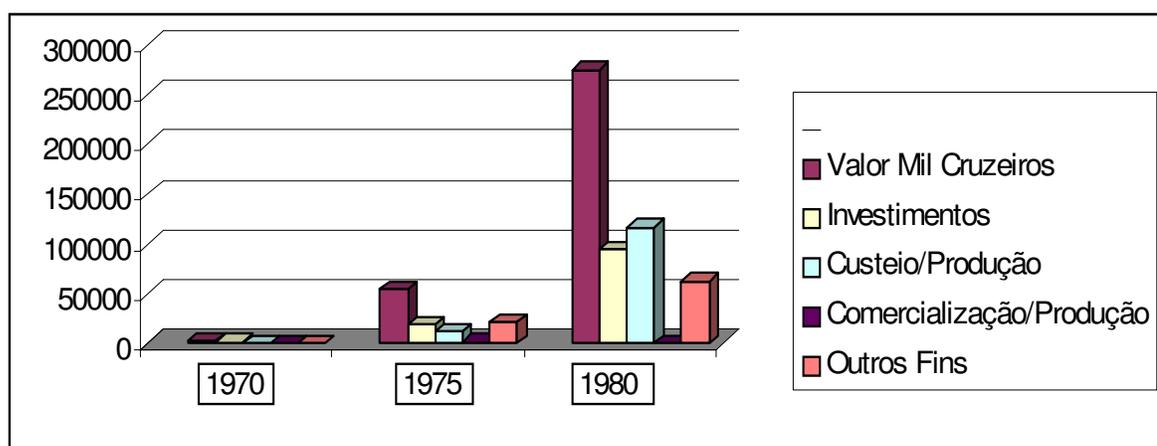
FONTE: IBGE. Censos Agropecuários 1970 (v. 3, p. 233); 1975 (v. 1, p. 335); 1980 (v. 2, p. 379).

¹³¹ Herondino P. Andrade. Natural de Erechim-RS. Funcionário da empresa de 1979 a 1981, exercia a função de encarregado do frigorífico no departamento de Câmara Fria. Residia no Bairro São Cristóvão. Depoimento concedido à autora em 13/06/2004.

¹³² Grifos Meus

Ao que tudo indica, a aplicação desses recursos era destinada, em sua maior parte, para investimentos na propriedade e para custear despesas com a produção, como podemos verificar no gráfico 1:

Gráfico (1) - Finalidade dos investimentos obtidos pelos agricultores de Chapecó



FONTE: IBGE. Censos Agropecuários 1970 (v. 3, p. 230); 1975 (v. 1, p. 333); 1980 (v. 2, p. 383).

Outro fator que contribuiu para impulsionar a migração campo-cidade e, por outro lado, para consolidar a expansão do capital agroindustrial e das formas de trabalho racionalizadas no campo foi a crise na suinocultura. Ela se efetivou de forma peculiar na segunda metade da década de 70 e ocorreu no auge da chamada peste suína africana, “um episódio polêmico, marcado por grandes contradições, cuja existência nunca foi realmente comprovada”¹³³. Isso porque os agricultores da região nunca avistaram nenhum suíno doente, e repentinamente uma determinação federal enviava tropas do exército para sacrificar os suínos sem maiores explicações. Para Odilon Poli, “há indícios bastante evidentes de que, ao invés de uma doença de suínos, a suposta peste foi uma estratégia para a eliminação definitiva da produção autônoma de suínos na região”¹³⁴.

Um dos focos mais polêmicos foi o fuzilamento de suínos, que aconteceu em setembro de 1978 na localidade de Beira Rio, interior do município de Xanxerê, em que dez soldados da polícia militar sacrificaram cerca de 170 suínos, depois da morte de um suíno na propriedade de David M. Compagnoni. A polêmica em torno do acontecimento se

¹³³ POLI, Odilon. **Leituras em movimentos sociais**. Chapecó: Grifos, 1999, p. 68.

¹³⁴ Id., p. 69.

espalhou, pois “o próprio David garante que o suíno examinado sofrera infecções oriundas de uma castração feita sem os devidos cuidados higiênicos e profiláticos”¹³⁵.

A reportagem de capa da edição de 08/09/1978 do *Jornal Correio do Sul* satirizou os acontecimentos com a charge disposta na figura 9, tendo em vista a falta de informação e o descaso do governo com o que estava acontecendo.



Figura (9) Charge sobre a matança de suínos.
Fonte: *Jornal Correio do Sul*, Chapecó, 08/09/1978, p. 1.

A partir de outubro de 1979 e início da década de 1980, no contexto de crise da produção camponesa, ocorreu uma série de manifestações dos trabalhadores rurais, que protestavam em defesa das suas formas de produzir: “nós estávamos tentando garantir que os animais não fossem sacrificados (...) nós não sabíamos direito com quem deveríamos conversar. A única pessoa que procurou nos ajudar foi o Dom José”¹³⁶.

¹³⁵ Fuzilamento de suínos. *Jornal Correio do Sul*, Chapecó, 08/09/1978, p. 16.

¹³⁶ Maria de Lurdes Mendes. Depoimento concedido à autora, em 10/10/2003. Dom José Gomes foi nomeado Bispo da Diocese de Chapecó em 30 de agosto de 1968. Ele chegou a Chapecó transferido da Diocese de Bagé, no Rio Grande do Sul. Em Chapecó esteve intimamente relacionado com os

As manifestações contra a matança e o baixo preço do suíno aconteciam sob forma de passeatas nas principais ruas de Chapecó e contavam com o apoio de lideranças comunitárias ligadas à Igreja católica de vários municípios de Oeste Catarinense. A Igreja católica em Chapecó¹³⁷ desempenhou um papel importante na organização dos movimentos populares, especificamente os do campo que surgiram no município e região. No episódio das manifestações ocorridas em torno da polêmica “peste suína africana”, as pessoas que lideraram o movimento estavam envolvidas com os novos discursos cristãos que repercutiam em Chapecó. “Uns poucos sindicalistas, alguns agentes pastorais comprometidos com as linhas de ação da CPT e principalmente o D. José”¹³⁸ e grande parte da população camponesa fizeram várias manifestações contra a matança de suínos que vinha acontecendo de forma misteriosa e ambígua¹³⁹.

Esse conjunto de transformações implicou uma nova postura dos agricultores, que a partir das dificuldades enfrentadas buscaram novas formas de organização. Os movimentos sociais¹⁴⁰ que incidiram em Chapecó, de forma mais intensa a partir dos anos oitenta,

movimentos populares do campo, através da formação de lideranças ligadas à Pastoral da Terra – CPT – e aos Grupos de Reflexão que traziam às famílias agricultoras as implicações que a política econômica do período poderia lhes causar. “O momento histórico em que D. José assumiu a Diocese de Chapecó foi marcado por um profundo sentimento de renovação da Igreja no contexto do Concílio Vaticano II (1962-1965) e na Conferência de Medellín (1968). D. José Gomes participou do Concílio Vaticano II, como um dos Bispos mais jovens e da Conferência de Medellín em que foi influenciado a pensar nos problemas e desafios latino-americanos”. (UCZAI, Pedro; BRUGNERA, Nedilson L.; MARCON, Telmo. Dom José, a educação formal e a formação de lideranças. In: UCZAI, Pedro (Org.). **D. José Gomes: mestre e aprendiz do povo**. Chapecó: Argos, 2002, p. 140.)

¹³⁷ A partir da década de setenta, baseada nos princípios do “Concílio Vaticano II e dos encontros episcopais de Medellín e Puebla, a Diocese de Chapecó inaugurou uma nova orientação para a sua atuação, na qual assumiu explicitamente uma opção preferencial pelos pobres. Desde então, a sua inserção junto às classes populares passou a estimular a organização e também difundir uma visão de mundo calcada no igualitarismo comunitário e na ênfase à participação coletiva”. (POLI, op. cit., p. 74-75.)

¹³⁸ FIORENTIN, Valter & ORO, Ivo P. Dom José e as lutas dos pequenos agricultores. In: UCZAI, op. cit., p. 183.

¹³⁹ No episódio da *peste suína africana*, o mais estranho de tudo foi a informação do Ministério da Agricultura de que somente um laboratório do Brasil, o Instituto de Virologia da Universidade do Rio de Janeiro, ligado a um laboratório do Estados Unidos, tinha condições para analisar e detectar o vírus da peste suína africana. Além disso, “em todos os lugares onde fora constatado algum foco, aqui no Oeste, depois da morte de algum suíno que, segundo as análises, estaria contaminado, mais nenhuma espécie morria. Ao contrário, todo o rebanho era sadio, se alimentava, dormia, engordava”. (FIORENTIN & ORO, op. cit., p. 181-182.)

¹⁴⁰ Os movimentos sociais camponeses – Movimento das Mulheres Agricultoras, Movimento de Oposição Sindical dos Trabalhadores Rurais, Movimento dos atingidos pelas Barragens e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – surgiram, em certo sentido, legitimados pelo

demonstraram que esses homens e mulheres, imersos em um cenário de mudanças, não eram meros personagens do enredo de transformações. Eles existiam enquanto sujeitos e fizeram-se de forma representativa diante das limitações que se estabeleciam. Em certo sentido, o uso de tecnologias modernas e o acompanhamento técnico da política agroindustrial e do Estado gradativamente foram suprimindo um modo de vida dos agricultores, o que provocava diversas reações.

Em uma das manifestações que ocorreu em outubro de 1980, os agricultores desceram o centro da cidade “gritando por preços justos por seus suínos”. Diziam eles que “não podemos mais continuar sendo joguetes dos frigoríficos e especuladores (...) precisamos contar e receber o preço justo pelo trabalho”¹⁴¹. E mais:

A cidade inteira parou nas calçadas para ver a passagem dos descontentes produtores rurais, que não dispensaram seus cartazes. É claro que todos eles em sinal de protesto às injustiças a eles cometidas. Havia um que continha um desenho de um porco e os dizeres: “De promessas já estou gordo”, ou então, “Queremos preço justo para nosso suíno”, e até mesmo, “Onde estão os nomes que elegemos”?¹⁴²

A peste suína provocou também a falência de vários frigoríficos de menor potencial econômico que, diante da crise, acabaram sendo incorporados por outras empresas do ramo. Num período de quatro anos (1978-82) evidenciou-se a concentração do capital agroindustrial. Assim, “o grupo Perdigão de Videira adquiriu os frigoríficos Pagnocelli e Indústrias Reunidas Ouro; o Grupo Hering-Ceval do município de Blumenau adquiriu os frigoríficos Seara e Safrita, constituindo a Seara Indústria S/A”¹⁴³. Nesse processo preponderou na região Oeste o domínio de cinco grandes empresas do ramo agroindustrial: Perdigão, Seara Industrial, Sadia, Chapecó Indústria e Comércio S/A e Cooper Central Oeste Catarinense. Das cinco, as três últimas estão localizadas em Chapecó.

Além disso, a crise na suinocultura serviu para consolidar o sistema de produção integrada de suínos e aves em Chapecó e região. Essa afirmação é reforçada se compararmos os dados do número de produtores integrados da Sadia Avícola de Chapecó dispostos no gráfico 2.

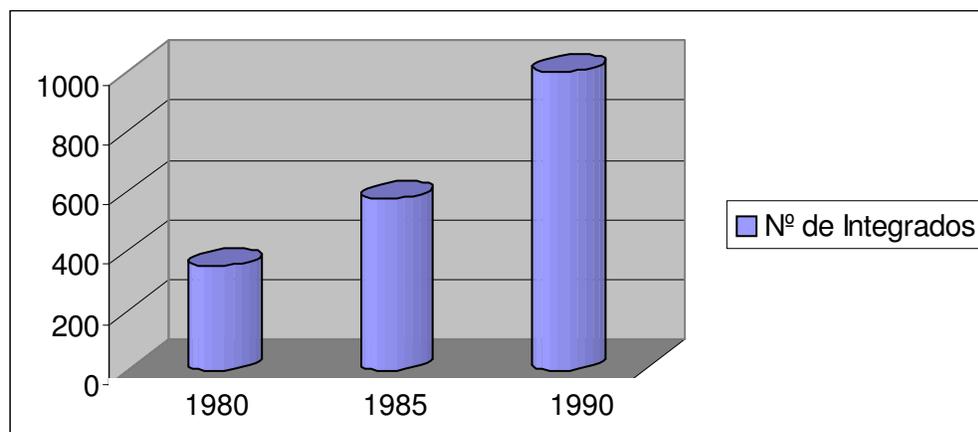
discurso das CEBs (Comunidades Eclesiais de Base) – modelo adotado pela Diocese de Chapecó, a partir de 1975 – com o reforço dado aos grupos de reflexão, a formação das lideranças que atuavam nas comunidades. A maneira como as CEBs atuavam foi importante para a consolidação dos movimentos sociais camponeses em Chapecó.

¹⁴¹ Passeata parou a cidade. **O Jornal Catarinense**, Florianópolis, 19/10/1980, p. 7.

¹⁴² Id.

¹⁴³ STRIEDER, Roque. **Produção agrícola integrada**. São Miguel do Oeste: Unoesc, 2000, p. 32.

Gráfico (2)- Número de propriedades integradas de aves da Sadia Avícola de Chapecó (1980-1990)



Fonte: Panfleto de divulgação da Sadia Avícola fornecido pela empresa

2.3 – Sistema de Produção Integrada: os parceiros da Sadia

Tivemos a oportunidade de visitar o parque onde está sendo construído o grande Frigorífico da Sadia Avícola, já em fase inicial de construção o que dará notável impulso ao desenvolvimento econômico da região. Já é grande o número de granjas avícolas, nas proximidades da cidade, reinando o maior entusiasmo entre os avicultores, com as perspectivas da colocação certa de seus produtos¹⁴⁴.

A Sadia tinha como sócio-dirigente e fundador Attilio Fontana, na época vice-governador do estado que, além de empresário, era político conhecido, representante do PSD e depois, no período bipartidário, da Arena na região Oeste Catarinense¹⁴⁵. Nos cargos públicos que ocupou, dinamizou várias iniciativas de desenvolvimento para a região, especialmente no setor agrícola, que se tornou com o passar dos anos o grande fornecedor de matéria-prima para as indústrias de alimentos ligadas a empresas agroindustriais. Dessa forma, é recorrente encontrarmos nos pronunciamentos da imprensa local e estadual a

¹⁴⁴ Chapecó em ritmo de Brasil grande. **Revista do Sul**, Blumenau, n. 212, p. 40, nov./dez. 1971.

¹⁴⁵ Attilio Fontana, além de comerciante, foi um político influente na região. Sua carreira política iniciou-se em 1930, como simpatizante do PRC (Partido Republicano Catarinense) e consultor do município de Cruzeiro (atual Joaçaba). Na década de 1940, Attilio Fontana “foi incumbido de organizar o PSD (Partido Social Democrático), por indicação de Nereu Ramos e a concorrer nas eleições de 1947 a vereador pela cidade de Concórdia”. Em 1950, elegeu-se prefeito de Concórdia. Nas eleições posteriores, o empresário elegeu-se deputado estadual (1955-58), deputado federal (1959-62) e senador (1963-71). Em 1970 foi indicado por E. G. Médici a vice-governador, na administração de Colombo Salles. (ESPINDOLA, op. cit., p. 30-31.)

exaltação da carreira empresarial e política de Attilio Fontana como “o desbravador de novas fronteiras” ou “o bandeirante do ideal de servir a sua gente e ao seu país”¹⁴⁶.

Attilio Fontana é o símbolo vivo de quanto pode uma criatura humana, na escalada da vida, se souber pautar sua **conduta por princípios sãos**, caldeados na força de **vontade**, na **lealdade** e na **dedicação plena ao trabalho** bem planejado. O gênio de Fontana, sua persistência, sua coragem e seu arrojo operariam o milagre dessa transformação extraordinária que **influiria decisivamente na história do desenvolvimento do Oeste Catarinense** e de todo o Estado. Ele era um homem bem dotado de novas idéias e novos métodos de trabalho. Começou, então a formar seu “staff” técnico, a sua equipe de assessores, a sua **‘família Sadia’**¹⁴⁷.

A exemplo de outras indústrias do ramo frigorífico de Chapecó, o grupo Sadia constituiu as instalações da fábrica de rações e do frigorífico numa localidade rural relativamente próxima à cidade (cerca de 8 km), a fim de não comprometer a vida urbana, pois a natureza das atividades frigoríficas (restos de sangue, vísceras e outros) poderia causar mau cheiro, proliferação de insetos e até mesmo doenças para a população urbana. No local havia também abundância de água, um recurso indispensável para essa modalidade de trabalho. Com a instalação da empresa, os primeiros aviários começaram a ser construídos nas imediações da Sadia, como podemos visualizar na figura 10. Na área escolhida, residiam algumas famílias de agricultores e áreas de pastagens que constituíam granjas de criação de bovinos para leite.

¹⁴⁶ As duas expressões são parte da reportagem intitulada “Attilio Fontana”, veiculada na **Revista Catarinense**. Florianópolis. n. 21, p. 46-47, 1972. *Attilio Fontana* é filho de migrantes italianos que se estabeleceram no Rio Grande do Sul na segunda metade do século XIX. Chegou ao Oeste de Santa Catarina, mais precisamente ao município de Cruzeiro (atual Joaçaba) na década de vinte, onde se empregou numa casa comercial. Com os ganhos acumulados, Fontana investiu, em 1923, na compra de um pequeno hotel. Em 1925 o hotel foi transformado em casa comercial e Attilio se tornou representante comercial da venda de suínos entre o Oeste Catarinense e São Paulo. Durante o período de 1930 a 1940, a crise econômica forçou os comerciantes do Oeste a fundirem seus capitais, visando à redução dos custos operacionais. Assim, os capitais da família Fontana se uniram aos da família Fungati. Em 1940, Attilio Fontana foi convidado para participar como acionista de um moinho e um frigorífico de suínos que se encontrava com problemas financeiros e administrativos na cidade de Concórdia. Desse modo, a partir de 1944 estava instalado em Concórdia o frigorífico que mais tarde receberia o nome de Sadia. (ESPÍNDOLA, op. cit., p. 22-25.)

¹⁴⁷ Attilio Fontana. **Revista Catarinense**, Florianópolis, n. 21, p. 46-47, 1972. Grifos Meus.

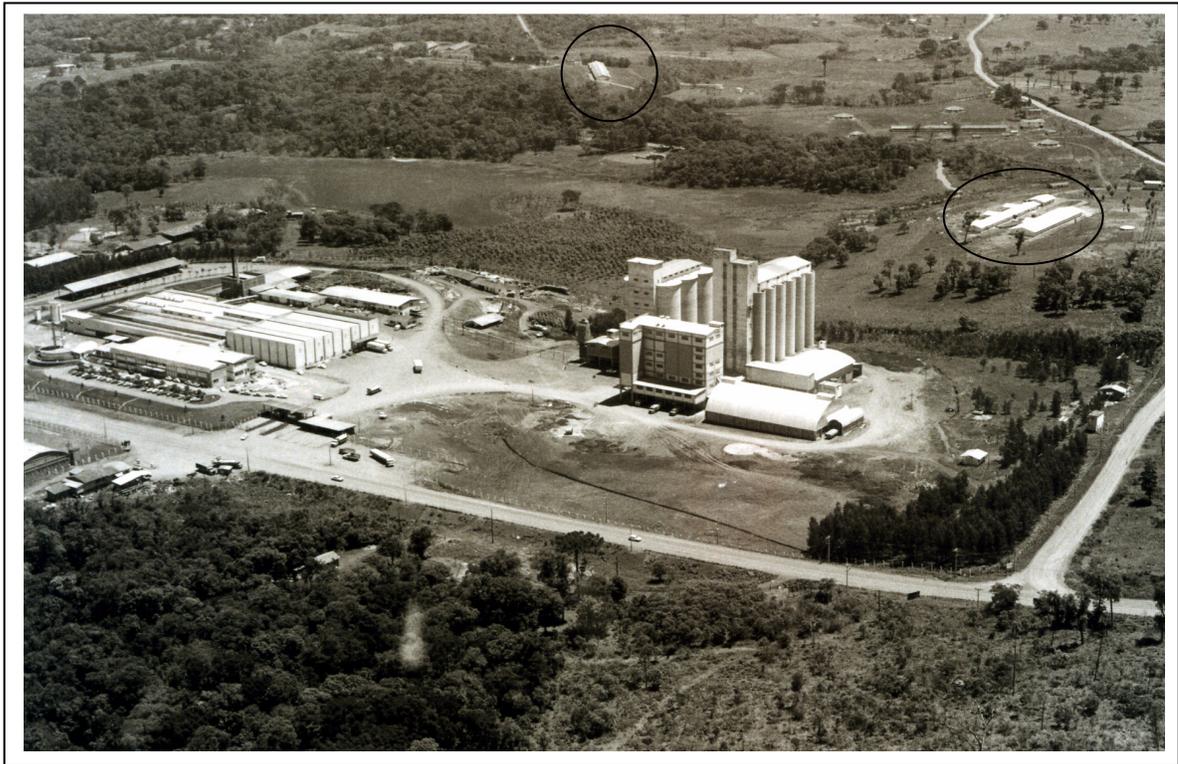


Figura (10) Vista aérea do frigorífico Sadia.
Fonte: Panfleto de divulgação da Sadia Avícola.

Ao mesmo tempo em que as instalações da Sadia estavam sendo constituídas, nessa mesma área se estabeleceu, a serviço da empresa, a Increal – fábrica de carrocerias, câmaras frigoríficas (para o transporte dos produtos frigoríficos) e equipamentos para aviários¹⁴⁸ vendidos aos agricultores que se tornavam integrados da empresa.

A relação da Sadia com os primeiros colonos da localidade, para conseguir os primeiros produtores integrados, foi facilitada pelas relações comerciais já existentes, em função do ponto de compra de suínos dos colonos da região que existia no local. O sistema *de produção integrada* foi sugerido aos colonos, com a finalidade de garantir a produção de matéria-prima para a indústria frigorífica e com isso a empresa pretendia “valorizar os

¹⁴⁸ *Aviários* são os galpões destinados à criação das aves. Essas três empresas tinham uma razão de estarem estabelecidas no mesmo local: a Increal fabricava os meios de armazenagem e transporte dos produtos frigoríficos, além dos equipamentos para os aviários comprados pelos colonos que se tornaram *produtores integrados* da Sadia; a fábrica de rações se destinava ao fornecimento da alimentação para as aves criadas pelos integrados e pelos trabalhadores das granjas de criação de aves da empresa; e o frigorífico representava a parte final desse processo, a transformação da matéria-prima (carne de aves, frango e peru e seus derivados) para posterior comercialização.

minifúndios”, além de promover “social e economicamente a região”, visando aproveitar “integralmente a mão-de-obra familiar”. Com esse sistema de produção a empresa objetivava ainda “fixar a família, o homem do campo, procurar sanar, ou pelo menos diminuir, um sério problema brasileiro, que é o êxodo rural”¹⁴⁹. Essa forma de produção, popularmente conhecida como *parceria*, foi um modelo implantado no Oeste de Santa Catarina por Attilio Fontana, sócio-fundador e dirigente da Sadia. Como empresário e político influente, nas viagens que fazia ele buscou conhecer um pouco mais do padrão de produção norte-americano, para difundir as bases do sistema de produção integrada em sua empresa¹⁵⁰.

O experimento desse novo modelo de produção no Oeste de Santa Catarina teve início em Concórdia (SC), quando seu sobrinho “Victor Fontana e seus técnicos passaram a selecionar pequenos produtores que se enquadravam ao novo modelo de integração”¹⁵¹. Os encontros com os agricultores e seus filhos eram realizados aos sábados nas comunidades rurais de Concórdia, em data e hora previstas, sendo que a escola era o principal meio de divulgação das reuniões.

No início, eram reuniões para as quais se convocavam também os filhos dos camponeses, futuros produtores. A seguir foi a compra de um jornal que serviria à divulgação dessas técnicas. Como os produtores tinham muita dificuldade para a leitura, Attilio Fontana adquiriu, então, uma emissora de rádio: a Rádio Rural. Semanalmente, às seis horas da manhã, ia ao ar “A Hora do Agricultor” em que, pessoalmente, recomendava os melhores procedimentos para a criação de animais e desenvolvimento de algumas culturas agrícolas¹⁵².

Em Chapecó, a Sadia iniciou a transmissão dessa forma de produzir segundo o modelo já aplicado em Concórdia, a partir do momento em que a empresa estabeleceu no município o frigorífico de aves em 1971. A avicultura, uma iniciativa pioneira do grupo Sadia, faz parte do “processo de diversificação adotado pelos frigoríficos a partir dos anos

¹⁴⁹ Fomento a um aliado da agropecuária. **Revista Integração**. Alphaville-SP, n. 41, p. 19, ago.-set. 1984.

¹⁵⁰ Essa forma de produzir nasceu originalmente na década de cinquenta, quando o grupo Sadia fundou a Fazenda Santa Luzia em Concórdia. Esta foi constituída por Attilio Fontana e o médico veterinário Roberto Nogueira, funcionário do Ministério da Agricultura. Com a interferência de Nogueira nesse ministério, foi possível importar linhagens de suínos da Inglaterra, que seriam entregues a pequenos produtores residentes na Fazenda, sendo alguns destes familiares de Attilio Fontana, originários da Itália. (ESPÍNDOLA, op. cit., p. 55.)

¹⁵¹ Id., p. 56.

¹⁵² Attilio Fontana 100 anos de nascimento de um empreendedor. **Revista Integração**, ed. especial, Alphaville-SP, s.n., p. 13, ago. 2000.

setenta”¹⁵³, para expandir capitais. Essa atividade comercial não era tradicional da região, como a suinocultura, e se constitui por meio de acordos com os colonos mediante os quais a empresa se comprometia a fornecer ao integrado os pintos, a ração, os medicamentos, outros insumos e assistência técnica, o transporte dos frangos, abate e comercialização. Ao integrado cabia providenciar as instalações e a mão-de-obra. O projeto dos aviários e a orientação para a compra dos equipamentos a serem utilizados eram fornecidos pelos técnicos da empresa, que também encaminhavam a proposta de financiamentos do projeto ao banco e davam assistência permanente ao criador¹⁵⁴.

Com o passar dos anos, esse modelo de produção passou a ser seguido por outras empresas do ramo. “A verdade é que o nosso exemplo foi seguido pelos nossos colegas, proprietários de frigoríficos que abatem suínos. Vendo pelos nossos balanços que estávamos obtendo anualmente um resultado bastante satisfatório (...)”¹⁵⁵.

Em certo sentido, o produtor integrado é uma modalidade de trabalhador muito peculiar que participa com os investimentos e a mão-de-obra, enquanto a empresa fornece as matrizes e a assistência técnica. A política da empresa era ter integrados que residissem numa mesma comunidade ou região do município, para facilitar o contato com eles, em caso de reuniões ou visitas do técnico da empresa.

A Sadia entrou mais forte naquela região nossa. A empresa tinha uma tendência de ficar (eles gostariam de ficar meio reunido por comunidade). Ali eles conversavam com a gente, e como nós mudamos de propriedade, então a gente já fez a integração com a Sadia¹⁵⁶.

Os *integrados* da Sadia, de modo geral, aderiram a esse sistema como uma forma de superar as dificuldades que vinham sendo presenciadas, especialmente, a partir do final da década de setenta, como já mencionamos. “(...) quem plantava grãos só recebia dinheiro uma vez por ano, coisa assim, assim nessa influência de a cada sessenta dias pegar dinheiro a gente entrava na parceria”¹⁵⁷. Os agricultores resolveram se enquadrar a esse sistema, pois simbolizava ganhos monetários fora do período de safra, que geralmente acontecia duas vezes por ano. Com o sistema de produção integrada, o agricultor tem a certeza da comercialização do produto; por outro lado, está subordinado às exigências da empresa, que

¹⁵³ CAMPOS, op. cit., p. 190.

¹⁵⁴ Fomento, um aliado da agropecuária. **Revista Integração**, Alphaville-SP, n. 41, p. 18, ago.-set. 1984.

¹⁵⁵ FONTANA, Attilio. **História da minha vida**. Rio de Janeiro: Vozes, 1980, p. 170.

¹⁵⁶ Genes Fonseca da Rosa. Depoimento concedido à autora, em 10/10/2003.

¹⁵⁷ Id.

determina como deve ser organizado o ambiente produtivo e requer dos *produtores rurais* o máximo empenho, o constante aperfeiçoamento técnico e científico e a renovação das instalações e dos equipamentos utilizados na atividade¹⁵⁸.

Desde o início, a base do sistema de produção integrada:

(...) era dar ao colono, ao produtor, ao criador de suínos, toda a assistência possível, técnica, financeira e até psicológica, do ponto de vista social enquadrando-o numa classificação muito especial de “status” comunitário. O colono com a SADIA passou a ser uma pessoa muito importante¹⁵⁹.

Para alcançar esses resultados, a empresa dispunha de um eficiente departamento de fomento agropecuário que investia em campanhas como *O Avicultor Integrado em Destaque*, com o objetivo de premiar as iniciativas de melhoramentos que o integrado desenvolvia em sua propriedade. Nesses concursos vários aspectos eram analisados para se escolher a melhor propriedade: “ajardinamento, reflorestamento, pintura do aviário, residência e demais dependências, horta, manejo das aves e etc”¹⁶⁰. Nas figuras 11, 12 e 13 é possível percebermos o padrão de propriedade e de mão-de-obra familiar almejados pela empresa:

¹⁵⁸ Para a produção de aves, o agricultor “precisa dispor das instalações do aviário, cujas dimensões podem ser de cem, cinquenta e vinte e cinco metros. Respectivamente com capacidade para doze, seis e três mil frangos”. (STRIEDER, op. cit., p. 68.)

¹⁵⁹ Attilio Fontana. **Revista Catarinense**, Florianópolis, n. 21, p. 46-47, 1972.

¹⁶⁰ Avicultor integrado em destaque. **Revista Integração**, Alphaville-SP, n. 14, p. 20, set. 1980.

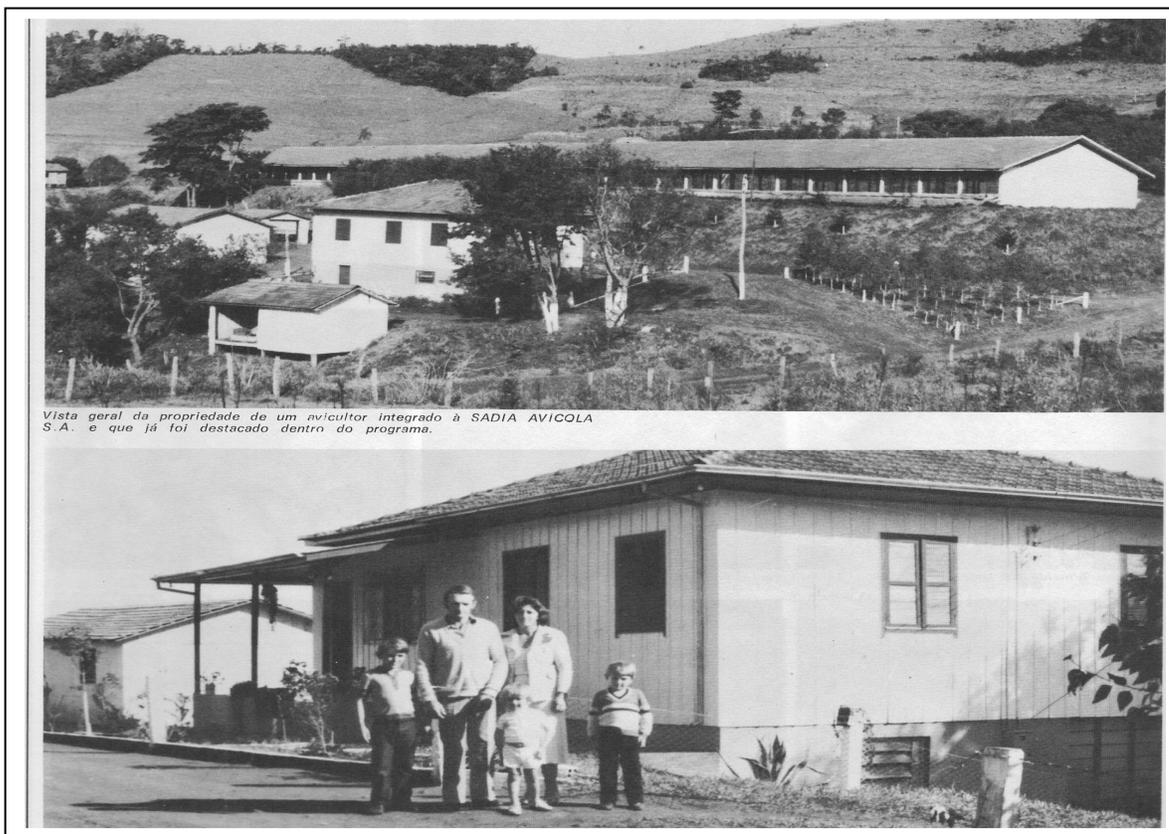


Figura (11) Vista geral da propriedade de um integrado da Sadia Avícola.
Fonte: Revista Integração, Alphaville – SP, n. 14, p. 20, set. 1980.



Figura (12) A família do avicultor integrado nas dependências de um aviário.
Fonte: Revista Integração, Alphaville – SP, n. 44, p. 18, ago.-set. 1984.

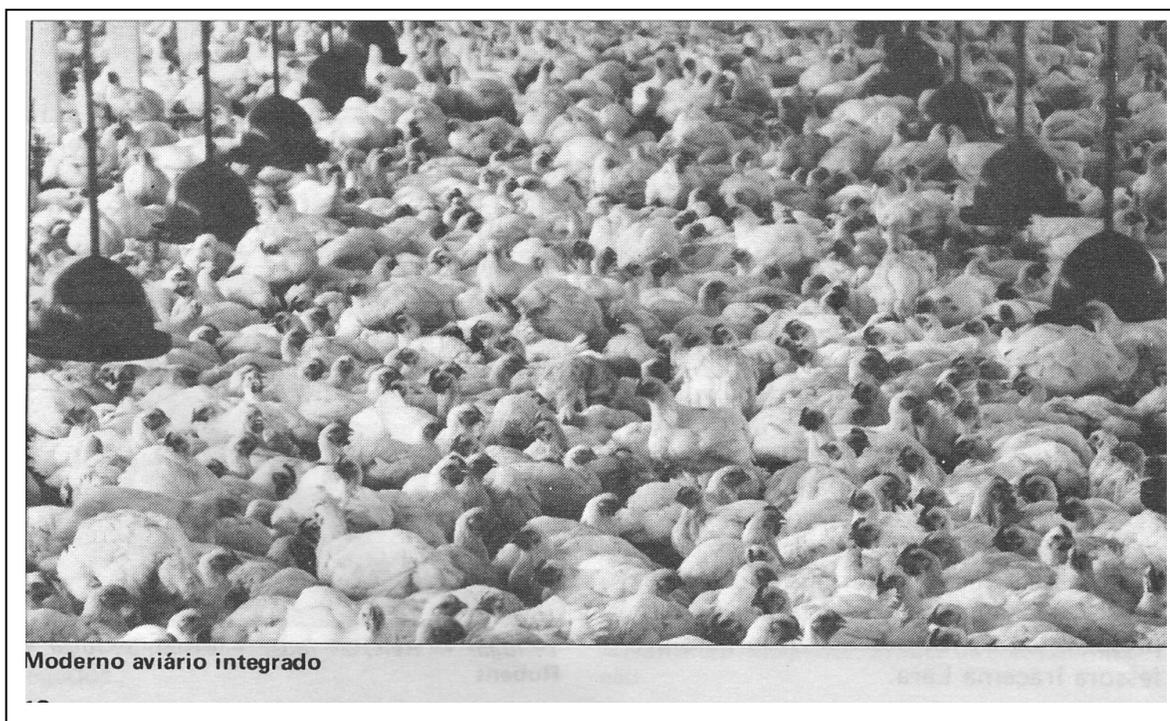


Figura (13) Foto das dependências de um aviário de frangos.
Fonte: Revista Integração, Alphaville – SP, n. 44, p. 18, ago.-set. 1984.

A divulgação do *integrado em destaque* era feita “através do rádio, jornal local e fixação de fotos coloridas da propriedade junto ao departamento de fomento agropecuário” da empresa¹⁶¹. Os anúncios em jornais eram semelhantes a esse:

A propriedade destaque para o mês de fevereiro de 1982 pertence ao Sr. Cyro Sfreddo, residente em Faxinal das Rosas Chapecó – SC. O Sr. Cyro Sfreddo, é natural de Veranópolis – RS, casado com dona Paulina L. Sfreddo, pai de quatro filhos. Integrou-se no Departamento da Sadia em dezembro de 1974¹⁶².

Nesse processo a possibilidade de maiores ganhos e o poder de compra de eletrodomésticos, que proporcionavam *melhor qualidade de vida*, foram interiorizados pelos agricultores e divulgados pelas agroindústrias como o progresso chegando ao campo e comentários como os que seguem ganhavam ênfase e destaque nos meios de divulgação locais:

¹⁶¹ Id.

¹⁶² Avicultor integrado destaque da Sadia Avícola S. A. no mês de fevereiro de 1982. **Jornal Diário da Manhã**, Chapecó, 16/02/1982, p. 6.

A presença da Sadia Avícola S/A, no meio rural de Chapecó é um fato consumado, está revolucionando tudo, mudando costumes, enriquecendo o homem da lavoura, recuperando as terras cansadas, levando conforto ao interior através de automóveis, casas novas, eletrodomésticos, tecnificando a agricultura, mecanizando a atividade rural com recursos da avicultura e a ajuda inestimável dos Bancos com destaque especial ao Banco do Brasil S. A.¹⁶³.

No início as exigências para ser *integrado* eram poucas. “Eu me lembro quando veio a Sadia pra Chapecó, como era um projeto novo, a empresa precisava muito de agricultores integrados, então eles pegavam quem queria”¹⁶⁴. No entanto, a partir do momento em que essa forma de produção se consolida, “uma parcela dos pequenos produtores eleva sua capacidade produtiva rapidamente, sendo responsável por quantidades maiores de produção total”. Com isso, “quantidades crescentes de pequenos produtores não modernizados” são desarticulados do sistema produtivo¹⁶⁵.

O sistema de produção integrada, em parte, representou para as famílias agricultoras a reorganização do tempo, sujeitando-as a seguirem uma conduta mais disciplinada, conforme as exigências da empresa: o horário de fornecer alimento às aves, o horário de regular a temperatura do aviário, a medicação dos animais quando necessário, enfim a família precisava estar mais intensamente envolvida com a atividade, porque a falta de um elemento – como água, ração, excesso de frio ou calor – poderia comprometer os ganhos com a produção do lote todo. Normalmente um dos membros da família era incumbido de tratar com mais afinco uma das atividades econômicas da propriedade. Assim, “a agroindústria impõe gradativamente novos padrões técnicos, ritmo e intensidade do trabalho mais elevados”¹⁶⁶. E, com o passar dos anos, a racionalização do trabalho no campo significou deixar para técnicos de cooperativas ou agroindústrias o comando das decisões relacionadas à produção que anteriormente eram tomadas pelo colono¹⁶⁷.

Nos depoimentos, comentários como *a perda da liberdade e o escravo da*

¹⁶³ Fomento Sadia transforma o interior Chapecoense. **Celeiro Catarinense**, Florianópolis, n. 12, p. 20-21, set. 1984.

¹⁶⁴ Genes F. da Rosa. Depoimento concedido à autora, em 10/10/2003.

¹⁶⁵ CAMPOS, op. cit., p. 187.

¹⁶⁶ Id., p. 342.

¹⁶⁷ Conforme Simone Weil, a finalidade da racionalização é “tirar dos trabalhadores a possibilidade de determinar por si os processos e o ritmo de seu trabalho, e colocar nas mãos da direção a escolha dos movimentos a executar no transcorrer da produção”. (WEIL, Simone. *A racionalização*. In: **A Condição operária e outros estudos sobre opressão**. Trad. Therezinha G. G. Langlada. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 118.)

*parceria*¹⁶⁸ expressam a privação da flexibilização do tempo e, com isso, o recondicionamento das práticas socioculturais que foram reelaboradas nesse processo. Os encontros, as visitas constantes a vizinhos, parentes e amigos, a ajuda mútua, a troca de sementes, dias de trabalho e trocas de produtos nas relações de vizinhança, com o tempo, foram desaparecendo, sobrepondo-se o individualismo e a falta de solidariedade entre as pessoas.

O técnico usa a nota fiscal daquele produtor que tirou melhor e passa na casa dos outros e diz: “Esse aqui, esse tá conseguindo tirar uma produtividade boa, você tem que caprichar mais no teu trabalho, pra você conseguir chegar aonde o outro chegou”¹⁶⁹.

De certa forma, essa modalidade de produção e as novas técnicas e tecnologias agrícolas que foram propostas exigiram dos agricultores a separação do tempo do *trabalho* do tempo da *vida*, visto que, antes das novas técnicas nas comunidades camponesas, parecia haver pouco essa separação¹⁷⁰. Os parceiros se adaptaram ao tempo racional, no qual as atividades produtivas – pois geralmente são mais de uma em que os agricultores estão envolvidos – requerem horários mais precisos e atenção quanto às oscilações climáticas e de comportamento dos animais. “O sistema de hoje faz com que você fique em casa cuidando do aviário, das vacas de leite, do chiqueiro. O sistema acabou com a liberdade do agricultor”¹⁷¹.

¹⁶⁸ “A parceria não é a solução pro agricultor hoje porque nela o agricultor não deixa de ser um escravo do frigorífico. O escravo que eu digo é porque tem que estar dia e noite cuidando das aves, tem que dar um padrão de vida pra elas que nós não conseguimos nunca ter. Por exemplo: dentro da minha casa eu não tenho ventilador pra refrescar a nossa casa. Mas dentro do aviário eu tenho ventiladores, nebulizadores para dar um ambiente agradável pras aves”. (Pedro da Fonseca. Agricultor Integrado da Chapecó S/A. Depoimento concedido à autora em 09/10/2003.)

¹⁶⁹ Id.

¹⁷⁰ Essa constatação é inspirada na análise de Edward P. Thompson sobre o camponês da Inglaterra do século XVIII. Esse trabalhador “parece cuidar do que é uma necessidade (...) na comunidade em que a orientação pelas tarefas é comum parece haver pouca separação entre o ‘trabalho’ e a ‘vida’. As relações sociais e o trabalho são misturados – o dia de trabalho se prolonga ou se contrai segundo a tarefa – e não há grande senso de conflito entre o trabalho e ‘passar o dia’”. (THOMPSON, Edward P. **Costumes em comum**. Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Cia. das Letras, 1998, p. 271-272.)

¹⁷¹ Maria de Lurdes. Depoimento concedido à autora, em 10/10/2003. De modo semelhante ao que foi analisado por E. P. Thompson ao examinar o comportamento das classes trabalhadoras no século XVIII, “o processo do capitalismo e a conduta não econômica baseada nos costumes estão em conflito, um conflito consciente e ativo, como que numa resistência aos novos padrões de consumo (necessidades), às inovações técnicas ou à racionalização do trabalho que ameaçam desintegrar os costumes e, algumas vezes, também a organização familiar dos papéis produtivos”. (THOMPSON, op. cit., p. 21.)

As perdas mais frequentes citadas pelos agricultores são em relação ao tempo e à perda de culturas que o uso de agrotóxicos promoveu. Segundo o depoimento de um agricultor *integrado*, depois que a agricultura passou pelas mudanças nas formas de produzir, “não existe mais tempo de ir à casa do vizinho conversar porque tem que ficar no chiqueiro cuidando da parceria, no aviário cuidando da parceria”¹⁷². Nos relatos podemos perceber que os *produtores integrados* das agroindústrias foram adaptando seus costumes, a partir do tempo livre de trabalho que as formas de produzir definiram.

De certa forma, a posição em que está inserida essa modalidade de trabalhador das agroindústrias identifica o quanto eles estão envolvidos com as relações de trabalho. Especificamos como exemplo as informações quanto aos ganhos da venda entre a agroindústria e o integrado da Sadia; nos primeiros anos da parceria, “nós fazia o acerto com o gerente da empresa. Hoje está tão restrito que o dinheiro vem na conta, mais ou menos, tá na conta e não se tem como saber porque deu mais ou menos”¹⁷³. De acordo com Roque Strieder, na relação integrado-agroindústria:

Um eficiente esquema de ameaças e punições mescla-se com o de premiações e méritos. Programas via rádio e/ou festas de final de ano servem para homenagear os mais “competentes”, o que corresponde, por outro lado, à punição aos menos comprometidos com a empresa¹⁷⁴.

Além disso, a organização de festas para os integrados, a premiação e distribuição de brindes, algumas das formas de promover certos avicultores, encobrem na verdade a política de estímulo à competitividade e o incentivo ao melhoramento da propriedade. A partir da década de 1980:

a Sadia Avícola S/A organizou e realizou com grande destaque e sucesso, sua tradicional festa do Avicultor. Na data a empresa reuniu seus avicultores integrados tendo como locais, o Cine Astral para a reunião técnico-informática e o Pavilhão Colombo Machado Salles¹⁷⁵, para almoço, permissão e sorteio de brindes. Durante o almoço, foram premiados brindes oferecidos pela empresa, os 10 avicultores que mais se destacaram na criação de frangos e perus, como também a propriedade destaque do ano. Aos demais avicultores, foram sorteados valiosos brindes oferecidos pela própria empresa e por outras empresas, veículos comerciais como a Sadia Avícola¹⁷⁶.

¹⁷² Pedro da Fonseca. Depoimento concedido à autora, em 09/10/2003.

¹⁷³ Genes Fonseca da Rosa. Depoimento concedido à autora, em 10/10/2003.

¹⁷⁴ STRIEDER, op. cit., p. 59.

¹⁷⁵ Esse pavilhão encontra-se no Parque de Exposições da Efapi e recebeu este nome porque foi construído no período do mandato do governador Collombo Salles (1970-1976).

¹⁷⁶ Sadia Avícola presta homenagem aos avicultores. **Jornal Diário da Manhã**, Chapecó, 24-25/11/1984, p. 5.

Em meio às determinações que envolvem os agricultores e suas famílias, eles conseguem se articular a ponto de romper, em parte, com a condição de imobilizados em que alguns se julgam estar, ultrapassando as barreiras da disciplina imposta pela empresa. Assim como existem os parceiros que cumprem fielmente as exigências da empresa, existem aqueles que produzem o frango caipira em cativeiro num local escondido para que o técnico não perceba, ou aqueles que utilizam a ração que a empresa disponibiliza às aves para a alimentação de outros animais, ou ainda o desvio de aves do fomento, que são vendidas a terceiros. Práticas como estas e outras fogem ao círculo de controle da empresa e demonstram a elaboração de mecanismos que burlam as normas de trabalho. Um dos meios “de controle são exercidos através de visitas e fiscalizações periódicas realizadas pelos técnicos da empresa junto às propriedades. São oportunizados também cursos de treinamento e aperfeiçoamento”¹⁷⁷.

Assim percebe-se que há uma trama de relações, dispostas num *campo de força*, entre o parceiro e a agroindústria¹⁷⁸. Em certo sentido, é isso que acontece nessa relação: uma constante interpretação e negociação das regras *desse jogo* do trabalho¹⁷⁹. Além disso, podemos observar que a parceria não é a única atividade agrícola dos proprietários rurais, disponibilizando outros ganhos e formas de trabalho além dessa. A exemplo do que foi identificado por Maria I. S. Paulilo, em sua pesquisa sobre os agricultores integrados do Sul do estado de Santa Catarina:

A conduta dos entrevistados é a resultante instável de um jogo de perdas, onde os aspectos positivos e negativos estão indissociavelmente ligados como faces de uma mesma moeda. As decisões são tomadas sobre um terreno móvel, onde ora se privilegia um aspecto, ora outro, portanto, só a noção de *campo de forças* nos permite penetrar compreensivamente nesse universo¹⁸⁰.

¹⁷⁷ Id.

¹⁷⁸ Giovanni Levi destaca que “na verdade nenhum sistema normativo é suficientemente estruturado para eliminar qualquer possibilidade de escolha consciente, de manipulação ou de interpretação das regras, de negociação”. (LEVI, Giovanni. Os usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996, p. 180.)

¹⁷⁹ Os colonos parceiros percebem suas formas de trabalho sendo racionalizadas, a exemplo do trabalho no setor industrial. Nesse sentido, como nos sugere Thompson, “as sociedades industriais maduras de todos os tipos são marcadas pela administração do tempo e por uma clara demarcação entre o ‘trabalho’ e a ‘vida’”. No transcorrer desse processo se tece “um ponto de conflito de enorme alcance; que o registro histórico não acusa simplesmente uma mudança tecnológica neutra e inevitável, mas também a exploração e a resistência à exploração; e que os valores resistem a ser perdidos bem como a ser ganhos”. (THOMPSON, op. cit, p. 300-301.)

¹⁸⁰ PAULILO, Maria I. S. **Produtor e agroindústria: consensos e dissensos**. O caso de SC. Florianópolis: Ed. UFSC, 1990, p. 35.

As transformações foram acontecendo num *campo de forças* onde o sistema de produção integrada e as técnicas modernizadoras se confrontavam com a economia camponesa tradicional, e nesse jogo quem teve mais poder, determinou as ações. Dessa forma, é possível perceber que os sujeitos interagem em meio às negociações e condicionamentos, demonstrando, em alguma medida, que os códigos de ação dos grupos sociais são elaborados de acordo com as situações por eles experimentadas.

As mudanças nas formas de trabalho experimentadas pelas famílias camponesas ocorreram de acordo com as transformações socioeconômicas e políticas que aconteceram desde o âmbito local até o nacional e global. Assim, é possível compreendemos, a partir da análise de Klaas Woortmann, que o camponês “é ao mesmo tempo construtor da história e construído por ela e, portanto, um ser em contínua transformação”¹⁸¹.

Constata-se também que as ações que ocorreram em Chapecó e região, no campo ou na cidade, aconteceram em torno do mesmo processo de produção econômico e social. Para Vilson Testa, a modernização da agricultura em Santa Catarina encontrou um conjunto de características que potencializaram sua implantação:

- A existência de uma produção familiar dinâmica já articulada, mesmo que informalmente, ao processo de agroindustrialização, especialmente na atividade suinícola;
- Um parque agroindustrial em expansão, concentrado nas atividades de produção e industrialização de matérias-primas agrícolas;
- Um serviço público de assistência técnica e extensão rural executado pela ACARESC, preparado para atuar em todo o Estado;
- Políticas públicas de financiamento e modernização dos parques industriais instalados no Estado. Além de financiamentos para a modernização da agricultura provindos do governo federal, especialmente o crédito rural dos anos 70, o Estado de Santa Catarina criou um conjunto de programas de incentivos como: o Fundo de Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina – FUNDESC; o Programa Especial de Apoio à Capitalização de Empresas – PROCAFE e o Programa de Desenvolvimento da Indústria de Suínos de Santa Catarina – PROFASC¹⁸².

Os grupos agroindustriais de Chapecó e região se consolidaram através da aceleração da modernização da agricultura, pelas novas técnicas e tecnologias, pelo predomínio do sistema de integração e pela disponibilização, via Estado, da infra-estrutura necessária para o capital agroindustrial desenvolver-se.

¹⁸¹ WOORTMANN, Klaas. Com parente não se negueia. **Anuário Antropológico**, Brasília, n. 84, p.16, 1990.

¹⁸² TESTA, Vilson et al. **O desenvolvimento sustentável do Oeste Catarinense**. Florianópolis: Epagri, 1996, p. 145-146.

Nesse processo se reduziu “a demanda por força de trabalho na unidade familiar, de forma a provocar uma ociosidade de partes da força de trabalho nas unidades familiares numerosas”¹⁸³. Isso contribuiu para que alguns membros da família buscassem outras formas de vida e trabalho. Diante disso, uma intensa mobilização de famílias inteiras, ou os membros mais jovens, que não se adaptaram às novas formas de produzir, buscaram novas perspectivas de sobrevivência na cidade.

O trabalho no setor industrial foi uma das alternativas que motivaram a migração campo-cidade, colocando os migrantes diante de novas formas de lazer e sociabilidade, relações de vizinhança, situações singulares que uma parcela das famílias ou os membros destas experimentaram na vivência nos bairros ou loteamentos de cidades como Chapecó.

2.4 – As primeiras imagens dos locais de moradia e trabalho

O abatedouro de aves começou operar em 1973, com “pouco menos de 50 funcionários”¹⁸⁴. Os primeiros operários do frigorífico residiam nas proximidades da empresa, eram colonos que moravam na localidade e jovens migrantes das áreas rurais de municípios próximos a Chapecó, ou de bairros da cidade. Vieira dos Santos, um entre tantos jovens que deixaram o meio rural de Caxambu do Sul, município próximo a Chapecó, relata as dificuldades presenciadas quando, depois de ter escutado no “radinho que a Sadia Avícola de Chapecó estava contratando jovens de 18 a 25 anos para trabalhar no frigorífico”¹⁸⁵, resolveu para ali se deslocar em busca dessas oportunidades de emprego:

Naquela época o que era mais difícil era arrumar uma pensão. O mais difícil era também o meio de locomoção, era a pé ou de bicicleta, eu morava perto da empresa, mas tinha gente que fazia até dez quilômetros pra vim trabalhar. Na época não existia nada de asfalto, nem ônibus, era só mato por aqui¹⁸⁶.

Aos poucos, as primeiras pensões começaram a ser disponibilizadas pelos moradores da localidade, seguindo muito o ritmo da necessidade e da improvisação. Além disso, os donos das áreas de terra próximas à empresa foram aos poucos vendendo

¹⁸³ CAMPOS, op. cit., p. 345.

¹⁸⁴ Informações concedidas pela empresa.

¹⁸⁵ Vieira dos Santos. Natural de Caxambu do Sul (SC). Funcionário da empresa de 1972 até se aposentar. Exerceu cargos de auxiliar do frigorífico, subencarregado, encarregado e chefe de departamento no frigorífico. Residia na Vila Mantelli – Bairro Engenho Braun. Depoimento concedido à autora em 19/12/2003.

¹⁸⁶ Id.

pequenos terrenos às famílias que chegavam. Residir perto da empresa era a alternativa mais acertada, pois na época praticamente inexistia transporte urbano e os operários que residissem fora das proximidades percorriam longos caminhos a pé ou de bicicleta para chegar ao trabalho.

Os primeiros funcionários da empresa vieram de Concórdia (SC), a pedido dos dirigentes da Sadia: o “método da Sadia sempre foi aproveitar as pessoas que já trabalhavam em Concórdia que tinham experiência, para os cargos de confiança”. E o restante da mão-de-obra contratada, “aqueles que não eram daqui, eram do Rio Grande do Sul, da região de Nonoai, São Valentim, dessa região aí é que veio mais funcionários para trabalhar na Sadia. Tudo pessoal do meio rural”¹⁸⁷.

Os funcionários que chegavam em Chapecó a pedido da empresa constituíram o primeiro núcleo de moradores nas proximidades da Sadia, local conhecido como *Vila Sadia*. A vila tinha uma única rua com cerca de 15 casas de propriedade da empresa, destinadas aos funcionários. A princípio, quando as instalações do frigorífico estavam em fase de construção, algumas moradias foram ocupadas pelos funcionários que acompanhavam a construção dos estabelecimentos e faziam contatos com os colonos das imediações e do interior do município, em geral, a fim de garantir a produção de matéria-prima necessária para a indústria. Posteriormente, mais algumas casas foram construídas e esse passou a ser o local onde residiam os funcionários que, acompanhando a empresa, deslocaram-se de Concórdia para Chapecó, geralmente acompanhados de suas famílias. Essas pessoas já tinham experiência com o trabalho na indústria frigorífica e ficaram responsáveis pela organização dos departamentos da empresa, como produção (frigorífico), manutenção da parte elétrica e equipamentos, caldeira, embalagem, expedição, fábrica de rações, entre outros. Esses funcionários, na maioria dos casos, ocupavam cargos de chefia nos setores e departamentos constituídos pela Sadia.

O segundo local a se estabelecer, onde geralmente residiam os operários do setor frigorífico e os motoristas da empresa, foi a *Vila Mantelli*. A vila se formou no final da década de 1970, (momento de expansão das atividades industriais do grupo Sadia) a partir da compra, pela empresa, de uma área de terra da chácara da família Mantelli, onde foram

¹⁸⁷ Alexandre P. Natural de Concórdia (SC), funcionário da empresa de 1972 até se aposentar. Exerceu cargos de chefia de departamento na fábrica de rações. Residia na Vila Sadia – Bairro Engenho Braun. Depoimento concedido à autora, em 09/10/2003.

construídas cerca de 30 casas e alguns terrenos, então vendidos a funcionários da empresa, geralmente casais, sendo que ambos eram contratados para o trabalho na indústria frigorífica. Como nos relata o entrevistado Osvaldo Mantelli, que ali reside desde a instalação do empreendimento:

A Sadia loteou os terrenos dessa área que eu vendi e chamou de Vila Mantelli. Na hora de registrar colocaram o nome de *Vila Mantelli*, porque compraram dos Mantelli. Os terrenos eram vendidos pros funcionários da Sadia, descontando no salário. Não tinha muita gente aqui, mas aqueles que moravam aqui, eram todos funcionários da Sadia. Eram mais ou menos umas 30 famílias¹⁸⁸.

A escolha da empresa de vender casas ou terrenos para os funcionários, tendo como forma de pagamento o desconto em salário, a fim de constituir uma equipe de funcionários para o trabalho da indústria, estabeleceu uma relação de dependência entre os operários e a empresa, que se assemelha ao sistema de moradia de fábrica com vila operária. Segundo José Sérgio Leite Lopes, o modelo de fábrica com Vila Operária

traz novas determinações à relação entre patrões e operários – à diferença das fábricas que não controlam nem a moradia nem a vida social extra-fábrica de seus operários – que extrapolam da esfera da produção em direção ao controle material da própria esfera da produção da força de trabalho, o fornecimento de casas a seus operários significa de fato uma interferência direta e visível da administração da fábrica sobre a vida social extra-fábrica dos trabalhadores¹⁸⁹.

Embora se pareça ao que foi verificado por José Sergio Leite Lopes, a constituição dessas relações entre empresa e moradia operária apresentava suas peculiaridades. Por exemplo, na *Vila Sadia*, onde geralmente residiam as chefias, a empresa requisitava que esses funcionários se estabelecessem ali, para o caso de ocorrer algum serviço “de emergência, alguma coisa assim”¹⁹⁰, como falhas que envolvessem algum setor produtivo da empresa ou quando tivesse que trabalhar horas a mais do expediente de trabalho, para cumprir a demanda de produtos da empresa. Já para os operários que residiam na *Vila Mantelli*, a forma de pagamento da moradia condicionava o operário a manter boas relações de trabalho, pois a manutenção da moradia estava relacionada com o emprego, instituindo-se assim uma relação de dependência entre funcionário e a empresa além da esfera

¹⁸⁸ Osvaldo Mantelli. Natural de Chapecó (SC). Funcionário da Sadia de 1972 até se aposentar. Trabalhava no setor da caldeira. Residia na Vila Mantelli – Bairro Engenho Braun. Depoimento concedido à autora em 20/11/2003.

¹⁸⁹ LOPES, José Sérgio Leite. **A tecelagem dos conflitos de classe na cidade das chaminés**. São Paulo: Marco Zero, 1988, p. 17.

¹⁹⁰ Alexandre P. Depoimento concedido à autora, em 09/10/2003.

produtiva. O processo encaminhado à Justiça do Trabalho por Velci dos Santos, funcionário da Sadia, torna possível evidenciar que, para os funcionários residentes nas casas da empresa, manter-se no emprego era a condição para dispor da moradia. “O reclamante (Velci dos Santos) sempre residiu nas casas de propriedade da empresa, isto nos últimos 8 meses. No final do mês de agosto, quando foi demitido da empresa, a reclamada (Sadia) lhe solicitou a casa, sendo que lhe deu o prazo de 3 dias para de lá sair”¹⁹¹. Na causa que foi conciliada entre as partes, o ex-funcionário requeria o pagamento das verbas rescisórias e os direitos que não tinham sido pagos, como a rescisão de contrato, parte do 13º salário, insalubridade, entre outros.

Acreditamos que a expansão das atividades industriais da empresa, especialmente a partir do final da década de 1970, motivou seus dirigentes a constituírem as casas na Vila Mantelli para vender aos funcionários, pois, em função da localização da empresa, os operários precisavam percorrer longas distâncias para chegar ao trabalho, de modo que isso representava perdas para a empresa.

Em termos gerais, o desenvolvimento do setor industrial tornou a cidade de Chapecó um ponto de atração populacional para os que almejavam tentar uma nova condição de vida. Na década de 1970, os migrantes representavam 38% da população total do município, sendo que a maior parte dessa população era proveniente do Rio Grande do Sul (28.5%) e o restante, de municípios catarinenses próximos a Chapecó (8.5%), do estado do Paraná (1.3%) ou de outros estados (0.2%). Mas nos anos 1980 o fluxo migratório muda consideravelmente, e o maior número de migrantes era procedente de municípios catarinenses (13.5%), o que pode ter ocorrido em função das mudanças que vinham acontecendo no setor agrícola.

Tabela (4) -Procedência dos Migrantes que chegaram em Chapecó (1970-90).

<i>Ano</i>	<i>1970</i>		<i>1980</i>		<i>1991</i>	
Pop.Total de Chapecó	49865	100,00%	83768	100,00%	123050	100,00%
Pop. Migrante Total	19254	38,00%	23187	28,00%	25609	21,00%
Proc. Santa Catarina	4268	8,50%	11311	13,50%	13324	11,00%
Proc. Paraná	623	1,30%	1705	2,00%	2294	2,00%
Proc. Rio Grande do Sul	14142	28,50%	9853	12,00%	8972	7,50%
Proc. de outros Estados	221	0,20%	318	0,50%	1019	0,50%

FONTE: IBGE. Censos Demográficos 1970 (v. 1, p. 95, 331); 1970 (t. 4, p. 6, 7, 228); 1991 (t. 4, p. 3, 38, 160).

¹⁹¹ Justiça do Trabalho. Chapecó. Processo Nº 790/82, p. 2.

Nesse sentido, entre o final dos anos 1970 e início dos anos 1980, no mesmo período em que foi constituída a Vila Mantelli, às margens da Avenida Senador Attilio Fontana, nas proximidades da Sadia, foram estabelecidos vários outros loteamentos por imobiliárias da cidade, entre os principais: Loteamento Vitória (1980), Efapi (1980), Thiago (1981), Parque das Palmeiras (1982), Serrano Soprana (1982), ao que parece seguindo os preceitos requisitados pela empresa e a possibilidade de ganhos para o setor imobiliário de Chapecó¹⁹².

A Sadia não tratou de constituir um modelo de fábrica com vila operária, mas nem por isso deixou de interagir no processo de criação dos núcleos urbanos que se formaram nos arredores da empresa.

2.5 – ‘Na roça já não dava mais’: a constituição do bairro Efapi

Eu saí da roça e comprei aqui, porque aqui era mato, mas com a esperança que a cidade tava pertinho, ela vinha vindo. E eu tinha aquela certeza que a Sadia é uma empresa muito grande, em roda da Sadia era visto que crescia, como de fato foi. A Sadia que criou esses bairro aqui. Foi sofrido, mas foi aonde eu acertei meu passo¹⁹³.

Em 1978 João Garcia, com a esposa e os nove filhos, na esperança de conseguir um emprego na Sadia, resolveu deixar o campo e montou acampamento próximo ao mato que, anos depois, se transformaria no bairro Efapi, na margem esquerda da estrada de terra que foi nomeada, tempo depois, como Avenida Senador Attilio Fontana, em homenagem ao sócio-fundador da Sadia. Ele costumava ouvir os programas de rádio da empresa, que anunciavam diariamente o carregamento e o alojamento das aves nas propriedades dos produtores integrados, e as demais informações do programa de fomento da empresa. “A

¹⁹² Em outras áreas da cidade, nos arredores do frigorífico SAICC e Aurora e demais empresas, o mesmo estava acontecendo, de acordo com as especificidades de cada localidade. Na época o prefeito municipal era Milton Sander, pelo partido Arena. Attilio Fontana, fundador da Sadia, também era do partido Arena – condição que facilitou a constituição desses loteamentos, amparados pelo poder público, que autorizava a regulamentação, mas que não tinha possibilidade de oferecer os melhoramentos de infra-estrutura, como água encanada, energia elétrica, pavimentação, escolas, entre outros, como veremos ainda neste trabalho.

¹⁹³ João B. Garcia, natural de Caxambu do Sul – SC. Trabalhou na empresa de 1978 a 1996. Exerceu a função de auxiliar de obras e jardineiro da empresa. Residia no Bairro Efapi. Depoimento concedido à autora em 14/10/2004.

Gente escutava e dizia: ‘Dicerto que lá deve ter uma empresa boa’. Então ela tinha um dizer: ‘A Sadia sabe o que faz’. Era bonito até de escutar”¹⁹⁴.

Ao chegar com sua família em Chapecó, mais precisamente no loteamento Efapi, que começava a ser constituído, as estradas estavam recém-abertas, os postes assentados, a energia elétrica “só veio anos depois”; claridade, só com a luz do lampião que, na época, era ainda muito utilizado nas residências que não dispunham de energia elétrica. A água provinha de um poço feito por ele mesmo e só “dava água pra cozinha”, enquanto a roupa era lavada pelas filhas “no córrego abaixo da rua Marrecos, aproximadamente 300 metros longe da casa”¹⁹⁵.

As moradias que foram sendo fixadas desordenadamente nas margens da estrada de terra e a necessidade da empresa de ter os funcionários residindo nas proximidades, motivaram a *Corretora Colatto* a comprar uma área de terra e lotear na forma de terrenos de aproximadamente 360 metros quadrados, com um plano de venda cujo pagamento era de “20% de entrada podendo esta ser paga até o final do ano e o restante parcelado em até 36 meses”¹⁹⁶. O loteamento Efapi, nomeado assim por se localizar próximo ao Parque de Exposições da Exposição Feira Agropecuária e Industrial – EFAPI, tinha a finalidade de “atender principalmente as classes menos favorecidas”¹⁹⁷. Em vista disso, foi lançada essa forma de venda às famílias que chegavam, especialmente para os que vinham a fim de trabalhar na Sadia. Os relatos dos primeiros moradores informam que, em alguns casos, a prestação do terreno era descontada no salário do funcionário e a empresa se responsabilizava por repassar o valor à imobiliária. Nesse sentido, percebe-se que a formação desse loteamento, que passou a integrar nos anos 1980 o bairro Efapi, estabeleceu-se pelo empenho do poder público e do capital agroindustrial, que modelaram a cidade e orientaram seu desenvolvimento¹⁹⁸.

¹⁹⁴ Id.

¹⁹⁵ Experiência revelada nos cabelos. **Jornal Folha do Bairro Efapi**, Chapecó, maio 2004, p. 9.

¹⁹⁶ Corretora Colatto. **Jornal Correio do Sul**, Chapecó, 03/11/1978, p. 8.

¹⁹⁷ Id.

¹⁹⁸ A urbanização das cidades que compõem o Estado de Santa Catarina manifestou-se na década de 1950 e 1960, coincidindo com a intensificação do movimento campo-cidade em todo país. No caso da urbanização de Chapecó foram fatores determinantes a posição geográfica da cidade, a atuação de entidades públicas como a Secretária dos Negócios do Oeste criada em 1963 e expansão das atividades industriais criadas a partir da década de 1960. Para saber mais sobre o processo de desenvolvimento e formação do Espaço urbano de Chapecó ver: PELUSO JUNIOR, Victor A. **Estudos de Geografia Urbana de Santa Catarina**. Florianópolis: UFSC, 1991, p. 284-309. E,

Os moradores do loteamento Efapi, conhecido popularmente de *Colatto*, em alusão ao nome da Corretora que vendia os terrenos, eram na maioria dos casos jovens casais migrantes do Rio Grande do Sul ou de municípios próximos a Chapecó que chegavam motivados pelas oportunidades de emprego oferecidas pela Sadia. Nos depoimentos, é recorrente a informação de que: “a Sadia era, nossa! Uma empresa muito boa! Então todo mundo procurou se organizar lá no Colatto. Era um loteamento bom, não era longe, embora as pessoas tinham que vir a pé e tudo, mas era o que mais dava acesso”¹⁹⁹ à Sadia.

Outros depoimentos reforçam esses argumentos e revelam a diversidade de procedência e os laços de amizade e parentesco com os operários que já trabalhavam na Sadia, facilitando a chegada dos migrantes na localidade e a relação do lugar de moradia com as oportunidades de trabalho no frigorífico Sadia. Nesse sentido, as narrações que se repetem com frequência nos depoimentos de moradores da localidade são semelhantes a estes:

- Por que você resolveu deixar o campo e vir para Chapecó?

- Antes de eu iniciar na Sadia, eu morava na agricultura, me criei na roça até os dezessete anos, trabalhei na roça com meus pais. Nós éramos proprietários, mas em 1971, diante das dificuldades, diante da mecanização da agricultura que estava acontecendo, eu me vi com um futuro negro na agricultura, porque eu procurava analisar: aquele vizinho que tinha um trator, ele se sobressaía um pouco mais. Aí eu pensei: eu jovem, eu precisava arranjar alguma coisa, ter alguma coisa. Daí eu comecei analisar, o trabalho braçal era sofrido! Eu com pouca instrução, sem possibilidade de estudar. Essas condições foram que me trouxeram pra cidade²⁰⁰.

- Eu vim pra cá porque aqui veio um tio meu primeiro, ele entrou na Sadia, se comprou terreno, fez casa, comprou, foi indo bem. Sabe, porque antigamente a Sadia era uma das melhores, era a “Mãe Sadia”, né. Então nós ouvia falar e daí nós falava: “Porque nós ficar aqui patinando nesses morro trabalhando, se fulano foi pra lá e já se fez isso, fez aquilo e tá bem”. E eu vim pra continuar estudando e trabalhar, só que depois eu entrei na Sadia e daí comecei a trabalhar e não estudei mais, não consegui²⁰¹.

ALBA, Rosa Salete. **Espaço Urbano. Os agentes de produção em Chapecó**. Chapecó: Argos, 2002. Conferir Anexo III fotos da expansão do espaço urbano de Chapecó.

¹⁹⁹ Acedira Locatelli. Natural de Aratiba (RS). Residiu no bairro Efapi de 1980 a 1990. Seu marido era funcionário da Sadia. Depoimento concedido à autora em 14/10/2004.

²⁰⁰ Vieira dos Santos. Depoimento concedido à autora, em 19/12/2003.

²⁰¹ Eni Cupski. Natural de Campinas do Sul (RS). Funcionária da empresa de 1980 a 1986. Exercia a função de auxiliar do frigorífico no departamento de salsicharia. Residia no Bairro Efapi. Depoimento concedido à autora em 31/05/2004.

- *No começo um dos meus irmãos veio na frente e daí encaixou na Sadia e veio puxando os outros. O primeiro que veio foi arrumando pros outros, entremos todos, a família inteira na Sadia, naquela época*²⁰².

Os relatos revelam a existência de uma “rede social” articulada que dinamizava a migração. O lugar de origem, a família, os parentes e amigos, a exemplo do que nos propõe Paulo Fontes, “desempenhavam um papel determinante nessa rede”²⁰³, indicando uma dinâmica para a migração campo-cidade que acontecia alicerçada nas relações de amizade, parentesco e procedência entre as pessoas de um determinado local ou grupo social. Na maioria dos casos, a migração ocorria de forma articulada e planejada, na certeza de que alguém já tivesse disponibilizado emprego e local de moradia, mesmo que provisoriamente.

De modo semelhante ao que foi investigado por Eunice Durham, sobre a integração dos trabalhadores rurais em sistemas urbano-industriais, em Chapecó também se pode perceber que:

(...) quando o trabalhador rural se desloca à procura de emprego, segue as rotas que foram seguidas por parentes e amigos antes dele. Ele vai com conhecidos, ou à procura de conhecidos que sabe estar em tal ou qual lugar. Os lugares que ele conhece são aqueles que fazem parte da experiência passada da sua comunidade e são as relações pessoais que servem de ponto de apoio à movimentação espacial. A não ser excepcionalmente, o emigrante não se aventura no desconhecido, mas se orienta por notícias, por informações, por relações²⁰⁴.

Certamente as condições econômicas influenciam as pessoas a se deslocarem de um local para outro, mas, além disso, a perspectiva de melhoria das condições de vida e a possibilidade de concretizar *sonhos* são componentes da bagagem dos migrantes. Nesse sentido, o deslocamento de pessoas do campo para a cidade pode ter vários significados, dependendo das condições experimentadas pelos sujeitos no meio rural. A vinda, para a cidade, dos colonos à procura de emprego nas indústrias frigoríficas de Chapecó pode revelar várias condições: o abandono de uma situação social anterior de dificuldades; o *chamado sedutor* de parentes ou amigos que já haviam deixado o campo; uma estratégia da

²⁰² Lauri Nicolini. Natural de Lajeado (RS). Funcionário da empresa de 1977 a 1988. Exerceu a função de auxiliar do frigorífico, encaixotamento e câmara fria. Residia no Bairro Efapi. Depoimento concedido à autora em 31/05/2004.

²⁰³ FONTES, Paulo R. R. **Comunidade operária, migração nordestina e lutas sociais**: São Miguel Paulista (1945-1966). 2002. Tese de Doutorado – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002, p. 68. O autor, que estudou a migração de nordestinos para São Miguel Paulista (SP), percebeu que “as redes sociais baseadas na família e nos laços de amizade e comunitários eram fundamentais para o migrante. Eram elas que o encaminhavam para cidades e bairros, e muitas vezes, diretamente para o trabalho em empresas específicas”. (Id., p. 71.)

²⁰⁴ DURHAM, Eunice. **A caminho da cidade**. São Paulo: Perspectiva, 1984, p. 137.

família que já não tinha condições de manter o grupo familiar, entre outras²⁰⁵. Assim, deslocar-se para a cidade era uma alternativa e pode representar também a seleção dos colonos que não se adaptaram às formas de trabalho propostas pelas novas técnicas e tecnologias agrícolas, viabilizadas pelas políticas públicas, especialmente a partir de meados dos anos sessenta. A população migrante esteve envolvida por *forças* que impulsionaram a migração para a cidade; no entanto, temos que percebê-la também composta de sujeitos que agiram diante das condições de incerteza que os atingiam nos momentos de redefinição das formas de vida e trabalho no campo. A migração campo-cidade pode ser compreendida, na maioria dos casos, como uma escolha, uma iniciativa dos colonos no cenário econômico e social que, a todo o momento, se modificava²⁰⁶.

Para os migrantes que se instalaram no loteamento Efapi, a política de contratação de parentes por *indicação*, efetivada pela empresa, contribuiu para a formação desse espaço e a criação de laços de responsabilidade, confiança e gratidão, reforçando o discurso de constituição de uma *grande família Sadia*²⁰⁷. “A confiança o crédito valem muito. Foi

²⁰⁵ A mobilização de pessoas do campo para a cidade tem se apresentado como uma condição apropriada às sociedades humanas. Isso tem acontecido principalmente nos momentos de “insegurança” ou “crise” vivida pelas famílias que, na maioria das vezes, envolvem fatores econômicos como o agravamento das condições de existência do grupo familiar. De acordo com Eunice Durham, esses “não são fenômenos particulares de nossa época. Mas a amplitude dos movimentos migratórios internos no Brasil durante o século XX, assim como o processo acelerado de urbanização, apontam para transformações econômicas-sociais profundas que, como geralmente se reconhece, estão relacionadas ao processo de desenvolvimento do país”. (DURHAM, op. cit., p. 7.)

Para saber mais sobre os motivos que seduzem as populações das áreas rurais a seguir para a cidade e como se dá o processo de transformação de famílias de trabalhadores de origem rural em grupo operário, ver também: ALVIN, Rosilene. **A sedução da cidade: os operários camponeses e a fábrica dos Lundgren**. São Paulo: Graphia, 1997.

²⁰⁶ Eros Mussoi e outros autores, que investigaram a participação direta dos cidadãos (pequenos agricultores) e de seus representantes (parlamentares e representantes diretos) na formação e gestão das políticas públicas de incentivo à modernização da agricultura no contexto de descentralização e desenvolvimento econômico em Santa Catarina nos anos setenta, constataram que esse modelo “leva a agricultura a um novo dinamismo. O aumento da produtividade e da produção física agrícola expressa transformações significativas desde o ponto de vista econômico e técnico para uma determinada área do setor agropecuário e para os setores agroindustrial, comercial e financeiro. Por outro lado estes fatos produziram conseqüências muito sérias para a agricultura como um todo e especialmente para o campesinato. Se por um lado se observa um grande avanço tecnológico-econômico, por outro se constata uma notável regressão social e sérias conseqüências desde o ponto de vista ambiental”. (MUSSOI, SEIBEL e PUERTA-TRUFILLO, op. cit., p. 127-128)

²⁰⁷ Para Paulo Fontes, a contratação por indicação – constatada no caso dos trabalhadores da Nitro Química em São Miguel Paulista –, “além de tentar criar um laço de confiança”, “coadunava-se com a política de constituição de uma grande família nítrica”. (FONTES, Paulo. **Trabalhadores e**

assim que eu consegui emprego pra irmão, pra irmã e vários outros parentes, amigos que vinham falar comigo e com o meu aval eles entravam na Sadia”²⁰⁸.

Essa forma de contratação pode ser considerada como uma estratégia de controle da mão-de-obra, pois a empresa apostava no papel vigilante que parentes e amigos exerciam uns sobre os outros, em caso de embates e conflitos no local de trabalho. E ainda a imagem da Sadia como empresa que contratava e ajudava os migrantes das áreas rurais a se alocarem na cidade era extremamente útil para uma indústria com grande necessidade de mão-de-obra e altas taxas de rotatividade, chegando ao ponto de “toda a semana saía quatro, entrava cinco”²⁰⁹ funcionários.

A empresa, também interagiu com o estabelecimento dos primeiros núcleos de moradores, disponibilizando, muitas vezes, água encanada, energia elétrica ou, até mesmo, casa e terreno para os funcionários. Essas iniciativas foram instituindo a imagem de que a empresa era *amiga dos funcionários*, preocupava-se até mesmo com a saúde dos seus trabalhadores e dependentes.

Aquela vez, quando uma pessoa ficava doente, porque carro ninguém tinha aqui perto. Uma vez o meu neto ficou doente e precisava ir no hospital e tudo, a Sadia que mandava a Kombi, o motorista e tudo pra levar e buscar a hora que precisasse. Os chefes vinham visitar. A Sadia era amiga dos empregados, amiga dos funcionários²¹⁰.

A fama da Sadia como uma empresa “boa-de-se-trabalhar”, que proporcionava uma série de vantagens sociais, era certamente um dos principais fatores de atração populacional a Chapecó, especialmente aos loteamentos que se formaram nas proximidades daquela agroindústria. De fato, a maioria dos depoimentos destaca a facilidade de se conseguir trabalho, a não exigência de qualificação ou estudo. “Naquela época aqui era bom, era fácil de arrumar emprego. Na Sadia tu ia lá e era fácil de arrumar emprego, podia ter a idade que for, até com 15, 16 anos entrava”²¹¹. Esse *tempo bom* de abundância de trabalho era reforçado pela idéia de que, na hora da admissão, a empresa dava preferência à contratação

Cidadãos. Nitro Química: a fábrica e as lutas operárias nos anos 50. São Paulo: Annablume, 1997, p. 81.)

²⁰⁸ Vieira dos Santos. Depoimento concedido à autora, em 19/12/2003.

²⁰⁹ Id.

²¹⁰ Dona Natália, natural de Erechim (RS), reside desde 1974 no bairro Engenho Braun. Viúva desde muito cedo, veio acompanhando a família do filho, que se deslocou para Chapecó para trabalhar na Sadia. Depoimento concedido à autora em 19/11/2003.

²¹¹ Metilde C. Conte. Natural de São Domingos (SC), reside desde 1973 no Bairro Engenho Braun, próximo à Vila Sadia. Seu esposo, o filho e as filhas foram funcionários da empresa. Depoimento concedido à autora em 09/09/2003.

de ex-colonos. No primeiro momento, os funcionários que chegavam à procura de emprego vinham motivados por anúncios principalmente de rádio, mas, a partir da segunda metade da década de 1970, com o aumento do número de funcionários que, no final daquele decênio, “já passavam de 1.000,”²¹² a forma mais comum de contratação era por indicação de um amigo, parente ou conhecido.

Além disso, na contratação de pessoas de procedência rural também se “dava preferência pra filho de agricultor integrado para trabalhar na Sadia, ou que de alguma forma tivesse um vínculo com a empresa”²¹³. Isso reforça os argumentos de que a modernização da agricultura que ocorreu por meio das políticas públicas e da produção integrada disponibilizou um grande contingente populacional, que foi incorporado à força de trabalho dos frigoríficos de Chapecó e da região.

A empresa prezava pela constituição de uma força de trabalho que fosse livre de vícios, que tivesse uma *formação familiar* para o trabalho na indústria frigorífica. O perfil do funcionário almejado pela empresa era ser de procedência rural, com idade entre 18 e 35 anos e sem habilidade com o trabalho industrial:

Quanto aos trabalhadores, quando a gente sabia que ele era do campo, de origem rural, a gente podia saber que ele poderia ter menos habilidade com o trabalho dentro da empresa. Mas a gente sabia que, por ser uma pessoa mais humilde, era bem mais fácil da gente trabalhar ele, treinar. Ele vinha com uma formação familiar um pouco mais, mais aconchegante, mais fácil de se trabalhar do que um outro funcionário que morasse aqui na cidade e tinha outros vícios²¹⁴.

Para o trabalho na indústria frigorífica, a mão-de-obra não precisava ser qualificada²¹⁵. Apenas à exceção de cargos de funcionários que trabalhavam no setor de

²¹² Informações fornecidas pela empresa. A década de setenta marcou a fundação da unidade de Chapecó, começando com pouco menos de 50 e terminando a década com cerca de 1000 funcionários. Já na década de oitenta, iniciou com cerca de 1000 e terminaria com aproximadamente 3000 funcionários. A década de noventa parte dos 3000 e chega a aproximadamente 4100 funcionários. Atualmente a empresa possui cerca de 5300 funcionários.

²¹³ Airton P. Natural de Chapecó, foi funcionário da Sadia do setor de Recursos Humanos de 1979 a 1980. Depoimento concedido à autora em 04/11/2004.

²¹⁴ Alexandre P. Depoimento concedido à autora, 09/10/2003.

²¹⁵ A mão-de-obra não especializada parece ser uma variável característica do trabalhador das indústrias frigoríficas. Assim como constatou Mirta Lobato, “o frigorífico era um campo propício para o trabalhador não especializado. Os frigoríficos requeriam uma forma de trabalho que se adapta de maneira flexível a diferentes flutuações pela demanda de braços”. (LOBATO, Mirta Zaida. **La vida en las fábricas**. Trabajo, protesta y política en una comunidad obrera, Berisso (1904-1970). 2. ed. Buenos Aires: Prometeu, 2004, p. 143.) Na pesquisa de mestrado realizada por Célia R. A. Araújo, que procurava traçar um perfil dos trabalhadores do frigorífico Anglo de Barretos (SP), também foi percebido que a maioria dos trabalhadores contratados pela empresa era

recursos humanos, químicos, veterinários e técnicos, o restante dos trabalhadores aprendia no *chão da fábrica* a exercer as diferentes tarefas no revezamento pelas seções do frigorífico.

A Sadia tinha uma forma de contratação própria, sendo que os cargos de chefia e os postos mais importantes eram ocupados por pessoas que já tinham alguma experiência com o trabalho na indústria frigorífica, geralmente a funcionários da empresa da matriz de Concórdia. Para aqueles contratados diretamente em Chapecó, o processo consistia em submeter os interessados a uma entrevista com um funcionário do Serviço Social da empresa e, como descrevem os operários, *fazer a ficha* e aguardar ser chamado, quando a contratação não fosse feita no momento da inscrição.

Fazia uma ficha, aí tu botava o nome de uma pessoa porque telefone não tinha, não existia, só alguns, aí tu botava o nome de uma pessoa que morava perto de ti, um conhecido que trabalhava na empresa, na ficha. Daí, quando eles te chamavam, eles davam recados pra aquela pessoa trazer pra ti²¹⁶.

Os laços de amizade e parentesco também eram importantes no momento da contratação. Como relatou Eni Cupski, ela teve que colocar o nome de uma “pessoa conhecida” na ficha que preencheu, para ser comunicada quando surgisse uma vaga para trabalhar. Assim, percebe-se que uma rede de relações vinculava os moradores dos arredores da empresa, que chegavam principalmente para trabalhar na Sadia, motivados por alguma pessoa conhecida e pelas oportunidades de emprego.

Posteriormente, era feito um exame médico e odontológico na pessoa que estava sendo avaliada. Em muitos casos “se mandava fazer o tratamento médico e dentário antes de entrar na empresa”²¹⁷. Certamente essa era a primeira vez, com raras exceções, que a pessoa recebia cuidados médicos ou dentários. Para Paulo Fontes, esse procedimento poderia causar “forte impressão nos trabalhadores, pois além de caracterizar-se como ‘atestado’ de boas condições de saúde e de aptidão para o emprego”, o exame *anunciava* as difíceis condições de trabalho que iriam encontrar pela frente²¹⁸.

Além disso, como parte do processo de contratação, quando “se tinha um grupo de

desqualificada para essa modalidade de trabalho. (ARAÚJO, Célia R. A. **Perfil dos funcionários do frigorífico Anglo de Barretos – 1927-1935**. 2003. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.)

²¹⁶ Eni Cupski. Depoimento concedido à autora, em 31/05/2004.

²¹⁷ Airtton P. Depoimento concedido à autora, em 04/11/2004.

²¹⁸ FONTES, **Trabalhadores.....** op. cit, p. 82.

dez ou quinze funcionários a gente fazia um dia de integração” com os novos trabalhadores:

Nesse dia nós mostrávamos o que era a Sadia, na época era com projeção de um filme de 7 ou 8 minutos e depois a gente fazia uma visita no frigorífico e por toda a empresa, ia na fábrica de ração com quem estava entrando. Todos que entravam passavam pelas dependências da Sadia, a gente passava pelos escritórios, embalagem, matança, caldeira, a gente mostrava o que era a Sadia, era um dia de visita. Sempre tinha essas visitas quando tinha admissão dos funcionários”²¹⁹.

Mostrar os diferentes compartimentos que envolviam o trabalho na indústria frigorífica e as empresas do grupo Sadia aos novos funcionários era uma forma de demonstrar que eles iriam trabalhar para uma empresa importante, que já tinha várias filiais distribuídas pelo país. Nesse sentido, os funcionários da Sadia não trabalhavam “só pela Sadia mas pelo desenvolvimento do país como um todo”²²⁰.

Nesse ambiente em que uma nova cultura se gestava, existiam formas de solidariedade, relações de amizade e conflitos, que se estruturavam durante a contínua convivência, envolvendo diariamente pessoas de diferentes procedências, que passavam boa parte do tempo nos locais de moradia e trabalho.

Os colonos que se deslocaram para a cidade de imediato se confrontaram com o rearranjo das condições de moradia e trabalho nas imediações de uma fábrica localizada em área tipicamente rural. Pelo visto também, o *sonho* componente da bagagem da maioria deles (casa, oportunidades de emprego, de freqüentar escola), relacionado ao desejo de conseguir sobrepor as dificuldades enfrentadas no meio rural, não foi alcançado de imediato e dependeu das condições experimentadas por cada um e da reivindicação, junto às entidades públicas locais, de equipamentos como escolas, transporte, água encanada, pavimentação, energia elétrica, atendimento médico, entre outros. Além de reapropriarem as condições de vida e trabalho, esses novos personagens do cenário urbano edificaram formas de aliviar as dificuldades de sobrevivência e a falta de recursos nos locais de moradia e trabalho.

²¹⁹ Airton P. Depoimento concedido à autora, em 04/11/2004.

²²⁰ A participação de cada um. **Revista Integração**, Alphaville - SP, n. 27, p. 3, out. 1982.

III

Operários da Indústria Frigorífica: as experiências vivenciadas pelos migrantes de procedência rural entre os locais de moradia e trabalho

Este capítulo tem por objetivo apresentar a trajetória dos migrantes de procedência rural no processo de assimilação das formas de trabalho na indústria frigorífica e na ressocialização das práticas socioculturais nos locais de moradia e convivência no Bairro Efapi, que se constituiu próximo ao Frigorífico Sadia. A formação dos primeiros loteamentos que deram origem ao bairro, como já mencionei, aconteceu em paralelo ao desenvolvimento, expansão e à necessidade de mão-de-obra requisitadas pela empresa. Compreendemos que a fábrica, por ter impulsionado a constituição dos núcleos urbanos ao seu redor e por ser um local onde a maioria dos moradores das imediações passava a maior parte do tempo, não seja somente um espaço produtivo no qual é possível a subsistência do trabalhador e do grupo familiar. A fábrica pode ser também “um âmbito de sociabilidade e um espaço onde se conformam identidades, onde crescem, se desenvolvem e se afixam modos de pensar e de atuar”²²¹. Nesse sentido, vários questionamentos sobre como se relacionavam os trabalhadores entre si e com a empresa, como viviam e se articulavam os operários na vivência extrafabril e quais eram as razões para protestar ou para permanecer calado, nos motivaram a tentar demonstrar os signos e linguagens desse grupo social.

²²¹ LOBATO, Mirta Zaida. **La vida en las fábricas**. Trabajo, protesta y política en una comunidad obrera, Berisso (1904-1970). 2. ed. Buenos Aires: Prometeu, 2004, p. 131.

3.1 – Retratos do Bairro

A partir de 1979, quando o Loteamento Efapi começou a se constituir, os primeiros moradores sobreviviam do salário mensal que recebiam como funcionários do frigorífico ou da fábrica de rações da Sadia ou em outros estabelecimentos como a Inreal (fábrica de equipamentos para aviários, carrocerias e câmeras frigoríficas), as madeiras Lusa e Capeletti, que eram as mais próximas e acessíveis aos moradores da localidade. Com o passar dos anos, alguns moradores, percebendo as oportunidades de ganho, montaram pequenos mercados, bares, oficinas, sapatarias, lojas que passaram a existir para atender parte das necessidades dos habitantes do local.

As casas a princípio eram moradias improvisadas, às vezes *um acampamento de lona*, enquanto a residência estava sendo construída – na maioria dos casos, de madeira – e contava com a ajuda de familiares e amigos. Algumas maiores com vários cômodos, mas a maioria delas eram “casas *meia aba* só pra se livrar do aluguel, e depois ia emendando, reformando”²²². Residir em porões – “pra começar qualquer coisa servia” – também era uma das maneiras de economizar o “dinheiro do aluguel”²²³. Outros relatos informam que, na maioria dos casos, a madeira utilizada para construção da casa era proveniente da residência anterior que era desmanchada e reconstruída no terreno urbano, pago geralmente a prestações. Outra prática era transportar a casa inteira para o novo local de moradia. Segundo o relato de Juventina Garcia, uma das primeiras moradoras do Loteamento Efapi, o local de moradia, na maioria das vezes improvisado, tinha que ser útil:

As casas eram de madeira, daí com o tempo as pessoas foram reformando, emendando. O que tinha era casa de madeira. Os que vieram do interior desmanchavam as casas que eles tinham e traziam pra construir aqui. Tinha bastante também aquelas casinhas, *meia aba* que dizem, pequenininha, faziam para não pagar aluguel²²⁴.

As condições de moradia eram uma entre as tantas dificuldades enfrentadas pelos novos moradores do local. De acordo com Arlene Renk, os migrantes, geralmente ex-colonos, que chegavam à cidade de Chapecó, a partir dos anos setenta, “não podem ser

²²² Juventina Garcia. Natural de Caxambu do Sul seu esposo e filhos foram funcionários da Sadia. Reside deste 1978 no bairro Efapi. Depoimento concedido à autora em 15/10/2004.

²²³ Dona Noeli. Natural de Erval Grande-RS. Funcionária da empresa de 1978 a 2003. Exercia o cargo de auxiliar e encarregada do Refeitório da Empresa. Residia no Bairro Engenho. Depoimento concedido à autora em 05/05/2004.

²²⁴ Juventina Garcia. Depoimento concedido à autora em 15/10/2004.

pensados monoliticamente como dotados dos mesmos recursos e condições. Trata-se de uma população que conta com recursos heterogêneos (seja escolaridade, capital econômico ou outro)”. Para a autora, um dos dados que fornecem indícios dessa disparidade de recursos pode ser a habitação. “Alguns trouxeram recursos para a aquisição de terreno e casa no bairro afastado, outros moram em aluguel e outros em precariedade, em ‘lonas ou barracas’”²²⁵.

Uma prática muito comum entre os moradores do bairro Efapi, e provavelmente de outros loteamentos da cidade que foram se constituindo nesse período, era trocar dias de trabalho com amigos, parentes ou colegas de trabalho, formando um mutirão de pessoas para construir a nova residência.

Quando eu vim do Rio Grande, paguei aluguel seis meses num porão. Aí é que eu comprei um terreninho em “suscia” (junto) com meu sobrinho com o dinheiro da venda de um pedaço de terra que eu tinha lá no Rio Grande, aí comprei uma casinha velha lá no bairro São Cristóvão de 4 por 7 e trouxe ali. Desmanchei a casa lá, aí trouxe aqui, daí construímos, porque eu não podia pagar pra construir, então os colegas se prontificaram em me ajudar. Nós fazia que nem se fazia na colônia, trocava dias de serviço²²⁶.

Para Francisco Oliveira, a prática de *construir a própria casa* demonstra que “uma não insignificante porcentagem das residências das classes trabalhadoras foram construídas pelos próprios proprietários, utilizando dias de folga, fins de semana e formas de cooperação como o mutirão”. Esse procedimento ocorreu em diversos lugares do país e revela uma das fases do “processo de expansão capitalista, que tem uma de suas bases e seu dinamismo na intensa exploração da força de trabalho”²²⁷, visto que, na maioria dos casos, o salário pago ao trabalhador não era suficiente para contemplar o pagamento do pedreiro para a construção da moradia.

Além disso, costumes e práticas tipicamente rurais, que complementavam a alimentação diária das famílias, persistiam ou foram adaptadas às condições de sobrevivência no meio urbano, tais como fazer a horta, criar galinhas no quintal do terreno ou o pomar de frutas nos fundos da casa. “Nos terrenos vazios era tudo cheio de plantação, mandioca, milho, essas coisas todo mundo aproveitava, se criava galinha, porco, fazia a

²²⁵ RENK, Arlene. Questões sobre a migração urbana e o êxodo rural em Chapecó. **Revista Grifos**, Chapecó, n. 1, p. 35, jul. 1994.

²²⁶ Luis Sérgio Chiarello. Natural de Nonoai – RS, funcionário da Sadia de 1978 a 1981 no setor de encaixotamento. Reside no Bairro Efapi. Depoimento concedido à autora em 15/01/2005.

²²⁷ OLIVEIRA, Francisco de. **A economia brasileira: crítica à razão dualista**. 6. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1988, p. 35.

horta”²²⁸. O cultivo, principalmente da mandioca, nos terrenos que ainda não haviam sido ocupados fez que os moradores caracterizassem o local como o *bairro da mandioca*, como podemos perceber na figura 14. “A gente brincava, falava que o bairro podia ser conhecido como *bairro da Mandioca*, porque era o que mais se plantava aqui”²²⁹.



Figura (14) Moradores do Bairro Colatto. Maio de 1982
Fonte: Acervo particular de Luis Sérgio Chiarello.

Além de um costume predominante entre as famílias rurais, essa prática pode ser entendida também como uma estratégia de sobrevivência dos ex-colonos que, no processo de adaptação das formas socioculturais de vida, mantinham no bairro urbano alguns costumes e adaptavam outros. “Naquela época podia plantar tranqüilo. Porque quem era acostumado no interior a colher de tudo, de repente, vem pra cidade pra ganhar o salário... Quem trabalhava na Sadia dependia de comprar uma batata doce, uma mandioca, assim tu tirava dali”²³⁰.

A ocupação dos terrenos vazios para o plantio de culturas que complementavam a subsistência dos moradores dependia de uma série de contatos e investigação por parte dos interessados em plantar: “tinha terrenos comprados que os donos deixavam lá. Então os interessados em plantar iam tentando localizar os donos. Eles iam à imobiliária pra ver de quem era e daí a maioria dos donos deixava plantar porque assim o terreno ficava

²²⁸ Luis Sérgio Chiarello. Depoimento concedido à autora em 15/01/2005.

²²⁹ Acedira Locatelli. Depoimento concedido à autora em 14/10/2004.

²³⁰ Id.

limpinho”²³¹. Com o crescimento da cidade essa ocorrência foi diminuindo, mas ainda hoje pode ser percebida entre os moradores mais antigos, num canto ou outro dos terrenos que compõem os bairros periféricos da cidade.

A carência de água encanada também foi um fator importante para se perceber melhor as condições de vida do local e as estratégias formuladas pelos moradores que começavam a abrir poços para dispor desse recurso. A água proveniente dos poços geralmente era utilizada com cautela somente para as necessidades básicas, como *fazer a comida*, enquanto a roupa era lavada no riozinho que se localizava abaixo da rua Marrecos, no final do bairro.

Nós íamos lá em baixo num riozinho que tem lá na baixada, tinha uns tanques lá. Uns 10, 15 tanques. Às vezes quando se ia lá lavar tinha que esperar, quando tinha a dona do tanque porque não tinha tanque suficiente. Foi um ano, um ano e meio assim pra terminarem de instalar a água. A luz depois devagarinho foram instalando, porque começou aumentar bastante o bairro. Então depois foi mais fácil de ter as coisas²³².

A iniciativa das primeiras famílias de instalar tanques e disponibilizá-los aos moradores do bairro pode revelar as solidariedades entre os moradores e também as relações entre os novos habitantes e os que já estavam estabelecidos no bairro. A evidência de dar *preferência à dona do tanque*, que morava há mais tempo no bairro e por isso *tinha mais direito* sobre o artefato, revela que existia uma certa hierarquia entre os moradores que já estavam estabelecidos, em relação aos novos que chegavam²³³.

Em certo sentido os moradores da localidade, enquanto *núcleo social* em formação, constituíram critérios que auferiam maior importância às pessoas que chegaram primeiro ao bairro. A dinâmica da migração alicerçada nos vínculos de parentesco, amizade e procedência contribuía para que este elemento se fortalecesse, pois, na maioria dos casos,

²³¹ Id

²³² Id.

²³³ Essa idéia é baseada no estudo de Norbert Elias e John Scotson que, ao analisar o bairro industrial inglês de Winston Parva, objetivando esclarecer processos sociais de alcance geral, observaram que “a maneira como um grupo de pessoas é capaz de monopolizar as oportunidades de poder” pode ser utilizada para “marginalizar e estigmatizar membros de um outro grupo muito semelhante”, e nesse processo é possível se perceber “a maneira como isso é vivenciado nas *imagens de nós* de ambos os grupos em suas auto-imagens coletivas”. Os estabelecidos, moradores mais antigos do povoado, se concebiam como o modelo *moral* para os outros, os outsiders, aqueles que chegavam depois e que eram classificados como pessoas de menor valor humano, pois não possuíam o sentimento de grupo que os estabelecidos atribuíam para si mesmos. (ELIAS, Norbert; SCOTSON John L. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, p. 13.)

anunciava uma condição de gratidão do morador recém-chegado com o vizinho, que às vezes emprestava a água, a geladeira, ou que tivesse conseguido emprego para o novo morador. Às vezes o vizinho, parente ou conhecido do migrante recém-chegado ao bairro era o colega de trabalho ou alguém que residia há mais tempo na localidade.

Analisando os dados da tabela 5, podemos perceber, em parte, as condições da residência da população de Chapecó. Nos anos 1980, a forma de abastecimento de água mais utilizada ainda era por poço ou nascente (62,5%); iluminação elétrica abrangia 72,5% dos domicílios; as instalações sanitárias mais indicadas, como a fossa séptica, existiam em 38% das residências, enquanto nas demais prevaleciam os escoadouros rudimentares; quanto aos eletrodomésticos, 85% das residências dispunham de rádio, ao passo que geladeira e televisão eram equipamentos que existam em pouco mais de 50% das residências.

Tabela (5) - Algumas características principais das condições do domicílio.

<i>Ano</i>	1970		1980		1991	
Total de Domicílios	8367		17035		29753	
<i>Abastecimento de Água</i>	%		%		%	
Rede Geral	622	8	6105	36	19371	65
Poço/Nascente	3993	48	10639	62,5	6109	20,5
<i>Iluminação Elétrica</i>	3452	41,5	12356	72,5	17431	92
<i>Instalações Sanitárias</i>	%		%		%	
Rede Geral	-	-	298	2	1403	5
Fossa Séptica	1328	16	3503	38	9784	33
Fossa Rudimentar	4225	50,5	79929	46	14324	48,5
Outros escoadouros	497	5	1837	11	571	2
<i>Fogão</i>	%		%		%	
Lenha	6898	83	11879	70	-	-
Gás	797	9,5	16701	98	-	-
Outros	94	1,5	45	0,3	-	-
Rádio	6018	7	14497	85	26590	90
Televisão	1181	14	8784	51,5	25162	84,5
Geladeira	1942	23,5	9855	58	24924	84
Automóvel	1045	12,5	3893	23	9323	31,5

FONTE: IBGE. Censo Demográfico 1970 (p. 566-567); 1980 (tomo 4, p. 224-136); 1991 (n. 23, p. 194-197).

Outro fator que condicionava uma certa posição social no bairro era a forma de trabalho. Ser um trabalhador do setor formal com benefícios como carteira assinada, plano de saúde, entre outros, em contraposição aos que trabalhavam na informalidade,

representava uma melhor condição social entre os moradores. O trabalho informal dos diaristas, bóias-frias que na época de safra eram contratados pelos proprietários de granjas das proximidades do bairro, revela essa constatação:

Lá no Colatto os caminhões em época de colheita passavam de manhã bem cedinho. O caminhão enchia de bóias-frias, que iam trabalhar por dia. *Eram pessoas* que moravam ali, mulheres, jovens, adolescentes que não tinham emprego, iam todos trabalhar de bóias-frias. Na época era assim, eles precisavam pra capinar (...). Então, nossa! Mulheres, jovens que estavam desempregados, que não conseguiam emprego (jovens de 14, 15 anos) iam tudo pra roça trabalhar na época de safra²³⁴.

A busca por essas opções de emprego como diaristas e bóias-frias é um indício também de que o bairro começava a crescer e apresentar situações de falta de emprego, aumento da pobreza e da criminalidade que, de modo geral, estavam ocorrendo em outras áreas periféricas da cidade²³⁵.

A mudança para a cidade provocou o rearranjo das práticas culturais que caracterizavam o dia-a-dia dos camponeses. Migrar, na maioria dos casos, significava ter que reinventar as tradições praticadas no meio rural, enfrentar várias limitações e reorganizar a própria vida e os costumes que os envolviam. Nesse processo, as pessoas se confrontam com uma série de novas relações sociais e representações que envolviam o ambiente de trabalho, a família, as formas de lazer e sociabilidade dinamizados na vivência no novo espaço. O bairro é o local onde os migrantes procuram reconstituir os símbolos da identidade comunitária rural, reconhecidos nos ritos, manifestações, festejos, valores e costumes que foram sendo reconstituídos.

Diante do conjunto da cidade, é no bairro que as pessoas procuram “criar para si algum lugar de aconchego” para seu uso e prazer, onde o usuário pode impor suas *marcas* ao espaço urbano²³⁶. Os moradores que estabeleceram esse espaço urbano manifestaram o *desejo do urbano* de criar esse ambiente, tendo boas condições de moradia: casa, ruas

²³⁴ Acedira Locatelli. Depoimento concedido à autora em 14/10/2004.

²³⁵ Na reportagem de capa do Jornal Diário da Manhã de 17 de janeiro de 1980, o deputado Nelson Locatelli (PMDB) enfatizava que nos bairros que circundam a *cidade das rosas* “caminhões caçambas carregam diariamente homens, crianças e senhoras para irem a trabalhos incessantes, pesados e desumanos que dão aos injustiçados um subemprego abaixo das mínimas condições de trabalho que prevê a CLT”. (Em Chapecó mais de mil trabalhadores estão sendo explorados. **Jornal Diário da Manhã**, Chapecó, 17/01/1980, p. 1.)

²³⁶ CERTEAU, Michel. **A invenção do Cotidiano**. 2 Morar, Cozinhar. 5. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003, p. 42.

asfaltadas, creches, escolas, água encanada, luz, entre outros; enfim, um espaço que permitisse aos moradores se reconhecerem.

3.2 – *O trabalho e as situações inventadas pelos operários na Indústria Frigorífica*

O trabalho na fábrica constitui uma etapa fundamental na vida do operário. Ele passa boa parte do seu tempo no ambiente de trabalho, sujeito a ordens, punições e ao marasmo dos movimentos repetitivos que a máquina impõe. As relações que se constituem no ambiente de trabalho estão envolvidas “não só pela monotonia e a repetição”, mas também por “alegrias e desencontros, por tesões e conflitos”²³⁷ que acontecem dentro ou fora do local de trabalho. Mirta Z. Lobato lembra que “no mundo do trabalho se agrupam os sucessos registrados fora dele”²³⁸; nesse sentido, as formas de atuação e de pensar que se gestavam na fábrica, manifestações de descontentamento e oposição, bem como aceitação e participação, eram situações que envolviam os trabalhadores direcionando-os a atuar de acordo com as circunstâncias experimentadas e nas quais eles estavam inseridos.

A maioria dos trabalhadores das indústrias frigoríficas era composta por migrantes de procedência rural que optaram por buscar na cidade novas condições de existência e confrontaram-se, desde o princípio, com novos valores e regras bem diferentes daqueles que estavam habituados a seguir. De acordo com Eder Sader:

a experiência no trabalho é importante, não só porque condiciona fortemente o conjunto das condições de vida, na medida em que determina os rendimentos, mas porque constitui em geral a principal inserção do indivíduo na rede social, sendo, por isso, o principal lugar de definição de suas identidades²³⁹.

Uma série de habilidades e movimentos corporais era desempenhada no trabalho fabril ritmado pela *cadência da nória*. Os movimentos eram precisos e rítmicos e ensaiavam uma *coreografia monótona e repetitiva* que requeria uma sintonia obrigatória entre os indivíduos e as máquinas que funcionavam sem parar. As atividades na indústria frigorífica eram desenvolvidas por seção, na qual cada operário exercia uma função, mas era treinado para desenvolver qualquer uma das etapas de trabalho, por motivo do constante

²³⁷ LOBATO, op cit., p. 131.

²³⁸ Id., p. 28, parafraseando Leandro Gutiérrez. Condiciones de la vida material de los sectores populares en Buenos Aires. 1880-1914. **Revista de Índias**, n. 163-164, p.168, jan.-jun. 1981.

²³⁹ SADER, Eder. **Quando novos personagens entram em cena**: experiências e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo: 1970-1980. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 86.

entra-e-sai de operários. Na fase inicial de funcionamento do frigorífico Sadia o trabalho era essencialmente braçal, como demonstra o relato de uma operária da empresa:

Onde eu trabalhava, no defumado, era embalar frango pra assar, defumar, depois embalar ele pra vender, era tudo manual, não tinha nenhuma máquina que fizesse isso. Pendurar pra ir lá nas estufas, era tudo no braço, ensacar, amarrar, enrolar no alumínio e eu aprendi logo, eu que vim pra cá novinha, só tinha trabalhado na roça, em 40 dias passei a experiência²⁴⁰.

As principais etapas do trabalho na indústria frigorífica iniciavam com o descarregamento das aves, que passavam pelo *magarefe* (funcionário que abatia os animais com um choque elétrico); na seqüência eram penduradas em *nórias* (ganchos) que seguiam passando pela água quente da caldeira e pela depenadeira. Na *evisceração*, etapa seguinte do trabalho, eram retiradas as vísceras das carcaças de frango ou peru que posteriormente era resfriado e seguia para a seção de *espostejamento*, onde o produto era cortado e separado em partes. Nas seções de embalagem, conferência dos produtos de uma expedição, encaixotamento, câmeras de estocagem e túneis de congelamento, os operários manuseavam produtos em temperaturas baixas. Em cada seção existia o subencarregado e o encarregado de seção, responsáveis por auxiliar os novos funcionários que chegavam além de manter o controle e a disciplina nesse ambiente.

Os setores à parte, mas também ligados à linha de produção, envolviam funcionários que carregavam e descarregavam aves, cortadores de lenha para aquecer a caldeira e aqueles que trabalhavam nela com a responsabilidade de manter a temperatura da água estável. Além disso, a empresa dispunha de funcionários responsáveis por serviços de toda a ordem, tais como pedreiros, pintores, serventes de pedreiro, motoristas, eletricitas, jardineiros, que faziam consertos e reparos de ordem geral nas instalações da empresa. E ainda os funcionários que trabalhavam na Fábrica de Rações e no Incubatório, compartimentos e locais separados do frigorífico.

Quanto às condições de trabalho, verificamos que os operários do frigorífico conviviam com índices de insalubridade que variavam de setor para setor. A perícia realizada pela médica do Trabalho Laura L. de Mello Scheifler²⁴¹ que consta no Processo encaminhado à Justiça do Trabalho por Darci Antônio Soares, que trabalhou no setor de

²⁴⁰ Eni Cupski. Depoimento concedido à autora em 31/05/2004.

²⁴¹ Parecer emitido em 08/09/1986. Justiça do Trabalho. Chapecó, Processo N°487/86, p. 2.

evisceração de perus da empresa, de maio de 1985 a junho de 1986, demonstra, em parte, as condições de trabalho na indústria frigorífica. A descrição apresenta que:

Fazendo a verificação física do local de trabalho (...) a avaliação quantitativa dos níveis de ruído, do grau de umidade, observação do Equipamento de Proteção Interna – EPI – e temperaturas anormais do ambiente de trabalho (...) constatou-se:

Umidade: o agente umidade existe em grande quantidade no local de trabalho, pelo fato de que as operações executadas necessitam de água para limpeza dos perus durante as várias operações de evisceração e também porque durante essas operações cai grande quantidade de água no piso, fazendo com que esse permaneça sempre encharcado, constituindo-se em fator de insalubridade do ambiente, pois, coloca os trabalhadores em situação de risco de danos à sua saúde.

Ruído: a situação de riscos de danos à saúde é agravada pelo fato de que o reclamante (Darci) se expunha aos níveis de ruído sem uso de EPI.

Temperaturas anormais: durante suas atividades laborais Darci manuseava perus resfriados sem uso de dispositivo de proteção individual (luvas) – que reduzissem os danos articulares, tais como sinusites, dores reumáticas, etc.²⁴²

Os dispositivos para proteção, tais como luvas, botas, avental impermeável, eram disponibilizados pela empresa e os operários assinavam uma ficha de recebimento desses utensílios, mas nem sempre eles eram adequados àquela forma de trabalho, e como constatou a perícia, nem todos usavam os equipamentos de proteção. Muitas vezes os trabalhadores alegam que o uso de todos os equipamentos de segurança atrapalhava o desempenho do trabalho. As chefias sabiam disso, mas faziam “ouvidos de mercador”, ou seja, desconsideravam as ações. Os operários que trabalhavam no setor de produção por vezes enfrentavam problemas de saúde em decorrência das condições de trabalho. Jair Francisco Joriatti²⁴³, operário do setor de evisceração de perus, descreve no depoimento que consta no processo encaminhado à Justiça do Trabalho as condições do ambiente fabril:

O local é úmido (encharcado e alagadiço). Diversas torneiras ficam permanentemente ligadas e a água saindo em grande quantidade, se espalha por todos os lados do setor. O piso é lavado a cada 30 minutos em média com água esguichada. Diante da excessiva umidade com o passar do tempo Jair F. Joriatti passou a enfrentar sérios problemas de saúde tudo em decorrência dos problemas citados²⁴⁴.

Os trabalhadores descrevem as seções como barulhentas, com pouca luminosidade, os ambientes fétidos e repletos de água, umidade, sangue e frio. Em muitos casos as navalhas escorregadias e afiadas causavam cortes, amputações, infecções: “Na farmácia, a gente sempre ia lá, tinha alguém com a mão cortada, dedo cortado sempre tinha, mas não

²⁴² Id., p.17-20.

²⁴³ Jair F. Joriatti trabalhou no Frigorífico Sadia de novembro de 1981 a setembro de 1986, residia no Bairro Passo dos Fortes e era solteiro. (Justiça do Trabalho. Chapecó. Processo Nº 089/87, p. 2.)

²⁴⁴ Id., p.2-3.

era nada grave, eram cortes com facas”²⁴⁵. Outros sintomas, como dores nas pernas e nas costas, problemas reumáticos e respiratórios, estavam entre os mais frequentes.

Para prevenir a ocorrência dos acidentes de Trabalho, a Comissão Interna de Prevenção de Acidentes – CIPA – organizava campanhas que circulavam pelos setores da empresa, com a finalidade de “criar no trabalhador o hábito de segurança”. Eram realizadas reuniões entre os cipeiros, funcionários, encarregados e chefes para “pedir apoio, colaboração e divulgação aos funcionários sobre as campanhas”²⁴⁶. Os trabalhadores que geralmente participavam das comissões eram aqueles *de confiança* dos chefes, com alguns anos de serviço e indicados por eles. Sobre isso relembra Vilmar A. de Souza: os membros da CIPA “eram indicados pelos chefes (...) ela era pensada e organizada pelos patrões, então o operário não tinha assim a liberdade de escolher”²⁴⁷. Exemplo disso constatamos também na *Revista Integração*, edição de março e abril de 1982, que iniciava nesse número a coluna *Você e a Empresa*, na qual era apresentada a trajetória de trabalho e perfil de um *funcionário exemplar* da empresa. A reportagem retratava o funcionário Pedro Martello, operário há onze anos da Sadia Concórdia S.A. no setor de espostejamento: “nesses onze anos, ele sempre demonstrou *bom relacionamento com os colegas e chefes no local de trabalho*. Prova disso, é que durante um ano foi membro da Comissão Interna de Prevenção de Acidentes – CIPA”. Em outro trecho da mesma reportagem é possível percebermos o envolvimento do funcionário com a empresa em ocasiões extrafabris: “Nosso colega, nas horas de folga gosta de ajudar na churrasceria do SER Sadia, além de participar ativamente do clubinho a que pertence, *o Misto* – onde é atleta de futebol de salão”²⁴⁸. Essa evidência caracteriza o controle extrafabril exercido pela empresa, que influenciava nas relações de trabalho.

Os funcionários que trabalhavam no frigorífico estavam sujeitos a cumprir as determinações do *Regulamento Interno de Trabalho*, que condicionava hábitos de higiene, cuidados com o corpo e as normas de disciplina e comportamento requisitados pela empresa, desde o momento da chegada até a saída do trabalho:

²⁴⁵ Luis Sergio Chiarello. Depoimento concedido à autora em 15/01/2005.

²⁴⁶ Campanha acidente Zero. **Revista Integração**, Alphaville-SP, n. 41, p. 20, abr.-maio 1984.

²⁴⁷ Vilmar Araújo de Souza. Depoimento concedido à Alzumir Rossari, 1993. Acervo de História Oral do CEOM.

²⁴⁸ Você e a Empresa. **Revista Integração**, Alphaville-SP, n. 23, p. 11, mar.-abr. 1982. Grifos Meus.

Todos os empregados que trabalham no setor denominado *frigorífico* ficam obrigados ao cumprimento das determinações abaixo:

I – é **habito anti-higiênico conversar durante a manipulação dos produtos**, podendo os empregados somente conversarem quando o assunto for diretamente ligado ao serviço que estiverem executando.

II – os empregados deverão **lavar e esterilizar as mãos sempre que iniciarem serviços** diferentes ao anterior, após fumarem ou após terem ido às instalações sanitárias.

III – cada empregado deverá cuidar **da limpeza e condições de uso dos objetos** que usar no serviço após cada jornada.

IV – **o uso de uniformes e calçados** bem como de outros equipamentos exigidos pela fiscalização, serão igualmente exigidos pela empresa e, os empregados que não cumprirem tais determinações poderão ser punidos com a pena máxima.

V – em caso de acidentes, os empregados do setor frigorífico deverão proceder de acordo com o disposto. (Em caso de acidentes, devem, conforme o caso, dirigir-se ao ambulatório ou a sua chefia, a fim de que lhes seja prestados os primeiros socorros)

VI – **nas entradas e saídas os empregados deverão observar bem as filas e não permanecer nas entradas ou dependências da empresa** formando grupos ou promovendo brincadeiras ou discussões.

VII – **para as mulheres**, principalmente as que trabalham no manuseio direto de produtos, **proíbe-se o uso de esmalte nas unhas** que possam introduzir substâncias das unhas as fórmulas dos produtos.

VIII – todo empregado **deverá se apresentar com as unhas limpas e cortadas curtas**.

IX – **poderá ser exigida a tomada de banho antes do início do trabalho**²⁴⁹.

Mesmo tendo conhecimento das normas e recomendações determinadas pela empresa, em certas ocasiões os operários instituíam situações que a todo momento ressignificavam as normas disciplinares da empresa e estabeleciam certa autonomia que alterava a continuidade rítmica do trabalho. Apelidos e brincadeiras eram freqüentes entre os trabalhadores em praticamente todos os setores. Ao chegar um novo funcionário, geralmente a primeira manifestação dos operários era atribuir um apelido para o colega de trabalho recém-ingresso. Como relata Claudio Geatto, funcionário da empresa de 1978 até os dias atuais:

Quando eu cheguei na Sadia os colegas me olharam e já me deram o apelido. Ninguém escapava. Os apelidos começavam desde quando se entrava. Tinha o *burro preto*, o *jegue*, o *urso*, o *chupim*. Eles só te olhavam, imaginavam o teu jeito parecido com algum bichinho, e já apelidavam²⁵⁰.

No setor da caldeira, onde Osvaldo Mantelli e os colegas trabalhavam, “nas horas que o chefe não cuidava” situações que ele recorda com emoção aconteciam, quando a ocasião fosse apropriada.

²⁴⁹ Regulamento Interno de Trabalho. **Sadia Avícola**. Chapecó, 1973, p. 7-8. Grifos Meus

²⁵⁰ Claudio Geatto, funcionário da empresa do setor frigorífico de 1978 até hoje. Reside no bairro Efapi. Depoimento concedido à autora em 04/02/2005.

Nós fazíamos um pouco de tudo e ninguém se entregava. Um dia eu saí com dois ajudantes carregar lenha, a gente se jogava água. Às vezes se passava uma graxinha embaixo do cabeçalho da carrocinha que se puxava lenha, quem pegasse engraxava a mão. Tinha três empilhador de lenha que chegaram, logo nós apelidamos um de barbinha e o outro que tinha as roupas grande, apelidamos de bombacha. Eu, me apelidaram de Chacrinha, porque eu gostava de brincar com as pessoas. Uma vez nós tramamos para derrubar uma pilha de lenha. Antes de ir embora eu disse pros empilhadores:

- Olha que essa pilha vai cair, ela está mal feita. Daí eu armei pra que ela caísse, e de noite ela caiu (risos)²⁵¹.

Mesmo em condições de dificuldades, os trabalhadores, em situações como esta, demonstram que sátiras e brincadeiras tornava o dia-a-dia operário menos monótono e repetitivo. E nesse período, década de 1970, diante das dificuldades que envolviam o trabalho, nem o veículo que transportava os operários se livrou de receber um apelido, como descreve Osvaldo Mantelli: “Quando começaram com a lotação, era um caminhão de carga, ficavam tudo de pé um do lado do outro. Depois compraram uma lotaçãozinha verde e amarela, pequena. A apelidamos de *potranquinha*. Vinha todo mundo amontoado”²⁵².

Tais situações (brincadeiras, conversas, e gestos) que fazem parte da experiência adquirida pelos trabalhadores, de acordo com José Sérgio Leite Lopes, “abastecem a “cultura operária” dos operários, mesmo quando implicam em hostilidade à hierarquia são formas de defesa e de suportabilidade às condições de trabalho na fábrica”²⁵³.

Além dos apelidos e brincadeiras, outras formas de passar o tempo de maneira criativa, simuladas pelos operários, foram evidenciadas por meio da análise de alguns documentos como advertências, repreensões e suspensões emitidas pela empresa²⁵⁴. Alguns casos de funcionários envolvidos com situações que flexibilizavam o tempo, brincadeiras e formas de oposição ao trabalho, resultavam na demissão dos operários. Por exemplo, Jesus Pereira, que trabalhou na empresa por quatro anos, de novembro de 1978 a dezembro de 1982, foi demitido por *justa causa* pelo motivo de “ter fraudado o horário registrado no cartão-ponto”. Quem ensinou o procedimento que foi adotado para fraudar o cartão-ponto foram seus colegas de trabalho Getulio V. Maciel e Valdair B. Rodrigues, pintores que trabalhavam no setor de serviços gerais da empresa e que batiam o cartão no setor de

²⁵¹ Osvaldo Mantelli. Depoimento concedido à autora em 20/11/2003.

²⁵² Id.

²⁵³ LOPES, José Sérgio Leite. **A tecelagem dos conflitos de classe na cidade das chaminés**. São Paulo: Marco Zero, 1988, p. 87.

²⁵⁴ Conferir Anexo IV, fichas de funcionários.

abatedouro, por estarem desenvolvendo um trabalho de pintura nas paredes do frigorífico. Getulio V. Maciel foi quem ensinou a “arte” para Jesus Pereira, que consistia em: “com uma fita”, pela qual fazia aparecer a hora correta que se deveria sair do trabalho, ao bater o cartão mesmo saindo uma hora antes do fim do expediente, o cartão-ponto marcaria o horário normal de entrada e saída do funcionário²⁵⁵. O resultado dessa *travessura*, assim que o chefe do setor de produção do frigorífico percebeu, foi a demissão dos três.

Fora da *seção de produção* também existiam espaços de protesto quanto às relações de trabalho. Como o caso de Sadi A. Barp (residia no Bairro São Cristóvão), que trabalhou na Sadia por um ano, de março de 1981 a março de 1982, como cortador de lenha. Certa vez, como relata a ficha de Análise de Desempenho dos Funcionários, Sadi A. Barp, após receber várias suspensões por faltar ao trabalho e pelas brincadeiras de *mau gosto* que realizava durante o seu ofício, “estava na seção de trabalho e chegando a chefia no local, ele estava sentado. Ao ser interrogado sobre o porque do descanso, respondeu que estava ganhando muito pouco e trabalhava conforme recebia de ordenado da empresa”²⁵⁶.

Fato semelhante ocorreu também com o colega de trabalho de Sadi, Celso A. Garcia, então residente no Bairro Colatto (Efapi), que em forma de protesto e solidarizando-se à contestação do colega, também decidiu protestar. A exemplo de Sadi, Celso “estava sentado na seção de trabalho. Ao ser abordado pela chefia sobre o motivo de não estar trabalhando, respondeu que estava ganhando muito pouco por isso trabalhava conforme o que a empresa a ele paga e nada mais. Ganha pouco e trabalha pouco”²⁵⁷, respondeu ele ao chefe. Ambos encaminharam o processo à Justiça do Trabalho na mesma semana cobrando da empresa o aviso prévio, as verbas rescisórias e parte do 13º salário que foram negadas pela empresa.

Esses dois processos demonstram, em certa medida, que alguns trabalhadores, com o passar do tempo, manifestaram iniciativas de ter *certa autonomia* no ambiente de trabalho. Eles começam a compreender sua *condição de operário* e buscam formas de reivindicação que proporcionassem melhorias nos salários ou a demissão, como uma maneira de buscar em outro emprego ganhos que assegurassem a sobrevivência do trabalhador e do grupo familiar.

²⁵⁵ Justiça do Trabalho. Chapecó. Processo Nº 913/82, p. 9.

²⁵⁶ Justiça do Trabalho. Chapecó. Processo Nº 307/82, p. 15

²⁵⁷ Justiça do Trabalho. Chapecó. Processo Nº 296/82, p. 41.

Além dos embates com as chefias, as formas de solidariedades e disputas também faziam parte da rotina dos trabalhadores da indústria frigorífica e se armavam diante da precariedade das condições de trabalho e de vida desses trabalhadores. Até o início da década de 1980, quando a empresa não tinha refeitório, os funcionários improvisavam as refeições trazendo para o trabalho uma *panelinha de comida* que era aquecida no fogo, gerado dentro de “uma latinha com álcool ou gasolina”²⁵⁸. Segundo Vieira dos Santos, quando a empresa

começou a notar, a ver aquilo (o funcionário e sua panelinha de comida), ela começou a colocar chapas cheias de bocas pra esquentar a comida. Aí, como nós tínhamos nosso grupo de amizade, nós combinávamos que um de nós ia na frente e esquentava a comida de todos e nós nos responsabilizávamos pelo trabalho dele, porque não tinha espaço pra todo mundo esquentar na mesma hora. Isso funcionou por uns oito anos²⁵⁹.

Em circunstâncias como esta, podemos perceber as situações inventadas pelos operários para superarem as difíceis condições de trabalho e propriamente de existência. Nesse ambiente em que uma cultura fabril se gestava, relações de amizade, companheirismo ou de conflito se estruturavam durante a contínua convivência que envolvia diariamente pessoas de diferentes precedências que passavam boa parte do tempo nos locais de moradia e trabalho.

Outra prática rotineira entre os moradores do bairro Colatto que trabalhavam na Sadia – o que de certa forma indica que a chegada constante de novas famílias no bairro aumentava o índice de assaltos e situações de perigo – era a formação de um grupo de pessoas para ir ao trabalho. Conforme nos relatou Lauri Nicolini, principalmente entre aqueles que trabalhavam no turno da madrugada, era freqüente a formação de um grupo de colegas para ir ao trabalho por questão de segurança e para *não queimar* (chegar atrasado) e correr o risco de receber um *gancho* (suspensão):

Nós ia pro trabalho, aqui do lado ia uns sete, oito e voltava junto. Pra ir tinha que ir todo mundo junto, pra voltar, tudo bem, podia vim sozinho porque era de dia. Tinha que ir um acordando o outro pra não *queimar*, assim, pra não ir um sozinho porque era tudo escuro, era mato. Dia de pagamento assim eles assaltavam, nas ruas era tudo mato escuro, então nós fazia um grupinho de oito ou nove²⁶⁰.

²⁵⁸ Lauri Nicolini. Depoimento concedido à autora em 31/05/2004.

²⁵⁹ Vieira dos Santos. Depoimento concedido à autora em 19/12/2003.

²⁶⁰ Lauri Nicolini. Depoimento concedido à autora em 31/05/2004.

A formação de um grupo de colegas, companheiros das madrugadas do trabalho na indústria frigorífica, parece seguir uma lógica articulada. Os grupos eram compostos na maioria dos casos por colegas de serviço de mesma seção, geralmente pessoas jovens e na maioria dos casos eram grupos formados separadamente de homens e de mulheres. Como relata Eni Cupski, funcionária da empresa, “eu ia pro trabalho com as minhas amigas”²⁶¹. Nos relatos aparecem as marcas das relações e das diferenças entre homens e mulheres: entre elas a vida cotidiana se estruturava no trabalho doméstico e muitas vezes na fábrica, as amigas, os filhos, o clube de mães; entre os homens, em torno do trabalho, amigos, os jogos de futebol, o encontro no bar e, às vezes, as discussões políticas.

Por vezes, a caminho de casa ou do trabalho, se para alguns o trajeto era de cordialidade e companheirismo, para outros era o momento oportuno para resolver questões *mal definidas* que começavam no ambiente de trabalho e que, eventualmente, se estendiam para fora da fábrica e eram resolvidas pela empresa, no ponto onde iniciaram. O caso relatado no processo encaminhado por Adão Meneses à Justiça do Trabalho pode demonstrar, de certa forma, até onde se estendia a influência das normas disciplinares da fábrica. O fato se resume na briga a caminho de casa entre Adão Meneses e Vivaldino da Silva, nas proximidades da empresa. A origem das desavenças entre os dois teriam sido *as brincadeiras* de Adão Meneses, como molhar o Sr. Vivaldino no setor de câmeras frigoríficas onde ambos trabalhavam. As *brincadeiras de mau gosto* de Adão teriam feito Vivaldino comentar “o fato ao encarregado do setor, Sr. Celso, que imediatamente repreendeu Adão”. Sabe-se que após este incidente Adão prometeu *pegar* Vivaldino e lhe dar uma lição, pois por várias vezes o ameaçou e até o provocou a brigar. Porém, no dia 27 de março de 1982, sábado, após o fim do expediente, munido de uma faca, Adão agrediu o colega de serviço, próximo da lanchonete Efapi, provocando-lhe lesões corporais²⁶². Em vista disso, Adão Meneses foi demitido por justa causa, e o outro funcionário continuou trabalhando na empresa. O motivo que levou Adão a impetrar a Reclamatória Trabalhista, segundo o relato do processo, foi em protesto à demissão por justa causa manifestada pela

²⁶¹ Eni Cupski. Depoimento concedido à autora em 31/05/2004.

²⁶² Os comentários entre aspas são das p. 2, 8 e 9 do Processo N°319/82. Justiça do Trabalho. Chapecó.

empresa e à negação desta em pagar as verbas rescisórias e os haveres do funcionário, como aviso prévio, 13º salário, adicional do salário, entre outros.²⁶³

De certa forma os operários simulavam uma autonomia aparente que permitia desempenhar o trabalho buscando um certo controle sobre ele. Talvez tenha sido por isso que vários operários procuravam a Justiça do Trabalho para reivindicar contra a demissão injusta. A justa causa, para esses operários que tinham sido suspensos ou advertidos, não era o motivo suficiente para a demissão, o que indica que faltar um dia, conversar e inventar brincadeiras no trabalho não prejudicava o andamento do trabalho do ponto de vista deles. No caso de João A. de Siqueira, que trabalhou na empresa de abril de 1977 a fevereiro de 1982, como ajudante de produção do frigorífico e residia próximo à empresa no bairro Colatto, ele recebeu várias repreensões, advertências e suspensões durante os quatro anos que trabalhou na empresa, mas nem por isso admitiu ter sido demitido por justa causa, considerando seu *desligamento* injusto com a prerrogativa de que “teve algumas faltas, pelo motivo que se justifica, (atendia sua mãe que era doente) como faz provas com o atestado de óbito de sua mãe ocorrido em 16/12/1982 por conseqüente seis dias de sua despedida do emprego”²⁶⁴. No depoimento que consta no processo, João A. de Siqueira narra que não aceitava a demissão, pois “a reclamada (Sadia) não entendeu os motivos de suas faltas (*que não foram tantas de chegar a sacudir a estrutura daquela organização...*)”. Desta forma, não concordava com a argumentação da empresa em despedi-lo por justa causa. Segundo João, a justificativa da sua demissão teria sido, “na verdade, *o poder do poder econômico*, o que representa fundamentalmente o *rodízio* de mão-de-obra já que ele estava ganhando um excelente ordenado”²⁶⁵.

Para os funcionários que residiam nas proximidades da empresa, o sentimento de privar de certa *autonomia* no ambiente de trabalho é mais freqüente, visto que a empresa estava presente nesse local como fornecedora de emprego e tinha uma política de assistência em relação aos funcionários, patrocinava clubes esportivos e por vezes destinava doações em dinheiro ou materiais para construção de igrejas, escolas ou salões dos bairros.

Em ações trabalhistas encaminhadas à Justiça do Trabalho por um pequeno grupo de trabalhadores (três a seis funcionários) da empresa que resolviam cobrar seus direitos –

²⁶³ Id., p. 2-3.

²⁶⁴ Justiça do Trabalho. Chapecó. Processo Nº 004/83, p. 2. Grifos Meus.

²⁶⁵ Id., p. 3.

como foi o caso de Adiles A. Machado, Lurdes de F. Machado e Valdelirio Paim, que encaminharam ação trabalhista contra a empresa em 15/05/1987 – podemos perceber que a articulação dos funcionários se dava também fora do ambiente de trabalho. Conforme segue na descrição do processo, Adiles A. Machado era casada, residia no Bairro Parque das Palmeiras e trabalhava no setor de evisceração de frangos, assim como Valério S. Paim, que exercia a mesma função e residia no mesmo bairro, sendo também casado. Enquanto Lurdes de F. Machado residia no Bairro Efapi (próximo ao Parque das Palmeiras), era solteira e trabalhava no setor de embalagem de frangos²⁶⁶.

O questionamento que persiste é: o que levaria esses três operários a encaminharem uma reclamatória trabalhista contra a empresa, na qual eram cobrados aviso prévio, insalubridade e o pagamento das verbas rescisórias, entre outros?

Podemos supor nesse procedimento varias ocorrências: que os operários mantinham contatos uns com os outros, pois a grande maioria deles residia basicamente nos bairros Parque das Palmeiras, Colatto (Efapi), São Cristóvão e nos loteamentos que foram surgindo naquele período. Laços de parentesco como o de Lurdes e Adiles (com o mesmo sobrenome, Machado). E as relações de vizinhança entre os colegas de trabalho Adiles e Valdelirio, que com suas famílias residiam no mesmo bairro, demonstram que fora do fábrica era também um espaço político de discussão dos episódios que aconteciam dentro da indústria frigorífica. Além disso, supomos que a vivência comum experimentada dentro da fábrica estabeleceu nos bairros, tipicamente formados por operários, uma certa convivência entre os trabalhadores da Sadia. Evidencia-se também, nesse caso, que o ano de demissão dos três foi diferente – 1985, 1986 e 1987 – o que leva a crer que existiam espaços de discussões em torno da política da empresa e dos direitos dos trabalhadores, como o de receber as verbas rescisórias que não haviam sido pagas pela empresa.

Nesse sentido, no ambiente de trabalho da indústria frigorífica se constituiu um cenário no qual estavam dispostos múltiplos interesses: a possibilidade de conquista das

²⁶⁶ Justiça do trabalho. Chapecó. Processo N° 503/87, p. 2-3. Adiles trabalhou de 04/05/1982 a 07/06/1986, Valdelirio de 05/11/1981 a 18/11/1985 e Lurdes de 03/09/1985 a 28/01/1987. Em várias ações trabalhistas que foram analisadas percebemos que, na grande maioria, constava que a empresa não havia pagado as verbas rescisórias, ou seja, dias do mês que foram trabalhados pelo operário, o referente a férias, 13º salário, horas extras, adicional de salário noturno, insalubridade, e em certos casos, o aviso prévio e o FGTS não haviam sido liberados pela empresa. Por situações como essas, muitos operários recorreram a ações trabalhistas para receberem da empresa o que lhes era de direito.

aspirações individuais ou coletivas planejadas antes de deixar o campo, a frustração, o lugar de reivindicação e o espaço de resistência, sendo que os laços de solidariedade ora se consolidavam, ora eram dissolvidos no espaço de cultura que é o chão da fábrica. É possível perceber também que os trabalhadores manterão seus princípios de organização no rés-do-chão da fábrica diariamente, nas tentativas de burlar as normas disciplinares da empresa que, com o passar dos anos, foram se tornando mais racionais.

3.3 – ‘O maior patrimônio de uma empresa são seus funcionários’

... passados dez anos, a Sadia Avícola S. A. é a proporção do espírito de trabalho dos funcionários de ontem e de hoje. Uma empresa identificada com a comunidade regional e local²⁶⁷.

O final da década de 1970 e o início dos anos oitenta foi um período em que os trabalhadores da Sadia e moradores do bairro estiveram envolvidos por uma política de gerenciamento da fábrica que visava manter relações de passividade e cooperação com os trabalhadores. A nova política de gestão das empresas vinculadas ao Grupo Sadia, instituída a partir de 1978, foi dirigida aos funcionários por meio de programas vinculados à Fundação Attilio Fontana – FAF, que tinham por finalidade desenvolver “amplos programas de assistência médica, odontológica e hospitalar, além de social, cultural, lazer e treinamento profissional”, como também apresentar um plano de “suplementação das aposentadorias, pensões e auxílios conexos do sistema previdenciário”²⁶⁸.

A FAF foi oficialmente criada em 1976, mas os programas assistenciais vinculados à fundação só começaram de fato a partir de 1978, quando a sede construída na Vila

²⁶⁷ Sadia Avícola: 10 anos depois. **Revista Integração**, Alphaville-SP, n. 14, p. 24, set. 1980. A revista é editada em São Paulo e distribuída aos funcionários da empresa que são associados à Fundação Attilio Fontana – FAF das filiais de todo o país.

²⁶⁸ **Sadia 50 anos: construindo uma História**. São Paulo: Prêmio, 1994, p. 130. Atualmente a FAF funciona como um sistema previdenciário privado, uma vez que os empregados têm direito à assistência médico-hospitalar e a uma complementação na aposentadoria. Segundo Carlos J. Espíndola, a partir de 1986 os benefícios concedidos pela fundação sofreram algumas alterações no sistema de complementação de aposentadorias e no modelo de atendimento médico-hospitalar: “Entrevistas realizadas em São Paulo confirmam que os trabalhadores que se aposentaram a partir de 1986 não conseguiram aposentadorias compensadoras se comparadas com os trabalhadores aposentados até 1986. (...) as consultas médicas foram drasticamente reduzidas. Segundo médicos da fundação, os empregados, de modo geral, tinham direito a certo número de consultas anuais (incluindo dependentes). Em 1992 as consultas voltaram a não ter limites, mas em compensação os médicos foram demitidos. Na verdade, os médicos criaram uma empresa (consórcio) médico-hospitalar e prestam serviços à fundação”. (ESPÍNDOLA, Carlos J. **As Agroindústrias do Brasil: o caso Sadia**. Chapecó: Grifos, 1999, p. 141-142.)

Anastácio – São Paulo foi inaugurada, tendo como local as proximidades de outras empresas do Grupo. Para Attilio Fontana, a Fundação representava “o coroamento de uma vida de trabalho”, pois, tendo construído uma das maiores indústrias de alimentos da América Latina, “este descendente de imigrantes pobres queria retribuir o que lhe havia sido possibilitado – ‘eu recebi muito. Agora eu tenho a obrigação de devolver’. E com esse espírito lançou a FAF”²⁶⁹.

No entanto, evidenciamos que a efetivação da política de benefícios dinamizados pela FAF coincidiu com o período em que a empresa “buscou maior eficiência ‘corporativa’, por meio de medidas técnicas como a informatização de inúmeros serviços e medidas organizacionais, como a maior centralização da gestão da empresa nas áreas administrativa e de produção”. Foram medidas que permitiam ganhar “agilidade e racionalidade na aplicação dos recursos gerados nas diversas áreas de atuação do grupo” no momento de inflação combinado à recessão econômica e à redemocratização política do país nos primeiros anos da década de 1980²⁷⁰.

Essa nova política de gerenciamento e a mudança na relação entre empresa e funcionários revelam também uma medida de controle e os mecanismos de dominação da mão-de-obra, já que a incidência de movimentos organizados de greves e mobilizações que estavam acontecendo no país (a exemplo do ABC paulista) e o cenário político poderiam incitar os operários a iniciativas semelhantes, tendo em vista que, nesse período de transição democrática e reorganização política do Estado, em paralelo aconteciam várias mobilizações e o “sindicalismo nacional acumulou vitórias organizativas importantes, reocupando o espaço político do qual havia sido privado pelos governos militares”²⁷¹.

Na verdade, o Grupo Sadia nesse período estava expandindo as atividades industriais, conquistando novos mercados e concentrando esforços na ampliação das exportações principalmente para o Extremo Oriente, Hong Kong e Japão. Além disso, nesse período de estruturação de novas medidas administrativas, investiu na fabricação de novos produtos e priorizava, de acordo com Carlos José Espíndola,

A emergência de um novo modelo gerencial e, conseqüentemente, de novo formato organizacional que visava aumentar a cooperação nas unidades fabris dos funcionários

²⁶⁹ Attilio Fontana. **Revista Integração - Especial**. Alphaville-SP, s/n, p.13 ago. 2000.

²⁷⁰ Sadia 50 anos, op. cit., p. 96-97.

²⁷¹ SANTANA, Marco Aurélio. Trabalhadores em movimento: o sindicalismo brasileiro nos anos 1980-1990. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de A. N. (Orgs.). **O Brasil Republicano: o tempo da ditadura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 291.

com a empresa, a cooperação entre as várias instâncias gerenciais – fornecedores, produtores, e usuários/consumidores – bem como a cooperação entre as empresas triviais visando a projetos comerciais e de desenvolvimento tecnológico. (...). Assim o treinamento da mão-de-obra passa a ter um caráter generalista, exigindo polivalência dos trabalhadores do chão da fábrica e dos encarregados do raciocínio estratégico, requerendo maior integração e coordenação, levando todos a participarem mais ativamente dos processos decisórios e das tarefas de gestão²⁷².

Para o maior controle e gerenciamento das empresas do Grupo Sadia, a partir de 1980 em Alphaville – São Paulo, foi construído o Centro administrativo das empresas. Inaugurado em 1981, “ele representa a fonte do comando de onde emanam as decisões que marcavam e determinavam a presença da Sadia no sistema econômico nacional”. Pode ser considerado também o “centro nervoso do Grupo integrando pessoas e recursos, ele responde pelas expectativas e exigências das unidades por todo o Brasil”²⁷³, tendo em vista o grande crescimento do grupo a partir dos anos 1970. A nova política de gerenciamento da empresa visava também tornar a Sadia uma empresa moderna, abrindo as portas para a visita de estudantes e pessoas que quisessem conhecê-la. Em 1982, em viagem de estudo, os alunos da Escola Superior de Guerra visitaram as instalações da Sadia, o que “demonstra o papel significativo que a empresa ocupa no contexto econômico, político e social do país”²⁷⁴.

Esse conjunto de medidas administrativas que ocorreram no período contribuiu para dinamizar a idéia de que o funcionário da Sadia, com seu trabalho, colaborava para “o progresso do país”²⁷⁵, envolvido por práticas que possibilitavam o eficaz controle da mão-de-obra.

3.3.1 – Mecanismos de controle e dominação da mão-de-obra.

As novas medidas e serviços assistenciais – atendimento social, sanitário, cultural e profissional – propostas pela FAF almejavam envolver os funcionários de todas as empresas do Grupo Sadia e foram dispostas principalmente pelo setor de serviço social e de recursos humanos de cada fábrica. Os funcionários eram informados das novas medidas

²⁷² ESPINDOLA, op. cit., p. 71.

²⁷³ Centro Administrativo – Alphaville. **Revista Integração**, Alphaville-SP, n. 53, p. 18-19, set. 1985.

²⁷⁴ Escola Superior de Guerra visita Instalações da Sadia. **Revista Integração**, Alphaville-SP, n. 27, p. 13, out. 1982.

²⁷⁵ Mensagem ao dia do Trabalhador. **Revista Integração**, Alphaville-SP, n. 24, p. 1, mai.-jun. 1982.

administrativas que a empresa começava a desenvolver por meio de reuniões e pelas informações dispostas na *Revista Integração*, considerada o “elo de comunicação corporativa, com mensagens da direção, artigos especiais sobre as unidades do Grupo e seus projetos, cobertura dos principais acontecimentos da vida do país, informações de interesse geral dos funcionários, promoção de eventos culturais e assim por diante”²⁷⁶. Na revista é possível acompanhar as mudanças que foram acontecendo nas formas de gerenciamento do Grupo Sadia e a política de benefícios sociais e morais efetivados por departamentos da empresa a partir dos anos 1980. A circulação da revista era mensal ou, às vezes, a cada dois meses e apresentava reportagens de todas as empresas do Grupo Sadia. A denominação da revista – *Integração* – se deve à idéia de “união entre funcionários e Empresa, dentro de uma dimensão bastante ativa, que formalizava a Integração”²⁷⁷. A revista visava informar os funcionários da importância deles para a empresa e do papel que eles deveriam desempenhar para consolidar as práticas de trabalho e formalizar os preceitos de *empresa moderna*. “A integração é o resultado da capacidade de cada um ajustar-se a realidade acrescida, procurando transformá-la, melhorá-la dentro do processo de mútua colaboração”²⁷⁸. A revista era distribuída aos associados e contribuintes da FAF e cumpria a “ampla cobertura de fatos e atividades dentro e fora de *nossa comunidade*, envolvendo funcionários da Sadia” e procurando retratar “o dia-a-dia da enorme *família Sadia* e seus dependentes”²⁷⁹.

A constante alusão à noção de família como forma de representar a comunidade operária foi um dos elementos centrais do modelo de gerenciamento do Grupo Sadia, apresentando uma clara permanência de traços paternalistas. Esse discurso era um meio de reforçar as relações entre os chefes e os operários do frigorífico Sadia. Como ainda veremos, os chefes tentavam adquirir a confiança dos funcionários se envolvendo em atividades de lazer dentro da fábrica e fora do expediente de trabalho, participando em atividades festivas, torneios, com a finalidade de conquistar a confiança junto aos operários, também fora do local de trabalho. Funcionários que ocupavam cargos de chefia muitas vezes tornavam-se o conselheiro da família do operário, o padrinho de casamento ou de

²⁷⁶ Sadia 50 anos, op. cit., p. 130.

²⁷⁷ Maior participação. **Revista Integração**, Alphaville-SP, n. 29, p. 6, dez. 1982.

²⁷⁸ Quando a Integração implica mudanças. **Revista Integração**, Alphaville-SP, n. 27, p. 2, out. 1982.

²⁷⁹ Maior participação. **Revista Integração**, Alphaville-SP, n. 29, p. 6, dez. 1982. Grifos Meus.

batizado dos filhos cujos pais eram funcionários da empresa. O depoimento de Lauri Nicolini, funcionário da Sadia de 1977 a 1988, exemplifica que as relações entre operário e as chefias ultrapassavam os limites da fábrica.

O nosso chefe jogava bola com nós, eu jogava com ele todas as quartas-feiras e de domingo, ele era presidente do nosso time e o outro que era também do frigorífico moravam ali perto de nós. O meu encarregado foi até padrinho do meu casamento. Se a gente se envolvia em alguma coisa assim, eles já diziam aquele cara não é muito bom, não é pra nós. Tinha que se cuidar lá dentro e na comunidade. Naquele tempo, se fosse num jogo assim e acontecesse de tu discutir com um cara e tal, se acontecesse alguma coisa lá, toda a Sadia sabia na segunda-feira²⁸⁰.

De certa forma a noção de família Sadia era assimilada de forma eficaz, pois a contratação de parentes, amigos ou pessoas indicadas por funcionários era muito freqüente. Os laços de parentesco e amizade reforçavam a vigilância de um funcionário sobre o outro e ajudavam a compor o cenário de *família Sadia*. Essa idéia, em certo sentido, representava um possível amparo para grande parte dos trabalhadores da empresa, tendo em vista que a maioria deles eram migrantes jovens ou casais recém-constituídos que encontravam na *Mãe Sadia* o aconchego da família, que agora estava distante.

A Sadia, além de ser uma empresa familiar, era administrada por membros da família de Attilio Fontana (netos, genros, irmão, filhos). Mesmo com as propostas de mudanças nas formas de gerenciamento do grupo que ocorreram a partir dos anos 80, vale destacar que a “substância permaneceu familiar”²⁸¹. Segundo Carlos José Espíndola, a despeito das mudanças na forma de gestão administrativa, alguns elementos da política administrativa do Grupo Sadia permaneceram com um caráter familiar. Entre eles:

a) os empregados afirmam que o ‘Seu Attilio’ tratava todo mundo ‘igual’; b) os empregados do rés-do-chão da fábrica eram obrigados a ter conhecimentos das várias etapas produtivas; c) os trabalhadores eram generalistas (polivalente) e não especialistas; d) os trabalhadores não eram apenas empregados, mas colaboradores; e) a ascensão dos empregados e demais diretores dava-se por anos de trabalho e dedicação à ‘casa’; f) os chefes eram ao mesmo tempo os operários; g) o número de técnicos especialistas, engenheiros e outros só aumentou a partir da década de 70, e h) as formas assistencialistas e paternalistas de tratamento dos trabalhadores²⁸².

Além disso, essa estrutura administrativa, “uma vez que muitos elementos do alto escalão formaram-se na própria empresa”²⁸³, apresentava aos trabalhadores que começavam

²⁸⁰ Lauri Nicolini. Depoimento concedido à autora em 31/05/2004.

²⁸¹ ESPINDOLA, op. cit., p.74

²⁸² Id.

²⁸³ Id.

no chão da fábrica a possibilidade de ascensão aos escalões mais altos da empresa, especialmente os cargos de subencarregado e encarregado de setor. No caso do frigorífico de aves de Chapecó, esses cargos foram ocupados por operários que começaram a trabalhar na empresa como auxiliar do frigorífico.

Somando-se a isso, a visita de chefes e diretores da empresa às seções de trabalho no frigorífico e a participação de membros da família Fontana que ocupavam cargos administrativos da empresa em festas e ocasiões de encontro dos funcionários, reforçava a idéia de que a empresa se congregava com os operários nos diferentes momentos da vida deles.

O Attilio Fontana aparecia de vez em quando, batia nos ombros da gente, cumprimentava e pedia se tava bom? A gente dizia que estava bom. Nós tínhamos que trabalhar! O Attilio aparecia só de vez em quando, morava em São Paulo. Ele era o chefe, não sei se era um filho dele ou um sobrinho, que passava duas ou três vezes por semana, ele dava uma olhada, parava. Mas a gente continuava trabalhando²⁸⁴.

As visitas de Attilio Fontana ao Frigorífico Sadia de Chapecó não eram freqüentes, pois na década de setenta ele assumiu o cargo político de vice-governador, mas era comum os diretores da empresa ou os chefes de departamento visitarem o local de trabalho para acompanhar de perto os procedimentos fabris. “Eu, como chefe de departamento, sempre ia pra indústria para observar o trabalho, pra cumprimentar o pessoal. O seu Attilio também, quando estava por aqui, andava pela indústria”²⁸⁵.

Nesse sentido, a política de gerenciamento da empresa, que já era assistencialista e que concebia os funcionários como membros de uma família, recebeu a partir dos anos 80 um reforço das atividades prestadas pelo serviço social de cada empresa do grupo, que passou a efetivar um novo método de relacionamento com os funcionários. Essa prática fazia com que os funcionários se sentissem valorizados e pertencentes à *família Sadia*. A noção de família, visando um funcionário mais envolvido com o trabalho e o desenvolvimento da empresa, demonstra que a “prioridade aos aspectos humanos de gestão, buscando a participação de cada empregado no processo decisório,” na verdade, encobria as intenções de “melhorias sucessivas na estrutura organizacional das empresas, visando à maximização dos lucros, redução dos custos e aumento da produtividade”²⁸⁶.

²⁸⁴ Osvaldo Mantelli. Entrevista concedida à autora em 20/11/2003.

²⁸⁵ Vieira dos Santos. Entrevista concedida à autora em 19/12/2003.

²⁸⁶ ESPINDOLA, op. cit., p. 70. “Este novo paradigma, chamado *toyotismo*, aumenta a responsabilidade dos escalões intermediários, requerendo maior qualificação de toda a estrutura

Nesse processo, a contratação dos funcionários, dando preferência a filhos de *parceiros* ou *por indicação*, convinha para estreitar as relações entre os operários e as chefias e legitimava o discurso empresarial que se utilizava do sistema de benefícios para concretizar os mecanismos de dominação. A origem rural dos operários parece ter sido propícia para a efetivação de práticas de trabalho paternalistas, nas formas da presença do patrão no local de trabalho e das chefias que residiam perto da empresa e mantinham relações de vizinhança, lazer e sociabilidade com os operários que residiam nas proximidades da fábrica. A política de benefícios da empresa tecia uma trama de relações que culminava na tentativa de tentar disciplinar o funcionário dentro e fora dos portões da fábrica. A partir da contratação, o operário começava a ser envolvido por uma relação entre *protetor* e *protegido* baseada na noção de que esses trabalhadores tinham uma experiência de clientelismo fundamentada na obrigação moral de conceder apoio a quem dava benefícios²⁸⁷. Essa iniciativa, considerando a empresa em seu conjunto, “cumpre com a norma moral de assegurar certo bem-estar a seus trabalhadores, ou rompe-se parcial ou definitivamente se considerar que a fábrica não cumpre com suas obrigações e só estabelece uma relação de exploração”²⁸⁸. Fica caracterizado assim, de forma semelhante à análise de Michelle Perrot, que:

As relações sociais do trabalho são concebidas conforme o modelo familiar: na linguagem da empresa familiar o patrão é o pai, e os operários os filhos, na concepção do emprego que o patrão deve assegurar aos operários (...). Os trabalhadores aceitam essa forma de integração, e até a reivindicam. Eles têm a linguagem do espírito da ‘casa’; tem orgulho em pertencer à empresa com a qual se identificam²⁸⁹.

3.3.2 – *Os chefes*

Para manter a funcionalidade dos setores que estruturavam o frigorífico, os chefes desempenhavam um papel importante no processo produtivo e precisavam dispor de *habilidades*, pois representavam os ideais da empresa com a função de manter a disciplina,

operacional. O empregado do ‘chão da fábrica’ possui várias funções: resolve todos os problemas que possivelmente surjam nos processos produtivos, controla a qualidade dos produtos (eliminando assim o controle de qualidade final), insere informações nos computadores e sugere mudanças nos processos produtivos”. (Id.)

²⁸⁷ THOMPSON, Edward P. Economia moral. In: _____. **Costumes em comum**. São Paulo: Cia das Letras, 1998, p. 160.

²⁸⁸ LOBATO, op. cit., p. 148-149.

²⁸⁹ PERROT, Michelle. **Os excluídos da História**: operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 61-62.

conter as transgressões, assegurando assim o processo de produção. A maioria dos cargos de chefia era ocupada por funcionários que residiam geralmente nas proximidades da empresa, com a missão de serem prestativos, caso houvesse algum problema de manutenção ou algo que precisasse ser resolvido com urgência. De acordo com o artigo 4º do Regulamento Interno de Trabalho: “diretores de serviço, encarregados, chefes” e até mesmo os empregados “deveriam prestar serviços extraordinários” em “casos de força maior, urgência, casos fortuitos e nos serviços inadiáveis”²⁹⁰. Os relatos que seguem exemplificam como se efetivava essa política:

Eu, que trabalhava na manutenção, quebrava uma máquina, tinha que dar assistência, dava problema na parte elétrica, tinha que dar assistência. Caldeira, lavanderia, dava problema na água, tinha que dar assistência. Tudo que era trabalho eu tinha que fazer. Dava-se problema na parte elétrica ou em outro setor, tinha que arrumar. Nos finais de semana, se eu sásse, eu tinha que passar lá e dizer: “Olha, eu estou em tal lugar, se acontecer alguma coisa, vocês mandam um carro da empresa me buscar, que eu dou assistência”²⁹¹.

Ou ainda:

Entrei na Sadia mês de setembro. O trabalho era um horror, eu começava trabalhar às 4:30 da madrugada e parava às 9:30 da noite, ficava direto. De começo a esposa levava o almoço pra mim lá, eles não estavam dando o almoço. Eu cuidava das câmeras frias, eu era o Encarregado e o último a sair. Fiquei um mês pra conhecer os produtos e daí tinha uma câmara de 300 m quadrados, uma de 600 e uma de 1600 e eram pilhas de 7 metros de altura²⁹².

A maioria dos chefes compartilhava de uma certa *teatralização da dominação*, pois, se em parte ganhavam melhores salários e seu cargo representava ascensão social, por outro lado tinham sua conduta dentro e fora da empresa conduzida pela disciplina do trabalho. Os funcionários que ocupavam cargos de chefia, por residirem próximo à empresa, se tornavam reguladores das formas de conduta dos operários fora da fábrica. Desempenhavam papéis sociais importantes no bairro, assumindo diretorias das associações comunitárias e participando de atividades esportivas. Conforme o depoimento de Vieira dos Santos:

A Sadia é uma empresa assim, ela se preocupa com o comportamento do funcionário fora da empresa. De acordo com o teu comportamento fora da empresa, pode repercutir negativamente dentro da empresa. Eu me orgulho muito que eu não trabalhei pra

²⁹⁰ Regulamento Interno de Trabalho. **Sadia Avícola**. Chapecó, 1973, p. 4.

²⁹¹ Iracino M., funcionário da empresa de 1976 até 1999 na manutenção da parte elétrica da empresa, reside na Vila Mantelli. Depoimento concedido à autora em 20/11/2003.

²⁹² Herondino P. Andrade. Depoimento concedido à autora em 13/06/2004.

empresa alguma, eu saí aposentado da Sadia, não trabalhei pra nenhuma outra empresa, só a Sadia assinou minha carteira²⁹³.

A partir da década de 1980, para concretizar a proposta da nova política de gerenciamento, as chefias e os funcionários do setor de Serviço Social e Recursos Humanos participavam constantemente de cursos que aconteciam em Alphaville – São Paulo, onde se encontra o centro administrativo da empresa, e contavam com bônus salariais e vantagens que os estimulavam a desempenhar o trabalho, almejando maior controle e disciplina dos funcionários. “A Sadia colocou premiação pros chefes de setor, por produtividade. Eu inclusive fui um dos contemplados por quatro ou cinco vezes. Eu sempre fui gratificado, inclusive depois que eu me aposentei a Sadia continuou me dando gratificações”²⁹⁴.

Para demonstrar a gratidão aos anos de trabalho dedicados à empresa eram promovidos eventos e ocasiões festivas que homenageavam os funcionários mais antigos com 15, 20 e 30 anos de serviços prestados à Sadia. Em agosto de 1980, na confraternização para homenagear os funcionários mais antigos do frigorífico Sadia de Chapecó, o discurso do superintendente dessa unidade, Octaviano Zandonai, revela a importância dessa categoria de funcionários da empresa:

Todos vocês viram a implantação e crescimento de nossa unidade. Todos vocês vieram da unidade de Concórdia, buscando um novo lar e uma nova comunidade de trabalho. A luta não foi fácil, mas o resultado está aí. Construímos uma grande unidade empresarial. Ela é a proporção do espírito de trabalho e de dedicação de quantos a construíram e, entre tantos, vocês são parte essencial e em destaque²⁹⁵.

O mesmo discurso ressaltava ainda que “as empresas Sadia colocam acima de tudo, o homem, como sendo o seu objetivo maior. E a resposta está no que é [sic] hoje as empresas Sadia: uma força de trabalho consciente, dando e multiplicando as oportunidades para que seus funcionários cresçam e se sintam bem no dia-a-dia”²⁹⁶. A figura 15 mostra alguns detalhes da ocasião festiva.

²⁹³ Vieira dos Santos. Depoimento concedido à autora em 19/12/2003.

²⁹⁴ Id.

²⁹⁵ FAF homenageia funcionários da Sadia avícola. **Revista Integração**, Alphaville-SP, n. 14, p.14, set. 1980.

²⁹⁶ Id.



Figura (15) FAF homenageia funcionários da Sadia Avícola
 Fonte: Revista Integração, Alphaville – SP, n. 14, p.15, set. 1980.

A integração entre funcionários e empresa acontecia por meio de várias iniciativas: uma delas eram os torneios e jogos promovidos pela empresa no período extrafabril, como campeonatos de futebol de campo e salão, vôlei, dominó, truco, bocha, envolvendo times que eram formados e competiam entre os setores da empresa e, geralmente, reuniam colegas de trabalho que tinham maior convivência e afinidade. Atentamos ao relato e às figuras 16 e 17:

Nós jogava lá na Sadia, tinha o campo na Sadia lá perto do Ginásio e na Mantelli também tinha um campinho, tinha também o da Saicc e o da pista, esses que eu me lembre. Quando começou os clubinhos, nós jogava setor com setor, mas dava poucos times uns cinco ou seis no máximo, encaixotamento, câmera fria, carregamento, embalagem, pendura, matança. Nós fazia os campeonato dentro da firma, entre as firmas, Saicc, Ceval e depois saía pra fora, contra a Perdigão, Videira, Joaçaba no Estadual. Na firma mesmo era por setor, era por ponto, todos contra todos e no final dava a decisão²⁹⁷.

²⁹⁷ Lauri Nicolini. Depoimento concedido à autora em 31/05/2004.



Figura (16) Time de Futebol de funcionários da Sadia que residiam no Bairro Colatto. Esporte Clube Verona, agosto de 1986.
Fonte: Acervo particular de Lauri Nicolini.



Figura (17) Time de Futebol de funcionários da Sadia, O Barragem. Campo da Mantelli, 1974.
Fonte: Acervo particular de um funcionário que preferiu não se identificar.

Além da descrição de campeonatos de futebol promovidos pela empresa entre os funcionários, a figura 18 que segue demonstra os campeonatos com outras modalidades esportivas que envolviam até mesmo a família do funcionário. Comprometer os funcionários em modalidades esportivas promovidas pela empresa era uma finalidade social

através da qual “a pessoa se desenvolve física e mentalmente”, e “na Sadia, funcionários revelados pelo esporte ocupam hoje cargos de Diretoria e de Superintendência”²⁹⁸.



Fanfarra



São Cristovão



Vai como pode.

²⁹⁸ A missão social do esporte. **Revista Integração**, Alphaville-SP, n. 60, p. 4, jan. 1986.



Figura (18) Equipes que participaram dos jogos do Dia do Trabalho na Sadia Avícola..
Fonte: Revista Integração. Alphaville – SP, n. 24, p. 28, mai.-jun. 1982.

Nas edições da *Revista Integração* também se articulavam iniciativas de envolver a empresa com a vida social do funcionário por meio das páginas específicas para cada membro da família: na coluna *Sociais* casamentos, batizados e até mesmo falecimentos de funcionários ou dependentes eram noticiados. A revista apresentava também a *página da mulher*, com receitas caseiras, dicas de beleza com produtos feitos em casa e medidas de saúde e economia doméstica, cuidados com o corpo, entre outros. A *página infantil* apresentava brincadeiras, ensinava como fazer brinquedos: bonecas de pano e outros que usavam embalagens de produtos, como carrinhos. Na *página diversos*, nos momentos fora do trabalho os funcionários poderiam ler frases de reflexão, humor, pensamentos e caça-palavras com produtos da Sadia.

3.3.3 – Serviço Social da empresa

O setor responsável pelo relacionamento direto da empresa com os funcionários era o serviço social, que tinha a finalidade de “promover a integração da família do funcionário à Empresa, através de visitas e outras atividades que permitem conhecer a organização, o ambiente de trabalho e as atividades profissionais do familiar”. Além disso, esse departamento fornecia à administração e às chefias da empresa “informações sobre as

condições internas de trabalho, as aspirações do funcionário e suas necessidades pessoais e profissionais para que providências cabíveis pudessem ser tomadas”²⁹⁹.

O depoimento de Airton, funcionário de 1979 a 1980, no setor de recursos humanos, que na época estava começando a ser organizado no frigorífico Sadia de Chapecó, indica que, além da entrevista de contratação e da sondagem inicial feita com os novos funcionários, esse setor era responsável pelo acompanhamento e resolução dos possíveis problemas referentes ao comportamento dos operários dentro da fábrica. A complexa adaptação às condições de trabalho e a conseqüente alta taxa de rotatividade dos funcionários fizeram que o setor de recursos humanos se tornasse um importante aliado das chefias para conter o constante entra-e-sai de funcionários.

O chefe dizia: “O fulano tá me causando problema lá dentro, o fulano tá brigando com os colegas”. Aí eles mandavam pra nós no Recursos Humanos. Aí nós conversávamos e às vezes mandava pro psicólogo ou a gente mesmo resolvia. Ouvia o que a pessoa estava passando, às vezes tinha algum problema em casa ou brigou com o namorado, ou problema com os filhos... Às vezes a gente saía dali pra fazer um trabalho na casa também, pra falar com os pais, com o marido. Esse era o nosso trabalho. Nós formulamos um mapa, conversamos com todos os funcionários da Sadia, a gente conhecia todo mundo, via as características. A gente se envolvia, às vezes tinha problemas de alcoolismo, de violência familiar, então tudo isso a gente se envolvia e acabava se envolvendo nesse departamento³⁰⁰.

O serviço social era um aliado da empresa e procurava, juntamente com os setores voltados para os Recursos Humanos – RH –, “estabelecer um clima harmônico e propício ao desenvolvimento individual, grupal e organizacional”³⁰¹. Entre as ações promovidas pelo Serviço Social, anualmente acontecia a distribuição de material escolar aos filhos de

²⁹⁹ Serviço Social. **Revista Integração**, Alphaville-SP, n. 28, p. 8, nov. 1982. Conferir Anexo V os dados da Ficha de Controle do Departamento Pessoal da Empresa.

³⁰⁰ Airton P. Depoimento concedido à autora em 04/11/2004.

³⁰¹ O que é o serviço social. **Revista Integração**, Alphaville-SP, n. 24, p. 13, mai.-jun. de 1982. “No plano trienal de Recursos Humanos (1982-1984) o plano estratégico de administração da empresa estão apresentadas as metas que compõem o Programa de ação previsto para o triênio e que são os seguintes: 1 – Programa de Planejamento e Desenvolvimento Gerencial; 2 – Programa de desenvolvimento de Executivos; 3 – Ação sobre a estrutura organizacional; 4 – Treinamento e desenvolvimento de chefias; 5 – Formação de instrutores de treinamento; 6 – Sistema de informações de Recursos Humanos; 7 – Pesquisa motivacional; 8 – Sistematização do processo de comunicação empresarial; 9 – Avaliação de desempenho; 10 – Orçamento de pessoal; 11 – Preparação e treinamento de profissionais de níveis técnicos; 12 – Programa de Estágios de Estudantes; 13 – Treinamento operacional de produção; 14 – Acompanhamento e controle de Bolsas de Estudo; 15 – Linhas mestras de Política salarial e de benefícios; 16 – Acompanhamento da Ação Sindical; 17 – Preparação do pessoal de Recursos Humanos nas Unidades; 18 – Serviço Social”. (Recursos Humanos analisa Plano Trienal. **Revista Integração**, Alphaville-SP, n. 22, p. 10, jan.-fev. 1982.)

funcionários gratuitamente. Nessas ocasiões os órgãos de comunicação local, para expressar as iniciativas sociais promovidas pela empresa, tratavam de divulgar as ações então realizadas. Conforme o trecho da reportagem que segue publicada no *Jornal Diário da Manhã*:

Graças ao dinamismo da Fundação Attilio F. Xavier Fontana, da qual todos os funcionários da Sadia Avícola S/A são sócios, anualmente é distribuído material escolar. Centenas de crianças recebem seu material escolar. Multiplicando benefícios, a FAF demonstra sua preocupação e suas iniciativas em prol de seus associados e dependentes³⁰².

Entre os trabalhos desenvolvidos pelo Serviço Social da Sadia estavam também: atividades de educação de base para as esposas dos funcionários, como cursos artesanais de tricô, crochê, culinária, primeiros socorros, com o “objetivo de desenvolver a economia doméstica e elevar o nível cultural”³⁰³ da família dos funcionários. A figura 19 mostra as participantes de um curso de culinária promovido pela empresa.



Figura (19) Participantes do curso de culinária promovido pelo Serviço Social da Sadia Avícola..

Fonte: Revista Integração. Alphaville – SP, n. 22, p. 8, fev. 1982.

Além disso, ocasiões festivas que envolviam os trabalhadores e os familiares também eram organizadas pelo Serviço Social. Uma das festividades recordadas pelos funcionários da empresa era a festa de 1º de maio. Nesse dia eram suspensas as atividades fabris para comemorar o dia do trabalhador com churrasco e bebidas para os operários e

³⁰² Sadia Avícola S/A 10 anos depois. **Jornal Diário da Manhã**, Chapecó, 03/09/1980, p. 7.

³⁰³ Serviço Social. **Revista Integração**, Alphaville-SP, n. 28, p. 8, nov. 1982.

suas famílias. Era o encontro “da família Sadia”³⁰⁴, uma ocasião na qual os funcionários recebiam premiações e brindes como acolchoados, cobertores e utensílios domésticos pelo trabalho prestado à empresa. Na ocasião geralmente aconteciam também torneios e gincanas de futebol suíço, cabo-de-guerra, três-sete, truco e futebol de campo, envolvendo “a participação de toda a família Sadia”³⁰⁵. Como relata Vieira dos Santos:

No começo da empresa, a festa no 1º de maio, dia do trabalhador a empresa brindava o funcionário com uma festa, onde sorteava presentes, fazia churrascada, o funcionário levava a mulher, os filhos. Era a festa da “família Sadia”. Isso foi por muitos anos, como uma tradição. Com o tempo a empresa começou a crescer, ela parou de fazer a festa, mas continuou brindando os funcionários. A empresa nunca deixou de dar o churrasco do trabalhador. Como a empresa não fazia mais aquela festa no coletivo, ela dava o churrasco pro trabalhador levar pra casa. O churrasco pro trabalhador, o frango pra esposa do trabalhador, 800 gramas de carne aproximadamente pra cada dependente e dava ainda um refrigerante pra cada dependente do trabalhador e a cerveja pro trabalhador³⁰⁶.

Nessas ocasiões não faltava também a mensagem de Attilio Fontana, que era lida por um dos diretores e publicada na *Revista Integração*, para que todos pudessem se sentir homenageados pela empresa. O discurso do sócio-dirigente e fundador do Grupo Sadia em maio de 1982 ressaltava valores que auferiam o sentido do trabalho e a importância do esforço e dedicação dos trabalhadores para superar as dificuldades econômicas e sociais que o país estava enfrentando:

Neste 1º de maio desejo a todos aqueles que trabalham, que colaboram com o progresso do país, que sejam persistentes, que enfrentem tenazmente os obstáculos, que sempre aparecem pela frente, estejam certos, é este o único caminho para o progresso. O nosso país atravessa um período de dificuldades, mas o mundo inteiro também enfrenta dificuldades de toda a ordem. Somente com trabalho, e muito trabalho, estaremos em condições de entrar numa nova fase, após serem vencidos os problemas atuais, quando poderemos competir com os demais países, em igualdade de condições, para que possamos ocupar a posição de destaque que nos espera no cenário mundial³⁰⁷.

Em ocasiões de comemoração de feriados religiosos, como o Natal e a Páscoa, também era programada uma festa realizada com os filhos dos funcionários. Em algumas ocasiões, como a confraternização de Natal de dezembro 1981, foram proporcionadas aos filhos de funcionários encenações do presépio vivo: “A chegada de José e Maria

³⁰⁴ Vieira dos Santos. Depoimento concedido à autora em 19/12/2003.

³⁰⁵ Esportes. **Revista Integração**. Alphaville-SP, n. 24, p.28, mai/jun. 1982.

³⁰⁶ Vieira dos Santos. Depoimento concedido à autora em 19/12/2003.

³⁰⁷ Mensagem Relativa ao Dia do Trabalho. **Revista Integração**. Alphaville-SP, n. 24, p. 1, mai.-jun 1982.

procurando lugar para o pernoite; o nascimento do Menino numa manjedoura, lugar de abrigo dos animais; a chegada dos pastores trazendo alimentos; a vinda dos reis magos. Todos ficaram comovidos” e aplaudiam “a chegada do menino Jesus”. Nessas ocasiões “não faltavam as brincadeiras e a presença do Papai Noel e de palhaços para divertir” as crianças, que recebiam um presente e, de forma tradicional, “não faltou o cachorro quente e o refrigerante”³⁰⁸ distribuídos aos participantes. Como relembra Josefina Mantelli: “Naquele tempo pra Natal nós íamos tudo lá pra Sadia, com a filharada. Naquele tempo era bom, a criançada ganhava presentinho e brincava, se divertia. Ganhava pãozinho, refrigerante”³⁰⁹.

Além dos serviços já mencionados disponibilizados pela empresa, os funcionários contavam com a doação de uma cesta básica e poderiam comprar os produtos comercializados pela empresa na Fiambreria, conhecida como *Mercado Fontana*, que vendia aos funcionários os produtos descontando na folha de pagamento, a preços acessíveis – menos que o preço de outros comércios. Em certo sentido, essa era uma forma de compensar os baixos salários pagos pela empresa aos operários. Além disso, em períodos em que a produção de ovos nas granjas excedia a quantia desejada, esse produto era distribuído entre os funcionários na saída do trabalho³¹⁰.

Nessa política, analisando certas atitudes dos operários, podemos perceber que os trabalhadores expressavam modos diversos quanto à maneira de utilizar os produtos disponibilizados pela empresa:

Os ovos, tinha gente que pegava e vendia. O rancho, essa cesta básica, tinha gente que pegava e vendia pros que não eram funcionários da Sadia. Ah, daí um pegava: “Ah, eu vou vender o café porque eu não tomo”. Um vendia uma coisa, outro vendia outra, sabe, e assim foi indo...³¹¹.

Esse procedimento pode significar que os funcionários entendiam que esses alimentos eram parte do seu salário, adquiridos pela empresa com os ganhos de seu trabalho e, nesse sentido, se instituíam uma aparente autonomia sobre os produtos, que poderiam ser aproveitados por eles da forma que lhes conviesse. Isso permite pensar

³⁰⁸ Natal dos filhos dos funcionários. **Revista Integração**, Alphaville-SP, n. 23, p. 4, mar.-abr. 1982.

³⁰⁹ Josefina Mantelli, reside na Vila Mantelli desde a década de 1960. O marido e filhos trabalhavam na Sadia. Depoimento concedido à autora em 20/11/2003.

³¹⁰ Dona Noeli. Depoimento concedido à autora em 05/05/2004.

³¹¹ Id.

também que os ganhos com o salário não deveriam ser suficientes para o sustento do operário e seus familiares, indicando nesse *comércio informal* dos produtos amplas relações de amizade e vizinhança entre os funcionários da empresa e os demais moradores da localidade que, na maioria dos casos, eram grupos sociais que compartilhavam uma origem comum. Em contrapartida, uma parcela dos funcionários da empresa, geralmente os que tinham salários melhores, entendia essas atitudes dos operários como uma afronta à empresa que, com o passar dos anos, justificou o corte desses benefícios em vista da venda dos respectivos produtos: “Mas nunca faltava aquele pra estragar as coisas. Aí a Sadia começou a cortar... diminuir... diminuir... por culpa de uns todo mundo sofreu junto”³¹².

Esse período de *abundância* descrito em alguns depoimentos talvez se legitimasse em contraposição aos baixos salários que eram pagos aos funcionários da Sadia e dos demais trabalhadores de outras indústrias frigoríficas. Um indício disso está na reportagem do *Jornal Diário da Manhã* publicado em setembro de 1986, que permite perceber que os trabalhadores das indústrias de alimentos de Santa Catarina apresentavam um dos salários mais baixos do país, se comparado a empresas do mesmo ramo de outros estados:

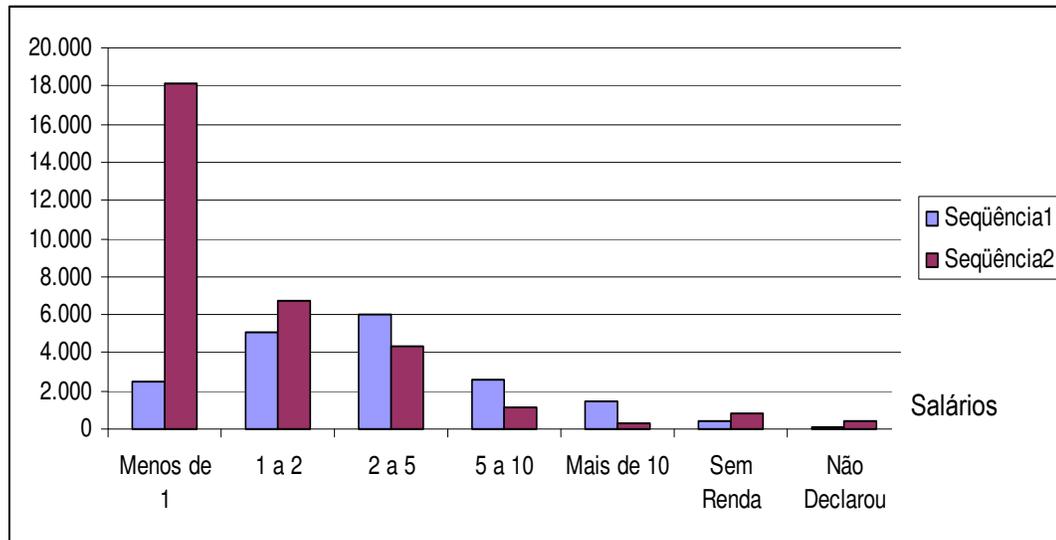
Os trabalhadores brasileiros das indústrias de alimentação são a categoria que recebe salários mais baixos do Brasil. A nível mundial o Brasil destaca-se como um grande produtor, mas coloca-se na mais estreita faixa de valorização humana e salarial. A constatação é do coordenador geral da União Internacional dos Trabalhadores na Alimentação – VITA Siderlei Silva de Oliveira, durante a abertura do primeiro seminário de formação de coordenadores de círculos de estudos que está sendo realizado na sede do Sindicato de Alimentação de Chapecó. O Rio Grande do Sul considera a classe mais importante pelo seguinte motivo: trabalha com a necessidade básica de ser humano, a alimentação. O Rio Grande do Sul é o Estado em que o trabalhador da alimentação recebe o salário mais alto, em seguida em São Paulo, **Santa Catarina que é um dos produtores nacionais de frango está na faixa de 10% acima do salário mínimo pago pelo governo**³¹³.

Além disso, se atentarmos ao gráfico 3 o rendimento médio das famílias em 1980 (seqüência 1) era em média de um a cinco salários. Dez anos depois, em 1991 (seqüência 2), o rendimento médio mensal da maioria das famílias ficava entre menos de um salário e dois salários mínimos.

³¹² Id.

³¹³ Trabalhador na Alimentação tem salário mais baixo do país. *Jornal Diário da Manhã*, Chapecó, 01/10/1986, p. 10. Grifos Meus.

Gráfico (3) Rendimento médio mensal das famílias residentes em Chapecó.



Fonte: IBGE. Censo Demográfico 1980 (v. 1, t. 6, n. 21, p. 60-61) e 1991 (n. 23, p. 147-150).

As ações beneficentes, sociais e recreativas promovidas pela empresa buscavam abarcar as múltiplas dimensões da vida dos trabalhadores. A política da empresa de atender às necessidades dos funcionários como um todo revela, de certa forma, sua preocupação em manter o funcionário sob constante vigilância, encobrendo as tensões e os conflitos que se forjavam entre os funcionários e as chefias. A finalidade era conter manifestações de greve e paralisações na fábrica, o que poderia agredir a imagem da empresa moderna que estava sendo desenvolvida.

Além disso, essas mudanças na forma de gerenciamento da empresa e a expansão das atividades industriais determinaram o aprimoramento do trabalho na indústria frigorífica, intensificado a partir do uso de máquinas mais modernas a substituição da mão-de-obra humana. Conforme relatou-nos Luis Sergio Chiarello, com o passar do tempo

inventaram uma máquina laqueadora, que eles dizem. Depois inventaram uma a luz, aí aquela a luz, daí era mais rápido. Enquanto nós com a máquina antiga laqueava uma caixa, aquela a luz laqueava cinco. E assim que foi começando a crescer. Muitas máquinas tirou muito serviço dos funcionários. Teve máquina ali que tirou a quantia de até 25 funcionários. Um funcionário fazia por aquela quantia³¹⁴.

3.4 – Razões para protestar ou para permanecer calado

3.4.1 – No Bairro

Ao mesmo tempo em que esses novos personagens do cenário urbano em contato

³¹⁴ Luis Sérgio Chiarello. Depoimento concedido à autora, em 15/01/2005.

com o trabalho na indústria frigorífica procuravam se adaptar ao ritmo de trabalho na fábrica, no bairro, restabeleciam seus antigos laços e reorganizavam suas práticas socioculturais.

Depois da fábrica, o bairro passa a ser o principal espaço de articulação das redes sociais e de experiências coletivas e individuais entre os trabalhadores da Sadia. É no bairro, nas relações entre amigos e vizinhos, que na maioria dos casos são também colegas de trabalho, que os migrantes começavam a formular estratégias de sobrevivência e a constituírem as instituições no bairro³¹⁵. Assim, o bairro pode ser compreendido como um espaço de reivindicação das condições mínimas de infra-estrutura local, em que se pode perceber uma luta constante pela cidadania, pois geralmente deixar o rural em busca de melhores condições de vida no urbano significava também “ascensão social e sobrevivência,”³¹⁶ em detrimento das condições de vida desfavoráveis do antigo local de moradia.

Os migrantes de procedência rural que se instalaram no bairro Efapi³¹⁷ procuravam desde o princípio reconstruir os elementos que faziam parte do seu modo de vida rural, como a religiosidade e a tradição associativa. O desejo de continuar praticando a religião e a forma de organização associativa remonta à tradição de que a família era responsável por iniciar os filhos na vida de comunidade, a fim de oferecer uma base religiosa que os tornaria pessoas melhores e indivíduos iniciados na interação comunitária. Isso acontecia, em parte, pois “nas comunidades rurais existia a estreita relação entre estas três instituições: família, igreja, escola, esta representada não somente no cotidiano, mas também nos momentos de comemorações da comunidade”³¹⁸. Conforme o relato de Acedira Locatelli:

No interior sabe que a gente vai pra igreja e tudo. Quando nós chegamos no bairro Colatto, não tinha igreja. A gente tinha que vir aqui mais pro centro, no São Cristóvão ou catedral. Daí nos pensava que não podemos ficar ali parado esperando. Quem vai construir a igreja? Temos que se organizar? Eu tava grávida do primeiro filho, mas tinha mães que tinham filhinhos pequenos. E agora daqui uns anos os nossos filhos precisam de uma igreja, uma catequese, de uma escola. Temos que começar. A gente sentia a falta daquilo³¹⁹.

³¹⁵ FONTES, Paulo. Migração nordestina e experiências operárias. In: BATALHA, Cláudio M. et al. **Culturas de classe**. Campinas: Ed. Unicamp, 2004, p.383.

³¹⁶ LUCENA, Célia T. **Artes de Lembrar e de inventar (re) lembranças de migrantes**. São Paulo: Arte e Ciência, 1999, p. 41.

³¹⁷ Conferir Anexo VI. Posição geográfica do bairro Efapi no Mapa da cidade de Chapecó.

³¹⁸ NODARI, Eunice. **A renegociação da etnicidade no Oeste de Santa Catarina (1917-1954)**. Porto Alegre. Tese de doutoramento, 1999, p. 179.

³¹⁹ Acedira Locatelli. Depoimento concedido à autora em 14/10/2004.

A família é muito importante nesse processo, pois ela constitui o núcleo de convivência e aceitação dessas pessoas, no qual os sujeitos se concebem como pertencentes a uma parte da sociedade. Como destacou Eder Sader, a família é o lugar onde cada membro “encontra sua identidade e deixa a marca visível de seu papel na sociedade” e o “valor simbólico onde o trabalhador projeta seus valores”³²⁰. Para Eunice Durham, na cidade a família “se reorganiza, mas permanece como o grupo basicamente responsável pelo bem-estar e segurança econômica de seus membros e é, por assim dizer, o ponto de referência e o núcleo de elaboração dos padrões de comportamento e das representações coletivas”³²¹.

No processo de colonização do Oeste Catarinense “a migração para as novas terras normalmente foi um empreendimento familiar (...) são comuns as situações em que praticamente famílias inteiras se deslocaram para a mesma localidade, instalando-se um próximo ao outro, constituindo redes de mútua ajuda”³²². Nos povoados rurais a família sempre teve um papel importante nas relações socioculturais e econômicas. Ela “funcionava tanto como uma unidade social quanto econômica, produzindo bens para o consumo e para o mercado e, ao mesmo tempo, socializava as crianças nos seus papéis culturais”³²³.

No bairro o processo de reconstituição das práticas socioculturais como a tradição associativa foi mediada pela Igreja católica, que interagiu por meio do trabalho das pastorais que visavam “constituir um grupo de 15 a 20 famílias, ou mais, que se reúnem em torno da Palavra de Deus para expressar e alimentar sua fé, discutir à luz da Palavra seus problemas e ajudar-se mutuamente”³²⁴.

O sentido de comunidade organizado em torno da Igreja no bairro visava integrar as famílias que residiam no local num anseio coletivo que os motivava para a constituição da igreja, escola e salão comunitário, locais de encontro, lazer e sociabilidade, uma forma de

³²⁰ SADER, op. cit., p. 102-103.

³²¹ DURHAM, Eunice. **A caminho da cidade**. São Paulo: Perspectiva, 1984, p. 221.

³²² POLI, Odilon. Camponeses no Oeste Catarinense. **Cadernos do Ceom**, Chapecó, 2001, p.148.

³²³ NODARI, op. cit., p.170.

³²⁴ Carta do II Encontro Inter Eclesial das CEBs de Santa Catarina. Chapecó, 5 a 7 de setembro de 1981, p. 1. “Nas comunidades emerge uma função de mobilização, contestação e libertação da religião. E a mobilização popular nas comunidades cristãs, em nome do evangelho, faz-se em função de interesses muito concretos, como a obtenção de escola no bairro, de água, de ônibus e custo de vida, reivindicações salariais, etc”. (Id., p. 3.)

manter os laços familiares e de amizade, agora, no espaço urbano. Essa prática se construiu baseada no ritual dos moradores de manter uma vida social e para iniciar os membros mais jovens da família na Igreja. De forma improvisada, os primeiros cultos que eram organizados “não tinha ministro, não tinha nada, então se rezava o terço, se fazia aqueles encontros de família nas casas, no salãozinho alugado, daí quando o bairro começou a crescer, tinha bastante criança que precisava de catequese, daí tinha que achar uma catequista”³²⁵.

A prática da religião e da constituição da capela na qual as famílias se reuniam, especialmente aos domingos, para rezar, encontrar os amigos, vizinhos, trocar idéias, resolver problemas comuns e usufruir alguma forma de lazer e convivência foi uma reapropriação de uma tradição que era vivida pelos migrantes nos povoados rurais. Essa representação no Oeste de Santa Catarina se constituiu a partir da década de 1920, com a chegada dos migrantes que trouxeram do Rio Grande do Sul esse componente que facilitava a “reconstituição do modelo cultural e agregação da identidade étnica do grupo no novo ambiente”³²⁶.

No Bairro o trabalho realizado por representantes da Igreja (padres, seminaristas e freiras) era de primeiramente se escolher entre as famílias alguns membros dispostos a coordenar a organização dos cultos, da catequese e da constituição da igreja para se realizar as celebrações religiosas. Os encaminhamentos eram feitos em cursos de treinamento nos finais de semana e os moradores do bairro que participavam eram incumbidos de repassar as informações para o grupo, geralmente aos domingos, após a celebração do culto ou terço, ou nos encontros dos grupos de reflexão. Além disso, existia a atuação de religiosos(as) que instruíam os moradores diretamente nos bairros:

A irmã que vinha do centro ia ensinando nós como que tinha que fazer pra conseguir as coisas. E daí começamos com aqueles *grupos de reflexão* do Natal, das Vocações, daí ali a gente ia conhecendo as famílias. Gente, vamos lutar! Por onde vamos começar? A gente se reunia nas casas daí se ia debatendo, conversando por onde começamos e vai... Quem começa? Aí fomos se organizando, daí foi conseguido um terreno, foi comprado uma parte, conseguimos doações um pouquinho de um lado e do outro, a

³²⁵ Acedira Locatelli. Depoimento concedido à autora em 14/10/2004.

³²⁶ POLI, op. cit., p. 149. “A forma como se deu a reconstituição da (acentuada) Tradição religiosa trazida pelos imigrantes e a função que exerceu na vida e na cultura dessa população precisa ser compreendida no contexto das necessidades cruciais de adaptação e sobrevivência dos imigrantes, nas precárias condições, no momento inicial pelo novo ambiente”. (Id., p. 149-150.)

comunidade dava um pouco, os que não podiam doar iam ajudar em serviço, nós começamos assim³²⁷.

O trabalho da pastoral também iniciava os membros das comunidades dos bairros nos encontros de *círculos bíblicos*, conhecidos também como *grupos de reflexão*. O conteúdo dos livros para encontros realizados geralmente entre quatro ou cinco famílias que residiam próximas abordavam temas variados, como: formas de se organizar uma comunidade, “de onde veio para onde vais” (migrantes), “caminhos da libertação”, “justiça no mundo do trabalho”, “direitos do cidadão e do poder público”, entre outros. A atuação da pastoral urbana, mediada pelo trabalho da Igreja católica, que na época parece ter dado incentivo para a formação de comissões no bairro, articulava os moradores influenciando-os a pensar nos problemas e desafios que as famílias estavam enfrentando.

Os grupos incentivavam pra tu não perder a fé, pra ter sempre esperança naquilo que você buscava. A gente buscava se engajar nas famílias, que *um sozinho não faz nada*, a gente buscava ter união, que *a união fazia a força*, que um sozinho não ia. Nos grupos nós aprendíamos bastante coisa. A gente via que o bairro começou a crescer, as famílias eram novas, os filhos começaram a crescer e daí tu sentia necessidade disso. Foi assim bastante luta e a gente foi conseguindo as coisas devagarinho. Porque nós queria um colégio, uma escola, foi lutado bastante até que foi conseguido o colégio³²⁸.

A formação da diretoria da comunidade no bairro Colatto partiu da iniciativa dos moradores, mas teve o apoio da pastoral urbana, que atuava legitimada nos discursos das Comunidades Eclesiais de Base – CEBs – modelo adotado pela Diocese de Chapecó, a partir de 1975, que reforçava a participação nos grupos de reflexão e a formação das lideranças que atuavam nas comunidades³²⁹. A pastoral urbana foi importante para a mobilização dos moradores de forma reivindicativa, junto a políticos e autoridades municipais. Os interesses almejados pelos moradores do bairro que em muitos casos motivaram a migração, quando não se concretizam e as privações continuavam fazendo parte do dia-a-dia, podem explicar os sentimentos coletivos dos moradores da localidade de

³²⁷ Acedira Locatelli. Depoimento concedido à autora em 14/10/20.

³²⁸ Id.

³²⁹ A Igreja católica, a partir da década de setenta, assume um perfil de forte alinhamento aos anseios e demandas das camadas populares. Baseada nos princípios do “Concílio Vaticano II e dos encontros episcopais de Medellín e Puebla, a Diocese de Chapecó inaugurou uma nova orientação para a sua atuação, na qual assumiu explicitamente uma opção preferencial pelos pobres. Desde então, a sua inserção junto às classes populares passou a estimular a organização e também difundir uma visão de mundo calcada no igualitarismo comunitário e na ênfase à participação coletiva”. (POLI, Odilon. **Leituras em movimentos sociais**. Chapecó: Grifos, 1999, p.74-75)

tentarem melhorar por iniciativas próprias as condições de vida que permitissem ao grupo fazer do novo espaço o local de “identificação, fortalecimento e reconhecimento”³³⁰.

As primeiras manifestações coletivas organizadas no bairro começaram a surgir quando os moradores, *cansados de esperar* as promessas das autoridades públicas, se mobilizaram para a reivindicação dos equipamentos urbanos de que ainda não dispunham. De certa forma, as condições de vida experimentadas pelos migrantes, as formas de trabalho, a ressocialização com os vizinhos, amigos, parentes e colegas de trabalho são formas de comportamento importantes por onde passam os fios que extraem energia para fundamentar movimentos sociais e reivindicações coletivas³³¹.

As iniciativas de reivindicação e soluções dos problemas no bairro geralmente começavam pelas mulheres, pois nem todas tinham emprego por falta de opção ou por não terem com quem deixar os filhos pequenos³³². Chama a atenção a figura 20 com a foto do clube de mães de 1982 em que a maioria das mulheres que participavam tinha crianças entre um e quatro anos de idade.



Figura (20) Clube de Mães do Bairro Colatto, 1982.
Fonte: Acervo particular de Acedira Locatelli.

³³⁰ LUCENA, op.cit, p. 12

³³¹ Essa idéia é baseada na constatação de Eder Sader quanto às condições de vida que os trabalhadores experimentam na vida da metrópole: “a ressocialização dos migrantes, a luta pela casa, os espaços públicos” demonstram “padrões de comportamento presentes no cotidiano popular de onde os movimentos sociais extraíram suas energias”. (SADER, op. cit., p. 19.)

³³² Juventina Garcia. Depoimento concedido à autora em 15/10/2004.

Conforme o depoimento:

Naquela época os maridos trabalhavam o dia inteiro, como as mulheres estavam mais em casa a gente começou a se engajar e correr atrás das coisas. Eles apoiavam e diziam: “Vão, fazem que vocês vão conseguir”. Eles precisavam trabalhar o dia inteiro, então a gente que tava lá foi se organizando e depois sempre vinha gente de fora, mais aqui do centro pra organizar. Então começou assim, a gente ia aprendendo. Primeiro a gente organizou o Clube de Mães. O objetivo do Clube de Mães era formar uma equipe pra buscar as coisas que precisavam, incentivar as Mães que vieram do interior, que tinha tanta coisa na cidade, mas que não era fácil pra você buscar. Daí depois, quando iniciou a igreja, tinha aquela equipe da diretoria. Daí a gente começou a desenvolver o que a gente precisava, o que mais faltava e daí um foi puxando o outro³³³.

A idéia dos migrantes de residir na cidade e não dispor de meios para iniciar os filhos na escola motivou os moradores do local a fazer um abaixo-assinado requisitando escola para a localidade. “Tudo a gente conseguiu através de lutas, porque o prefeito não chegou lá e colocou as coisas”³³⁴. A perspectiva de chegar na cidade, arranjar um emprego nas agroindústrias e dispor de recursos como escolas, hospitais, água encanada, energia elétrica, entre outros, pelo visto não foi a condição vivenciada pelos ex-colonos, que em muitos casos almejavam essas condições.

As empresas que existiam nos arredores do bairro também contribuía para consolidar espaços como a escola, igreja e salão comunitário. Mas, segundo relatou Eni Cupski: “a Sadia, a Madeireira Lusa e Capeletti ajudavam bastante. Mas não que eles chegavam e davam as coisas, a gente tinha que ir atrás, a gente lutou, pediu se organizou não só uma vez, mas várias vezes”³³⁵.

A Sadia participava ativamente na constituição do bairro patrocinando festas, doando produtos da empresa para a escola e nas ocasiões festivas: “Uma vez lá no Colatto, numa festa, a Sadia deu toda a carne pra festa”³³⁶. Essas ocasiões, que não aconteciam com muita frequência, eram também uma oportunidade de confraternização com familiares e amigos e a possibilidade de “reforçar em seus participantes o sentimento de *pertencer* à comunidade e, ao mesmo tempo, reproduzirem suas relações sociais e de poder”³³⁷.

Os ambientes mais freqüentados de lazer e sociabilidade eram os campos de futebol, os bares, às vezes a cancha de bocha e os encontros entre vizinhos e amigos para tomar

³³³ Acedira Locatelli. Depoimento concedido à autora em 14/10/2004.

³³⁴ Id.

³³⁵ Eni Cupski. Depoimento concedido à autora em 31/05/2004.

³³⁶ Lauri Nicolini. Depoimento concedido à autora em 31/05/2004.

³³⁷ NODARI, op. cit., p. 179.

chimarrão, acomodados em alguma residência ou à sombra das árvores que circundavam o bairro. “A gente se encontrava, a vizinhança sentava em baixo das árvores, tomava um chimarrão, deixava as crianças brincar na rua de bola. Era bastante casais novos, daí tinha bastante piazada e a gente se visitava”³³⁸.

As formas de lazer e sociabilidade dos moradores que residiam nas proximidades da empresa, muitas vezes, aconteciam em meio à convivência com chefes de setores e outros funcionários ligados à empresa. Os jogos de futebol organizados por funcionários que ocupavam cargos de chefia ocorriam durante a semana, fora do expediente de trabalho e nos finais de semana, ocasião em que os times jogavam partidas amistosas com times de outros locais. Essa iniciativa fazia parte da política da empresa que nos anos oitenta esteve voltada para manter o funcionário atribuindo-lhes vantagens e uma política (*da Família Sadia*) que os envolvia fora da fábrica. Por isso, conviver com colegas de distintos setores que exerciam diferentes cargos dentro da empresa requeria certa cautela e prudência, mesmo nas formas de agir e pensar que se davam fora do ambiente de trabalho.

Teve um dia, nós estávamos lá no bar e um cara disse: “Se aqueles lá não tivessem feito greve, nós não teríamos ganhado aumento de salário”. No outro dia ele foi pra trabalhar, mas não chegou lá dentro! Tava lá na portaria que ele não entrava mais na empresa. “Ele tinha que ter ficado quieto”³³⁹.

O bairro não estava se constituindo apenas por sua *materialidade* (ruas, bares, comércio), mas também pelas experiências vividas nele e pelas formas de pensar e atuar de seus habitantes. E no centro dessa montagem de planos, circunstâncias e gestos estava a Sadia, o elo de articulação das pessoas entre o bairro e o local de trabalho. Nas calçadas, ruas, esquinas, bares e campos de futebol os moradores em fase de ressocialização das práticas socioculturais, ao mesmo tempo que recriavam formas de ajuda mútua, relações de vizinhança, lazer e sociabilidade entre si, estabeleciam também situações de conflito. Tanto a fábrica quanto o bairro podem ser espaços fluidos pelas relações entre as pessoas que na maioria dos casos apresentavam uma origem comum e compartilhavam de sentimentos e aspirações que os direcionaram ao trabalho na indústria frigorífica.

3.4.2 – Na fábrica

A experiência fabril e o cenário político-econômico e social vivenciado pelos

³³⁸ Acedira Locatelli. Depoimento concedido à autora em 14/10/2004.

³³⁹ Osvaldo Mantelli. Depoimento concedido à autora em 20/11/2003.

trabalhadores entre o final da década de 1970 e o início dos anos oitenta – tais como: a mudança no modelo de gerenciamento da empresa exigindo maior racionalização do trabalho, os anos de *inflação galopante* que desvalorizaram os salários e aumentaram o custo de vida, os ideais de abertura política que estimulavam o direito de voto para eleger candidatos a governador e a presidente, a ausência de direitos e equipamentos públicos nos bairros (postos de saúde, creches, escolas, água encanada, transporte...) e a atuação da Igreja católica junto às massas populares – tornaram o ambiente propício para a articulação de algumas tentativas de mobilização por parte dos trabalhadores das indústrias de alimentos de Chapecó.

Em fins de 1979, ocorreu uma mobilização por melhores salários gestada no interior do frigorífico Sadia, mas que fracassou no começo da década de 1980, com a demissão de vários funcionários, entre eles os principais envolvidos. Na época quem negociava com as empresas o salário da categoria era o Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Alimentação de Chapecó – SITRIAL – e, na maioria dos casos, os trabalhadores não participavam desse acordo.

O SITRIAL foi fundado em 1979, congregando mais de quarenta indústrias de alimentos de Chapecó, destacando-se entre elas as empresas do ramo frigorífico que representavam a maior parte dos seus associados. A constituição desse sindicato contou com a colaboração do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil e do Mobiliário de Chapecó e com a “eficiente colaboração e apoio do deputado João Linhares junto à área federal e o Ministro do Trabalho”³⁴⁰. No processo de formação do sindicato fica claro que ele nasceu atrelado a lideranças que apoiavam o Regime Militar: Bernardino da Luz, que foi o primeiro presidente, já havia sido “interventor nomeado pelos militares para presidir o Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil e do Mobiliário”³⁴¹, fundado em 1971 e era simpatizante da Arena; João Linhares, um dos incentivadores da formação do sindicato, era deputado federal pela Arena; e o Ministério do Trabalho era um órgão do Estado. A formação do SITRIAL ocorreu no período em que a onda de greve deflagrada a partir do ABC paulista “sacudiu o país, estendendo ao limite as amarras da estrutura sindical oficial

³⁴⁰ Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Alimentos: uma importante entidade sindical de Chapecó. **Jornal Diário da Manhã**, Chapecó, 16-17/02/1980, p. 5.

³⁴¹ ORTIZ Carlos José & DMITRUK ORTIZ, Hilda Beatriz **Interpretações de uma experiência sindical em Chapecó**: o caso dos trabalhadores da Indústria da Alimentação. Chapecó: Depto. de Ciências Humanas, 1993, p. 10.

e alargando os horizontes políticos do processo de abertura (...)”³⁴². O *novo sindicalismo*, expressão utilizada pelos analistas do movimento operário brasileiro para cunhar os acontecimentos de fins dos anos 70 no ABC paulista, evidenciava “uma fase nova de afirmação das organizações coletivas dos trabalhadores no cenário político e social, nova etapa nas relações de trabalho e na dinâmica política brasileira”³⁴³.

No entanto em Chapecó, o SITRIAL assumiu um caráter de *sindicato pelego*, vinculado às empresas e a órgãos do Estado, um modelo de sindicalismo que se manifestou em centros urbanos maiores como São Paulo e Rio de Janeiro e em outras cidades do país nos primeiros anos do regime militar. Segundo o depoimento de Luis Sérgio Chiarello, funcionário da Sadia de 1978 a 1981, o sindicato que representava a categoria estava atrelado, às empresas e nos momentos de negociação coletivas ou de assessoria aos trabalhadores, a entidade geralmente se omitia: “O sindicato era tudo deles. Não dava pra ir lá reclamar do salário. Ou se tinha caso de acidente de trabalho, se nós ia reclamar no sindicato, antes da gente chegar na empresa, ela já sabia que nós tinha ido reclamar no sindicato”³⁴⁴.

A primeira tentativa de greve gestada no interior do frigorífico Sadia segundo Herondino P. Andrade, um dos líderes da mobilização, ocorreu em virtude de os funcionários estarem com uma perda salarial muito grande na época, e isso debilitou muito as condições de vida dos operários, que já eram difíceis:

Bom, tinha jovens casados na época que chegavam e dizia:

- Eu tive que vender a minha geladeira.
- Mas por quê?
- Eu não consigo pagar o aluguel.

Outro dizia:

- Eu vendi minha pia.
- Tu vai lavar a louça aonde?
- Eu fiz uma pia fora pra janela.

E daquele jeito. Na época o salário tava baixo. Bom, nós estava com 85% de perdas salariais. Então aquilo era um horror, era todo mundo se queixando.

E eu, como eu era catequista – comecei a dar catequese em Pinhalzinho, daí a gente estudava bastante e percebia as coisas – e ouvia a reclamação dos funcionários, então eu disse:

- Nós vamos ter que se reunir pra poder discutir isso aí”³⁴⁵.

³⁴² MATTOS, Marcelo B. **Novos e velhos sindicalismos**. Rio de Janeiro (1955/1988). Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 1998, p. 89.

³⁴³ MATTOS, Marcelo B. **Trabalhadores e sindicatos no Brasil**. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2002, p. 67.

³⁴⁴ Luis Sérgio Chiarello. Depoimento concedido à autora, em 15/01/2005.

³⁴⁵ Herondino P. Andrade. Depoimento concedido à autora em 13/06/2004.

Na Sadia, para Airton – um dos envolvidos na mobilização dos operários – o problema “não era tanto pedir um salário maior, mas alguns recursos que deixassem de cobrar. Que parassem de cobrar os ovos, que passassem a ter direito a produtos da Sadia a preços mais acessíveis do que estava sendo cobrado, que o refeitório passasse a ter uma alimentação mais certa”³⁴⁶. Segundo ele, as dificuldades existiam, mas era difícil organizar os operários, pois a maioria temia ser mandado embora. Assim, após algumas discussões com os grupos de operários nos bairros, Airton, por meio da ação de espalhar bilhetinhos pela empresa com inscrições: “Hoje encontro em tal local”, “Hoje vamos se juntar em tal lado”³⁴⁷, iniciou um boato de que os operários estavam se mobilizando e iam deflagrar uma greve na Sadia. Ele tinha acesso livre a todos os departamentos da empresa e isso facilitou a composição do rumor de que a greve ia acontecer e que os operários estavam se mobilizando. O rumor de greve, somado à insatisfação dos operários da Sadia, fez que os funcionários pressionassem o sindicato a convocar a assembléia, pois eles, representados por alguns membros, iriam negociar o salário da categoria com os patrões.

A articulação do movimento para paralisar a empresa e pressionar o sindicato a fortalecer o movimento, de forma que o aumento de salário compensasse as perdas salariais da categoria, formou-se influenciada pelas discussões entre os operários e lideranças ligadas à Pastoral Operária, de maneira que, para se conseguir um reajuste salarial satisfatório, era preciso pressionar os dirigentes das empresas. As discussões encaminhadas pela Pastoral Operária – ligada às Comunidades Eclesiais de Base – CEBs – segundo José Ortiz, na época marceneiro e um dos líderes da Pastoral Operária:

Era reunir pequenos grupos de operários nos distintos bairros para refletir a realidade, a falta de perspectivas econômicas, a exploração no trabalho, a instabilidade no emprego, os baixos salários, a situação social (cada vez mais decadente), para discutir os direitos trabalhistas, o sindicato e a sua função ao serviço do trabalhador, as diferenças entre um sindicato burocrático e um sindicato combativo, a relação sindicato versus política, etc. Resumindo, a razão de ser da Pastoral Operária era discutir com os operários uma nova alternativa sindical para superar o quadro lamentável, onde os sindicatos, em sua maioria, eram órgãos a serviço do partido que dava sustentação política ao governador de turno, nomeado desde Brasília³⁴⁸.

³⁴⁶ Airton P. Depoimento concedido à autora em 04/11/2004.

³⁴⁷ Id.

³⁴⁸ ORTIZ, & DMITRUK ORTIZ op. cit, p. 7.

Depois de quatro assembléias, os funcionários das indústrias de alimentos conseguiram um aumento salarial e negociaram também a estabilidade de emprego por seis meses:

Eu saía com um carro com alto-falante e saía com tudo. Saía do serviço no sábado e andava todos os bairros dizendo “Tem assembléia em tal dia”, e o pessoal vinha e vinha mesmo. Então, depois de quatro assembléias a Sadia ofereceu 120% de aumento e nós aceitamos. Fechamos a negociação também com a proposta de que nos seis meses ficava decretada a estabilidade de emprego.

Faça a idéia, nós tava com 3000 de salário e foi pra 6400 e pouco, mas dobrou a folha, assim, super bom. E ninguém quis mais se reunir e eu dizia: “Pessoal, cuidado, que terminou a estabilidade e nós vamos pra rua”. Uns diziam: “Não vamos”. “Vamos se reunir...” E não teve jeito. Chegou os seis meses, fomos pra rua, eu fui o terceiro da fila³⁴⁹.

Nesse meio tempo a Sadia descobriu que, além de Herondino, que foi um dos líderes do movimento, Airton, que trabalhava no setor de RH, tinha participado de um encontro em Joinville, organizado pelo sindicato dos metalúrgicos daquela cidade e pela Pastoral Operária do estado, sobre a organização sindical dos metalúrgicos do ABC paulista. O convidado para mediar os assuntos referentes a sindicatos e negociações salariais nesse encontro foi Luiz Inácio da Silva, o Lula, que tempo antes havia organizado a greve dos metalúrgicos no ABC paulista. Como relata Airton:

Foi uma troca de experiências da greve do ABC tentando – o Lula como sindicalista que na época ele era – trazer orientações de como se mobilizar a classe. Então houve mais uma troca de experiências nesse sentido. E nós fomos pra lá também como líderes de movimentos de pastorais. Daqui fomos eu, o padre Ivo, o Herondino, a Ideli e o Fritsch³⁵⁰.

Encontros como esse eram organizados por líderes sindicais dos metalúrgicos de São Paulo como Jorge Nuaram – Secretário do Departamento Nacional dos Metalúrgicos, Miguel Hurtas, do Departamento de Educação Sindical, e Walter Barreli, do Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Sócio-Econômicos – DIEESE, num trabalho realizado desde 1979 em vários estados do Brasil, tendo por finalidade “formar monitores nas federações dos metalúrgicos com objetivos de preparação das bases com vistas ao maior fortalecimento da categoria”.³⁵¹

Tendo conhecimento disso, a empresa demitiu Airton e, após os seis meses de estabilidade de emprego, Herondino e outros funcionários que estavam envolvidos na

³⁴⁹ Herondino P. Andrade. Depoimento concedido à autora em 13//06/2004.

³⁵⁰ Airton P. Depoimento concedido à autora em 04/11/2004.

³⁵¹ Metalúrgicos treinados para novas convenções. **Jornal A Notícia**, Joinville, 09/05/1981, p. 5.

mobilização salarial foram igualmente demitidos³⁵². O episódio teve repercussão, e os operários mais antigos que ainda recordam as demissões revelam que o sentimento de reivindicação existia, mas, muitas vezes, as aspirações individuais enfraqueciam os movimentos. “Greve, eu nunca fiz, porque eu sabia que, se fizesse greve, era perigoso. Se for pra fazer tinha que ser tudo junto, porque se só alguns fizessem, eram mandados embora. Os cabeças eles mandavam embora”³⁵³.

Sobre o episódio os chefes recordam que:

A gente via que os funcionários da Sadia eram **influenciados pelas outras pessoas**, claro que tinha algum cabeça, ou líder ali de dentro da Sadia. O que a empresa fez? De acordo como foi aparecendo os cabeças, os líderes foram sendo demitidos, mas deixou bem claro que foi depois de ter analisado todos os detalhes que comprovaram o envolvimento dos participantes. Ele entrou pra trabalhar no setor de recursos humanos da empresa, era um funcionário de toda confiança da empresa, e quando a empresa se “acordou” ele estava com um movimento liderado por ele muito grande. Mas em função dele tem gente sofrendo até hoje. Ele não teve sucesso, ele não conseguiu parar a empresa, a equipe liderada por ele não conseguiu parar a empresa...

A empresa foi tão habilidosa que ele não teve sucesso e daí, o que aconteceu? Ele foi o primeiro a ser demitido, começou de cima pra baixo. Foi assim que vários pais de família que tinham cinco ou seis filhos pra dar de comer, junto com ele, ficaram desempregados. Que tem um pai de família que até hoje está desempregado ainda. Não sei se é por esse motivo. Mas ele fica um pouco numa empresa, quando descobrem que ele era um cara meio líder, mandam embora³⁵⁴.

E ainda:

Houve numa certa ocasião... O pessoal fez o seguinte... Existia um alarme que a Sadia ia parar. Porque tinha um seminarista que trabalhava no seminário e ele veio trabalhar na Sadia, mas ele já veio com o intuito de fazer isso. Mas ele foi colocado. Inclusive ele não tinha culpa nenhuma, quem o colocou lá dentro foi o bispo que trabalhava com ele na Diocese.

Ele era um guri muito legal... Lá dentro da Sadia todo mundo gostava dele. Lá dentro ele tentou levar os funcionários pra esse lado de greve. Só que antes de acontecer a greve que se pretendia fazer (mas tudo pelo **movimento de fora**). E daí o próprio pessoal lá dentro, já tiraram ele que era o cabeça, aí não deu nada, mas houve esse episódio. Inclusive ninguém acreditava que ele estivesse fazendo aquilo e aprontando aquilo. Porque ele fazia reuniões nas comunidades, ele era seminarista.

Até hoje ele é um profissional aqui na cidade, trabalha aqui, na época ele foi meio castigado, é de uma família tradicional aqui de Chapecó. Foi assim, que aqui em Chapecó **ninguém mais dava emprego pra ele. Ele era conduzido pra isso**, alguém colocou pra que ele fizesse a coisa, dava todas as informações. Foi um movimento assim que ele tentou fazer, mas não deu certo³⁵⁵.

³⁵² Herondino P. Andrade. Depoimento concedido à autora em 13/06/2004.

³⁵³ Osvaldo Mantelli. Depoimento concedido à autora em 20/11/2003.

³⁵⁴ Vieira dos Santos. Depoimento concedido à autora em 19/12/2003. Grifos Meus.

³⁵⁵ Alexandre P. Entrevista concedida à autora em 09/10/2003. Grifos Meus.

Nos depoimentos dos chefes que recordam o episódio, a idéia em evidência é a de que a mobilização dos operários ocorreu por influência dos *de fora*. Acreditamos que certamente *o calor da hora* de pessoas ligadas a pastorais e movimentos de partidos políticos de oposição ao regime militar incitou parte dos trabalhadores a se mobilizarem reivindicando, seus direitos. No entanto, não se pode deixar de levar em consideração que, além de um local de trabalho, a fábrica era também, como vimos, um espaço de embates entre operários e patrões e um ambiente onde se articulavam regras de camaradagem, relações de conflito, solidariedades e laços de amizade que podem ter facilitado a mobilização dos operários.

3.4.3 – A formação da chapa de oposição sindical

Em fevereiro de 1982 parte dos operários organizaram uma chapa de oposição sindical para concorrer à presidência do SITRIAL. Esse ato representou o anseio dos trabalhadores de se manifestarem contra o sindicato atrelado ao Estado e às empresas que o regime político da época tratou de estabelecer³⁵⁶.

A chapa de oposição, conhecida também como chapa 2, que defendia um *sindicato combativo* e comprometido com os trabalhadores da categoria, congregava operários das principais indústrias de alimentos de Chapecó. A idéia de sindicato combativo começou a se manifestar no país a partir de 1978, nas mobilizações de greve e formação das oposições sindicais entre os metalúrgicos do ABC paulista. A maior expressão desse movimento aconteceu na oposição sindical metalúrgica de São Paulo, de modo que, “agrupando militantes egressos ou não da experiência de luta armada e/ou militantes da Igreja progressista, este setor defendia o combate à estrutura sindical corporativa a partir de um intenso trabalho de base via comissões de fábrica”³⁵⁷.

A chapa 1 era presidida por Domênico Scussiato, que não era funcionário de nenhuma indústria de alimentos de Chapecó, mas genro de Bernardino da Luz, primeiro

³⁵⁶ Segundo Marcelo Badaró de Mattos, “nos primeiros anos da ditadura militar, a legislação autoritária criou diversos mecanismos para diminuir o poder de luta dos trabalhadores, desmobilizando a ação sindical e ampliando a exploração da classe. Entre as chamadas ‘leis do arrocho’ estariam: a proibição do direito de greve; o controle sobre os índices de reajuste salarial; o fim da estabilidade aos dez anos de serviço e o desmonte do sistema previdenciário baseado nos Institutos de Aposentadoria e Pensão (IAPs), substituídos pelo INPS”. (MATTOS, op. cit., p. 69.)

³⁵⁷ SANTANA, op. cit., p. 309.

presidente da entidade. Sua candidatura ao cargo de presidente do SITRIAL visava dar continuidade ao modelo de sindicalismo que vinha sendo proposto.

Os membros da chapa de oposição sindical eram pessoas que já tinham algum envolvimento com os grupos de reflexão impulsionadas pela Igreja católica, com a organização de sindicatos rurais e com mobilizações de tentativas de paralisação nas fábricas. Como Herondino P. de Andrade, um dos defensores do sindicato *mais combativo* e um dos componente da chapa de oposição sindical que depois da demissão da Sadia começou a trabalhar no Laticínios *Do Lar*.

Herondino quando ainda residia no meio rural do município de Quilombo-SC havia participado da organização do sindicato dos trabalhadores rurais e era representante dos agricultores junto a uma cooperativa local. Enquanto trabalhou na Sadia de 1979 a 1980 no setor de encaixotamento, foi um dos líderes de uma mobilização para reivindicar maior participação dos trabalhadores na negociação salarial em fins de 1979.

No transcorrer da campanha da chapa de oposição sindical, a mobilização da categoria se dava em reuniões realizadas nas igrejas ou salões das associações comunitárias dos bairros, geralmente depois da celebração do culto de domingo. A divulgação dos encontros era feita por um alto-falante adaptado num veículo (fusca), segundo Herondino P. de Andrade emprestado pelo D. José, que na época não hesitava em apoiar as mobilizações de trabalhadores, tanto rurais quanto urbanos. Lideranças ligadas ao PMDB, partido de oposição na época, também em certa medida manifestaram apoio à chapa 2. “O PMDB inicialmente deu-nos um apoio formal, mas à medida que o confronto se agudizava e a reação das empresas se fazia sentir cada vez mais, o partido (em cuja sigla se abrigavam políticos de esquerda e de centro) desincumbiu-se de nosso movimento”³⁵⁸

Os bairros de maior popularidade da chapa de oposição, segundo Aurora Zucco, funcionária do Frigorífico Aurora que participava da chapa 2, eram “Colatto, Cristo Rei, Jardim América. Nós marcava assim, depois do culto, depois da missa, com a comunidade e quem mais ficava era quem era funcionário pra ouvir a proposta da gente, pra ver o que se podia fazer pra melhorar, pra explicar o que a gente sabia”³⁵⁹. O que mais era discutido “era

³⁵⁸ ORTIZ & DMITRUK ORTIZ, op. cit., p. 17.

³⁵⁹ Aurora Zucco, funcionária do Frigorífico Aurora de 1978 a 1982. Depoimento concedido à autora em 01/06/2004.

o excesso de trabalho. Você fazia 12, 13 horas dentro da empresa e o resto em casa e se tu ia falar pra trocar umas horas, eles não aceitavam”³⁶⁰.

Apesar do empenho dos seus membros, o resultado da eleição não foi satisfatório para a chapa de oposição. Mas, segundo os relatos, um clima de tensão envolveu acusações de desmandos e abuso de poder por parte das empresas. Entre eles: “(...) chegamos no sindicato pra contar os votos, não deixaram os fiscais fiscalizar. E daí o De Góis, como era o presidente, fez um acordo dele poder entrar e acompanhar a contagem. Eles deixaram, mas era ele com mais cinco, e teve que ficar bem longe das urnas. Daí perdemos a eleição”³⁶¹. O resultado foi 982 votos para a chapa de oposição e 1114 votos para a chapa de situação³⁶², uma diferença pequena que revela uma eleição disputada.

Depois da eleição a maioria dos integrantes da chapa de oposição foi demitida de seus empregos e, em certo sentido, “marcada” pelas empresas. A título de exemplo: Herondino P. de Andrade não conseguiu mais emprego nas empresas de Chapecó e atualmente trabalha numa chácara num povoado rural próximo à cidade. “Os membros da Pastoral Operária foram afastados sem maiores explicações: o padre Egidio, foi transferido para Guaraciaba-SC e a pastoral foi esvaziada”³⁶³.

Mesmo com todos esses cortes que o movimento operário sofreu, acreditamos que entre os trabalhadores a luta por melhores salários e a esperança de ter um sindicato mais comprometido com a categoria em momento algum foi esquecida. Em 1988 enfim foi eleita uma chapa de oposição sindical para o Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Alimentos e, se analisarmos o aumento do número de processos encaminhados à Justiça do Trabalho na década de 1980, podemos perceber outro meio de reivindicação:

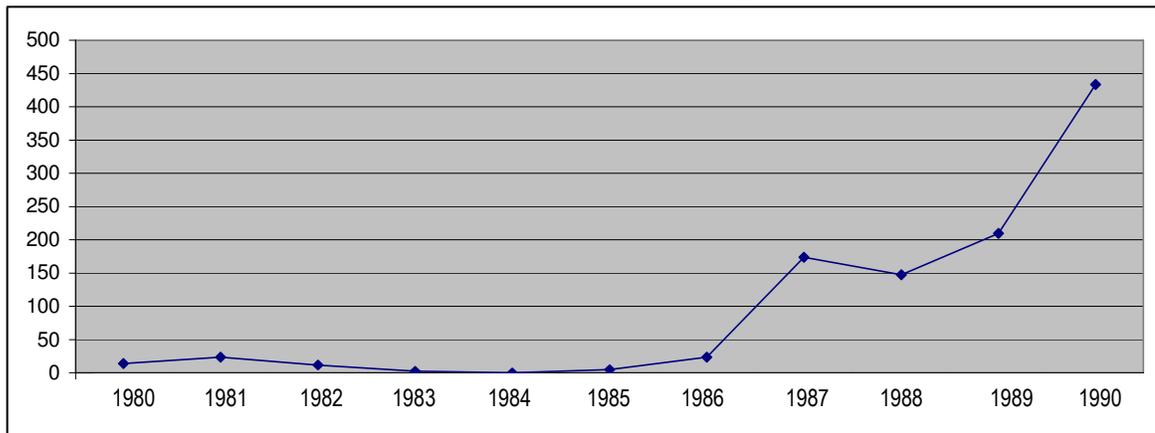
³⁶⁰ Id.

³⁶¹ Herondino P. Andrade. Depoimento concedido à autora em 13//06/2004.

³⁶² ORTIZ & DMITRUK ORTIZ, op. cit, p. 15.

³⁶³ Id., p. 16-17.

Gráfico (4) Número de processos encaminhados à Justiça do Trabalho pelos funcionários da Sadia de Chapecó.



Fonte: Registro de entrada dos processos. Justiça do Trabalho. Chapecó.

Podemos avaliar que as manifestações de trabalhadores rurais e urbanos no início da década de 1980 revelam que eles, como resultado de experiências herdadas, em alguns momentos articulam situações que demonstram laços de identidade que os unem a partir do concreto. O sentimento de pertencimento a uma classe pode se manifestar de várias formas, configurando uma identidade comum que colocava os operários das indústrias frigoríficas contra os patrões e direcionava a luta de um grupo operário contra as ideologias patronais.

O sentimento de classe que se manifestava em alguns momentos nasceu e se constituiu a partir das experiências históricas vividas por essa coletividade de pessoas. Como sugere Thompson, “as classes nascem no viver de homens e mulheres, suas relações de produção e no experimentar suas situações determinantes, dentro do *conjunto de relações sociais* com uma cultura e umas expectativas herdadas, e ao modelar estas experiências em formas culturais”³⁶⁴. Ainda usando argumentos de Thompson para explicar as manifestações dos trabalhadores das indústrias frigoríficas de Chapecó, acreditamos que, assim como para o caso inglês, elementos como *ruptura*, *privação* e *interesse* se relacionam com a construção de sentimentos de pertencimento a um grupo que, quando mobilizado, reivindicava.

A experiência das formas de exploração do trabalho, a ameaça de cair em uma nova condição de dificuldade, a frustração das expectativas de na cidade ter uma vida melhor, as condições de vida e trabalho experimentados no dia-a-dia estimularam os operários a fazer

³⁶⁴ THOMPSON, Edward P. Lucha de clases sin clases? In: _____. **Tradición, revuelta y consciencia de clase**. Barcelona: Anagrama, 1979, p. 38-39.

do bairro o “dispositivo social e cultural segundo o qual o espaço urbano se torna não somente o objeto de um reconhecimento, mas o lugar de um reconhecimento”³⁶⁵, e da fábrica um espaço de discussões políticas e de reivindicação de interesses ora coletivos, ora individuais.

³⁶⁵ CERTEAU, op. cit., p. 45.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos, ao longo desta dissertação, analisar os fatores que promoveram o desenvolvimento agroindustrial em Chapecó, especificamente do frigorífico Sadia, destacando nesse processo como os parceiros se posicionaram diante das novas formas de trabalho propostas pelas agroindústrias e pelas políticas públicas que visavam ao aumento da produtividade agrícola. A partir disso, discutimos como muitas dessas famílias manifestaram interesse em tentar superar sua condição de vida por meio das oportunidades de emprego disponibilizadas pelo frigorífico Sadia.

Para isso, destacamos os principais momentos do desenvolvimento das agroindústrias e como essas empresas tiveram um impulso dos planos de desenvolvimento econômico do Estado, através dos financiamentos e empréstimos concedidos a esse capital. Além disso, a proposta de trabalho dinamizada pelo programa da Extensão Rural, dirigida aos agricultores pelos técnicos da Acaresc, vinculou no mesmo momento as iniciativas de uso das novas técnicas e tecnologias agrícolas, objetivando o aumento da produção de alimentos e a forma de produção integrada que foi favorecida e se expandiu graças ao crescimento da produção de alimentos. Por ser a produção integrada uma iniciativa pioneira do grupo Sadia, a instalação da empresa em Chapecó, como vimos, elaborou um “discurso” segundo o qual Chapecó estava começando uma nova etapa, uma *fase moderna*, amparada na idéia de progresso, como sinônimo de desenvolvimento econômico industrial.

A partir disso, entram em cena os operários da indústria frigorífica, especificamente os da Sadia, que na maioria dos casos eram ex-colonos que, por estarem vivenciando algumas dificuldades no campo, buscavam nas oportunidades de emprego da indústria frigorífica concretizar o anseio de uma vida melhor.

Esses trabalhadores, sem experiência anterior de trabalho fabril, foram incorporados ao trabalho na indústria frigorífica, que inclusive privilegiava tal modalidade de trabalhadores. Analisando a forma de contratação dos funcionários, a política interna da empresa, as contradições e a legitimação de um determinado modelo de dominação e gestão da mão-de-obra pela Sadia a partir do final da década de 1970, desenvolvido plenamente na década seguinte, percebemos que esse modelo encobria elementos de uma política

corporativa de gestão da empresa, combinando técnicas de trabalho mais racionais e uma política de benefícios que envolviam os trabalhadores.

Adentrando um pouco no dia-a-dia da fábrica, procuramos compreender como os operários interiorizaram as formas de dominação ao vivenciarem a experiência de trabalho na fábrica. Com as evidências de que dispusemos foi possível perceber as difíceis condições de trabalho, os baixos salários e a importância das chefias e da política de benefícios que constituíram traços de uma outra face do discurso empresarial, no qual se percebia o *trabalhador*. Com o passar do tempo, a experiência vivenciada na fábrica e as construções coletivas de espaços de sociabilidade e relações de amizade demonstram que os operários *re-elaboravam* cotidianamente as relações de dominação mediadas pela empresa, constituindo assim, nesse emaranhado de planos e relações, solidariedades, regras de camaradagem e conflitos que deram visibilidade e forma aos traços da cultura fabril que aos poucos foi se constituindo entre esses operários.

Acreditamos também que dentro da fábrica se registram os sucessos ou insucessos conquistados fora do ambiente de trabalho. Nesse sentido, fizemos breves relatos sobre as condições de infra-estrutura no bairro e percebemos que os novos moradores, funcionários da Sadia, tiveram que criar os espaços de lazer, sociabilidade e reivindicar ou improvisar os equipamentos urbanos de que necessitavam (escolas, transporte, água encanada, energia elétrica etc). Nesse contexto, percebe-se que as condições de infra-estrutura dos núcleos urbanos que se formaram próximo à Sadia revelam a face ambígua do desenvolvimento econômico industrial de Chapecó: se, por um lado, davam-se condições para a instalação de indústrias, por outro os loteamentos que surgiram no mesmo período não ofereciam as condições mínimas para a instalação das primeiras moradias.

Especial destaque, neste contexto, mereceu a ação das pastorais que mediarão as iniciativas de reivindicação por melhorias no bairro e incitaram a reflexão das leis do trabalho, sindicalismo, direitos e deveres dos cidadãos e dos órgãos públicos, no período em que temas como o fim do regime militar e novas propostas para o sindicalismo estavam se emaranhando e dando voz a mobilizações populares. Particularmente destacamos ainda a organização dos trabalhadores no local de trabalho, a tentativa de eleger uma chapa para concorrer ao sindicato da categoria, formada exclusivamente por trabalhadores, que inaugura um momento de organização e busca de direitos dos operários que seria esvaziado por um tempo, e que retorna a partir de meados da década de 1980 com mais força. Mas

essa é uma outra história. E, como já dizia Marc Bloch, o importante é considerarmos que, “numa sociedade qualquer que seja, tudo se liga e se controla mutuamente: a estrutura política e social, a economia, as crenças, tanto as manifestações mais elementares como as mais sutis da mentalidade”³⁶⁶.

³⁶⁶ BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 31.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ALBA, Rosa Salete. **Espaço Urbano. Os agentes de produção em Chapecó.** Chapecó: Argos, 2002.

Álbum do Cinquentenário de Chapecó. Chapecó, 1967.

ALVES, Maria Helena M. **Estado e Oposição no Brasil (1964-1984).** Petrópolis: Vozes, 1985.

ALVIN, Rosilene. **A sedução da cidade: os operários camponeses e a fábrica dos Lundgren.** São Paulo: Graphia, 1997.

AMARAL, Rita de Cássia. Cidade em festa. In: MAGNANI, José Guilherme C.; TORRES, Liliam de L. (Orgs.). **Na metrópole: textos de Antropologia Urbana.** São Paulo: Edusp, 2000.

_____. **Festa à brasileira. Sentidos de festejar no país que não é sério.** 2001. Disponível em: <http://www.aguaforte.com/antropologia/festaabrasileira/festa.html>

ARAÚJO, Célia R. A. **Perfil dos funcionários do frigorífico Anglo de Barretos – 1927-1935.** 2003. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

ARMUS, Diego (org). **Mundo urbano y cultura popular. Estúdios de Historia Social Argentina.** Buenos Aires: Sudamericana, 1990.

AURAS, Marli. **Guerra do Contestado: a organização da irmandade cabocla.** Florianópolis: Ed. UFSC, 1995.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento.** O contexto de François Rebelais. Trad. Yara Frateschi. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

BELLANI, Eli M. **Madeiras, balsas e balseiros no Rio Uruguai: o processo de colonização do velho município de Chapecó.** Florianópolis: Ed. Grifos, 1991.

BERACOCHEA, Rodolfo P. Experiência e identidad de la nueva clase obrera uruguaya: la huelga frigorífica (montevideana) enero de 1943. **Revista de História da Unisinos.** São Leopoldo, vol. 6, n. 6, jun.-dez. 2002.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CAMPOS, Índio. **Os colonos do Uruguai**. Relações entre pequena produção e agroindústria no Oeste Catarinense. 1987. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal da Paraíba, Campina Grande – PB, 1987.

CARREIRÃO, Yan de Souza. **Eleições e sistemas partidários em SC: 1945-1979**. Florianópolis: Ed. UFSC, 1990.

CASTORIADIS, Cornelius. **A experiência do Movimento Operário**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

CERTEAU, Michel. **A invenção do Cotidiano**. 2 Morar, Cozinhar. 5. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

CUNHA, Maria C. P. Apresentação. In: _____ (Org.). **Carnavais e outras f(r)estas**. Ensaios de História Social da Cultura. Campinas: Ed. Unicamp, 2002.

DUARTE, Adriano L. **Cultura popular e cultura política no após guerra: redemocratização, populismo e desenvolvimentismo no bairro da Mooca, 1942-1973**. Campinas: Unicamp (Tese de Doutorado), 2002.

_____. Os sentidos da comunidade: notas sobre o estudo de bairros operários e identidade cultural. **Trajetos**, UFC, n. 2, 2002.

DURHAM, Eunice. **A caminho da cidade**. São Paulo: Perspectiva, 1984.

ELIAS, Norbert; SCOTSON John L. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

ESPÍNDOLA, Carlos J. **As Agroindústrias do Brasil: o caso Sadia**. Chapecó: Grifos: 1999.

FONTANA, Attilio. **História da minha vida**. Rio de Janeiro: Vozes, 1980.

FONTES, Paulo R. R. **Trabalhadores e Cidadãos. Nitro Química: a fábrica e as lutas operárias nos anos 50**. São Paulo: Annablume, 1997.

_____. **Comunidade operária, migração nordestina e lutas sociais: São Miguel Paulista (1945-1966)**. 2002. Tese de Doutorado – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

_____. Migração nordestina e experiências operárias. In: BATALHA, Cláudio M. et al. **Culturas de classe**. Campinas: Ed. Unicamp, 2004.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Verdade e memória do passado. **Projeto História**. São Paulo, n. 17, nov. 1998.

HASS, Mônica. **Os partidos políticos e a elite Chapecoense**: um estudo de poder local – 1945 a 1965. Chapecó: Grifos, 1997.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (Orgs.). **A invenção das tradições**. Trad. Celena Cardim Cavalcante. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOGGART, Richard. **As utilizações da Cultura. Aspectos da vida cultural da classe trabalhadora**. Lisboa: Presença, 1973.

LEFEBVRE, Henri. **De lo rural a lo urbano. Lãs relaciones entre el campo y la ciudad a la luz crítica de la filosofia y la sociologia marxistas**. Barcelona: Ediciones 62, 1973.

LEVI, Giovanni. Os usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

_____. **A herança imaterial. Trajetória de um exorcista no piemont do século XVII**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

LOBATO, Mirta Zaida. **La vida en las fábricas. Trabalho, protesta y política en una comunidad obrera, Berisso (1904-1970)**. 2. ed. Buenos Aires: Prometeu, 2004.

LOFEGO, Silvio L. 1954 – A cidade aniversariante e a memória coletiva. O IV Centenário da Cidade de São Paulo. **Projeto História**, São Paulo, n. 20, p. 301, abr. 2000.

LOPES, José Sérgio Leite (Org). **Cultura e Identidade Operária**. Aspectos da cultura da classe trabalhadora. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1987.

_____. **A tecelagem dos conflitos de classe na cidade das chaminés**. São Paulo: Marco Zero, 1988.

LUCENA, Célia T. **Artes de Lembrar e de inventar (re) lembranças de migrantes**. São Paulo: Arte e Ciência, 1999.

MACHADO, Paulo P. **Lideranças do Contestado**. Campinas: Ed. Unicamp, 2004.

MAGNANI, José Guilherme C. **Festa no Pedaco. Cultura popular e lazer na cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MAMIGONIAM, Armen. Notas sobre os frigoríficos do Brasil central pecuário. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 51, 1976.

MONTOYA, Marco A.; GUILHOTO, Joaquim J. M. Mudança estrutural no agronegócio brasileiro e suas implicações na agricultura familiar. In: TEDESCO, João Carlos (Org.). **A agricultura familiar: realidades e perspectivas**. 3. ed. Passo Fundo-RS: Ed. da UPF, 2001.

MUSSOI, Erros et all. **Integracion entre investigacion y extencion agrária em um contexto de descentralizacion de desarrollo: el caso de Santa Catarina, Brasil.** Tese de Doutorado – Universidad de Córdoba, 1998.

MATTOS, Marcelo B. **Novos e velhos sindicalismos.** Rio de Janeiro (1955/1988). Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 1998.

_____. **Trabalhadores e sindicatos no Brasil.** Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2002.

NODARI, Eunice. **A renegociação da etnicidade no Oeste de Santa Catarina (1917-1954).** 1999. Tese de Doutorado – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

OLIVEIRA, Francisco de. **A economia brasileira: crítica à razão dualista.** 6. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1988.

OLIVEIRA, Licério de. **“Estado do Iguaçu”.** O regionalismo em questão. 1998. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

ORTIZ Carlos José & DMITRUK ORTIZ, Hilda Beatriz **Interpretações de uma experiência sindical em Chapecó: o caso dos trabalhadores da Indústria da Alimentação.** Chapecó: Depto. de Ciências Humanas, 1993.

PAULILO, Maria I. S. **Produtor e agroindústria: consensos e dissensos.** O caso de SC. Florianópolis: Ed. UFSC, 1990.

PELUSO JUNIOR, Victor A. **Estudos de Geografia Urbana de Santa Catarina.** Florianópolis: UFSC, 1991.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

POLI, Odilon. **Leituras em movimentos sociais.** Chapecó: Grifos, 1999.

_____. Camponeses no Oeste Catarinense. **Cadernos do Ceom,** Chapecó, 2001.

PRADO, Luiz C. D.; EARP, Fábio S. O “milagre” brasileiro. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de A. N. (Orgs.). **O Brasil Republicano: o tempo da ditadura.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

RENK, Arlene. Questões sobre a migração urbana e o êxodo rural em Chapecó. **Revista Grifos,** Chapecó, n. 1, p.25, jul. 1994.

RENK, Arlene. **A luta da erva**. Um ofício étnico no Oeste de Santa Catarina. Chapecó: Grifos, 1997.

Sadia 50 anos: construindo uma História. São Paulo: Prêmio, 1994.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entram em cena**: experiências e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo: 1970-1980. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SAMUEL, Raphael. Teatros da memória. **Projeto História**. São Paulo, n. 41, fev. 1997.

SANTANA, Marco Aurélio. Trabalhadores em movimento: o sindicalismo brasileiro nos anos 1980-1990. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de A. N. (Orgs.). **O Brasil Republicano**: o tempo da ditadura. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SILVA, Claiton M da. **As eleições de 1969 em Chapecó, no contexto do regime militar**. Relatório de Pesquisa. Chapecó: Depto. de Ciências Humanas, 1999.

_____. **Os partidos políticos e o Regime Militar em Chapecó**. Relatório de Pesquisa. Chapecó: Depto. de Ciências Humanas, 2000.

_____. Modernização da agricultura e difusão dos clubes 4-S no Oeste de Santa Catarina (1970-1975). **Cadernos do Ceom**, Chapecó, n. 14, 2001.

_____. **Saber, Sentir, Servir e Saúde**: a construção do novo jovem rural nos clubes 4-S, SC (1970-1985). 2002. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

SINGER, Paul. **Economia política da urbanização**. São Paulo: Contexto, 1998.

STRIEDER, Roque. **Produção agrícola integrada**. São Miguel do Oeste: Unoesc, 2000.

TESTA, Vilson et al. **O desenvolvimento sustentável do Oeste Catarinense**. Florianópolis: Epagri, 1996.

THOMPSON, Edward P. Lucha de clases sin clases? In: _____. **Tradición, revuelta y consciencia de clase**. Barcelona: Anagrama, 1979.

_____. **Costumes em comum**. Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

UCZAI, Pedro (Org.). **D. José Gomes**: mestre e aprendiz do povo. Chapecó: Argos, 2002

VELLOSO, Mônica P. Come, morá? Descobrimento, comemoração e nacionalidade nas revistas humorísticas ilustradas. **Projeto História**, São Paulo, n. 20, abr. 2000.

WEIL, Simone. A racionalização. In: **A Condição operária e outros estudos sobre opressão**. Trad. Therezinha G. G. Langlada. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade na história e na literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

WOORTMANN, Klaas. **Com parente não se neguceia**. **Anuário Antropológico**, Brasília, n. 84, p.16, 1990.

WOORTMANN, Ellen F. **Herdeiros, Parentes e Compadres**. Brasília: Hucitec/Edunb, 1995.

FONTES E ACERVOS PESQUISADOS

Jornais

Jornal Folha do Oeste, Chapecó, anos: 1966, 1967 e 1969.

Jornal Correio do Sul, Chapecó, anos: 1978.

Jornal Diário da Manhã, Chapecó, anos: 1980, 1982, 1984, 1985, 1986, 1987, 1988.

Jornal Folha do Bairro Efapi, Chapecó, ano: 2004.

Jornal O Estado, Florianópolis, anos: 1965, 1967.

Jornal A Gazeta, Florianópolis, anos: 1967.

O Jornal Catarinense, Florianópolis, anos: 1980.

Revistas

Revista Catarinense, Florianópolis, anos: 1969, 1972.

Revista Ceileiro Catarinense, Florianópolis, anos: 1971.

Revista do Sul, Blumenau, anos: 1971, 1973.

Dados do IBGE

Censo Demográfico: 1960, 1970, 1980, 1991.

Censo Agropecuário: 1970, 1975, 1980, 1985

Documentos Paroquiais da Diocese de Chapecó

Carta do II Encontro Inter Eclesial das CEBs de Santa Catarina. Diocese de Chapecó, 5 a 7 de setembro de 1981.

Livros de Encontro para grupos de Reflexão, Diocese de Chapecó, anos: 1976, 1977, 1980, 1981, 1982, 1983, 1984.

Documentos empresariais

Revista Integração, Alphaville – SP, anos: 1980, 1981, 1982, 1984, 1985, 1986, 2000

Regulamento Interno de Trabalho. **Sadia Avícola**. Chapecó, 1973.

Panfletos e material de divulgação.

Processos da Justiça do Trabalho

Justiça do Trabalho. Chapecó. Processo Nº 296/82.

Justiça do Trabalho. Chapecó. Processo Nº 307/82.

Justiça do Trabalho. Chapecó. Processo Nº 790/82.

Justiça do Trabalho. Chapecó. Processo Nº 913/82.

Justiça do Trabalho. Chapecó. Processo Nº 004/83.

Justiça do Trabalho. Chapecó. Processo Nº 487/86.

Justiça do Trabalho. Chapecó. Processo Nº 089/87.

Justiça do trabalho. Chapecó. Processo Nº 503/87.

Entrevistas

Pedro da Fonseca. Reside em Chapecó. Agricultor Integrado da Chapecó S/A. Depoimento concedido à autora em 09/10/2003.

Genes Fonseca da Rosa. Reside em Chapecó. Agricultor Integrado da Sadia e Presidente da CRESOL (Cooperativa de Crédito Rural com Integração Solidária de Chapecó). Depoimento concedido à autora em 10/10/2003.

Maria de Lurdes Mendes. Agricultora, participou do Movimento das Mulheres Agricultoras (MMA) no início dos anos oitenta. Reside no município de Nova Itaberaba-SC. Depoimento concedido à autora em 10/10/2003

Metilde C. Conte. Natural de São Domingos (SC), reside desde 1973 no Bairro Engenho Braun, próximo à Vila Sadia. Seu esposo, o filho e as filhas foram funcionários da empresa. Depoimento concedido à autora em 09/09/2003.

Alexandre P. Natural de Concórdia (SC), funcionário da empresa de 1972 até se aposentar. Exerceu cargos de chefia de departamento na fábrica de rações. Residia na Vila Sadia – Bairro Engenho Braun. Depoimento concedido à autora, em 09/10/2003.

Dona Natália. Natural de Erechim (RS), reside desde 1974 no bairro Engenho Braun. Viúva desde muito cedo, veio acompanhando a família do filho, que se deslocou para Chapecó para trabalhar na Sadia. Depoimento concedido à autora em 19/11/2003.

Oswaldo Mantelli. Natural de Chapecó (SC). Funcionário da Sadia de 1972 até se aposentar. Trabalhava no setor da caldeira. Residia na Vila Mantelli – Bairro Engenho Braun. Depoimento concedido à autora em 20/11/2003.

Vieira dos Santos. Natural de Caxambu do Sul (SC). Funcionário da empresa de 1972 até se aposentar. Exerceu cargos de auxiliar do frigorífico, subencarregado, encarregado e chefe de departamento no frigorífico. Residia na Vila Mantelli – Bairro Engenho Braun. Depoimento concedido à autora em 19/12/2003.

Dona Noeli. Natural de Erval Grande-RS. Funcionária da empresa de 1978 a 2003. Exercia o cargo de auxiliar e encarregada do Refeitório da Empresa. Residia no Bairro Engenho Braun. Depoimento concedido à autora em 05/05/2004.

Eni Cupski. Natural de Campinas do Sul (RS). Funcionária da empresa de 1980 a 1986. Exercia a função de auxiliar do frigorífico no departamento de salsicharia. Residia no Bairro Efapi. Depoimento concedido à autora em 31/05/2004.

Lauri Nicolini. Natural de Lajeado (RS). Funcionário da empresa de 1977 a 1988. Exerceu a função de auxiliar do frigorífico, encaixotamento e câmara fria. Residia no Bairro Efapi. Depoimento concedido à autora em 31/05/2004.

Aurora Zucco, funcionária do Frigorífico Aurora de 1978 a 1982. Depoimento concedido à autora em 01/06/2004.

Herondino P. Andrade. Natural de Erechim-RS. Funcionário da empresa de 1979 a 1981, exercia a função de encarregado do frigorífico no departamento de Câmara Fria. Residia no Bairro São Cristóvão. Depoimento concedido à autora em 13/06/2004.

João B. Garcia. Natural de Caxambu do Sul – SC. Trabalhou na empresa de 1978 a 1996. Exerceu a função de auxiliar de obras e jardineiro da empresa. Residia no Bairro Efapi. Depoimento concedido à autora em 14/10/2004.

Juventina Garcia. Natural de Caxambu do Sul. Reside deste 1978 no bairro Efapi. Depoimento concedido à autora em 15/10/2004.

Acedira Locatelli. Natural de Aratiba (RS). Residiu no bairro Efapi de 1980 a 1990. Seu marido era funcionário (motorista) da Sadia. Depoimento concedido à autora em 14/10/2004.

Airton P. Natural de Chapecó, funcionário da Sadia do setor de Recursos Humanos de 1979 a 1980. Depoimento concedido à autora em 04/11/2004.

Luis Sérgio Chiarello. Natural de Nonoai – RS, funcionário da Sadia de 1978 a 1981 no setor de encaixotamento. Reside no Bairro Efapi. Depoimento concedido à autora em 15/01/2005.

Claudio Geatto. Funcionário da empresa do setor frigorífico de 1978 até hoje. Residia no Bairro Efapi. Depoimento concedido à autora em 04/02/2005

Vilmar Araújo de Souza. Depoimento concedido à Alzumir Rossari, 1993. Acervo de História Oral do CEOM.

Acervos Pesquisados

CEOM – Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina.

Biblioteca Pública Municipal de Chapecó.

Arquivo Público Municipal de Chapecó.

Tribunal Regional do Trabalho de Chapecó.

Tribunal Regional Eleitoral de Chapecó.

Arquivo Público de Florianópolis.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística de Florianópolis.

Biblioteca Pública de Florianópolis.

Biblioteca da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

Biblioteca da Universidade Comunitária de Chapecó – Unochapecó.

Memorial Attilio Fontana – Concórdia-SC

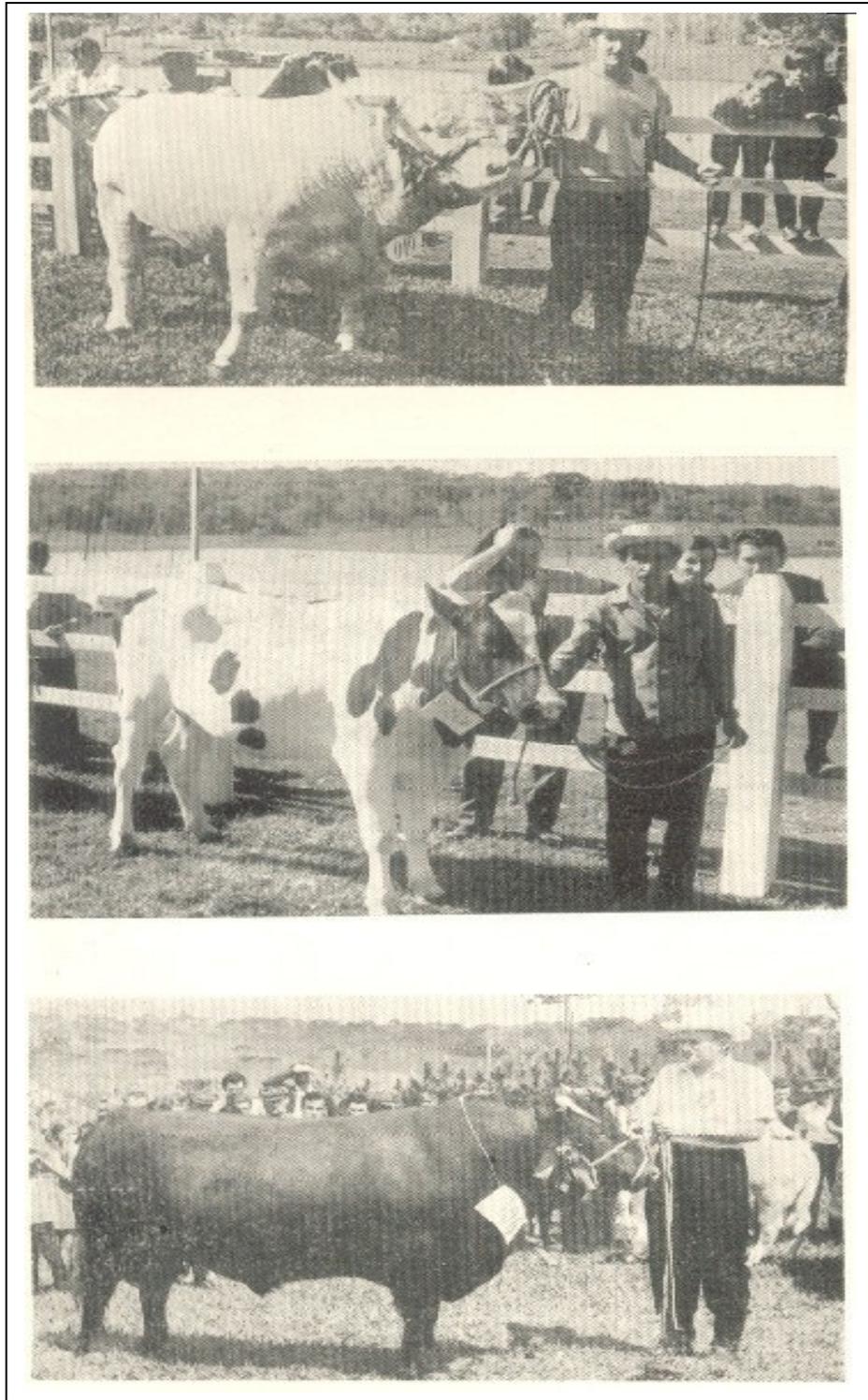
Tribunal Regional do Trabalho de Florianópolis.

Tribunal Regional Eleitoral de Florianópolis.

Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.

ANEXOS

Anexo I





Imagens da II Efapi
Fonte: Revista Celeiro Catarinense, n. 5, out. 1970.



Anexo II

Tabela (6) - Quantidade de Máquinas e instrumentos agrícolas usados pelos agricultores

<i>Ano</i>	<i>Tratores</i>	<i>Arados –Tração –</i>		<i>Colhedeira (plantadeiras, automotrizes e Combinadas)</i>
		<i>Animal</i>	<i>Mecânica</i>	
1970	154	4062	73	566
1975	257	4312	299	37
1980	452	4476	409	1550
1985	652	5487	581	1006

FONTE: IBGE. Censo Agropecuário 1970 (vol.3, p.203, 206); 1975 (vol.1, p.233, 237); 1980 (Vol.2, p.331, 335); 1985 (nº23, p.357-358).

Tabela (7) - Uso de fertilizantes, Defensivos e Práticas de Conservação do Solo.

<i>Ano</i>	<i>Nº Estab.</i> ³⁶⁷	<i>Fertilizantes</i>			<i>Defensivos</i>			
		<i>Aduos</i>			<i>Calcário e outros Corretivos</i>	<i>Total</i>	<i>Animal</i>	<i>Vegetal</i>
		<i>Total</i>	<i>Químico</i>	<i>Orgânico</i>				
1980	3790	1639	1007	1074	194	3373	2294	1247
1985	4184	2439	1216	2348	440	3256	2959	972

FONTE: IBGE. Censo Agropecuário 1980 (Vol.2, p.239); 1985 (nº23, p.230).

³⁶⁷ Número de Estabelecimentos.

Anexo III



Figura (21) Vista área do centro de Chapecó, provavelmente fim dos anos 60.
Fonte: Acervo do CEOM



Figura (22) Vista da cidade. Chapecó, início dos anos 80.
Foto: Acervo do CEOM.

Anexo IV

CHAPECÓ-SC, 28 DE Novembro 1980

AO
João D. A. Ferreira CHAPA: 3529

NESTA
DEPARTAMENTO: Produção (Abatedouro)

PREZADO SENHOR(A),

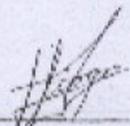
Pela presente informamos a Vossa Senhoria que por motivo de ter cometido (descrição sucinta dos fatos)
Por faltar constantemente sem justificativas.

Está sendo Suspenso por 01 dia

Outrossim informamos que a reincidência será motivo bastante para a aplicação de medidas mais severas de acordo com a CLT.
Vossa Senhoria deverá retornar as atividades normais:
Dia 29 / 11 / 80 às 6:00 horas.

Atenciosamente,

Ciente Funcionário
João Roberto Tomazini



Chefe Departamento

OBS.: _____

1ª TESTEMUNHA

2ª TESTEMUNHA

Ficha de Advertência.

Fonte: Justiça do Trabalho. Chapecó. Processo Nº028/81, p. 11.

Anexo V

ANÁLISE DO DESEMPENHO		FL. Nº
NOME:	Helio Jucio	CARGA: 400
DEPTO:	Trabalho	SEÇÃO: Lida
DATA:	COORDENADORIA	
27/03/82	<p>Helio: Foi chamado por telefone. Estava sentado no salão de trabalho de sua alameda pelo edifício, lá dentro a 1ª planta, a maioria de nós está trabalhando, quando se pergunta que está querendo saber sobre por isso Helio confirma e que a Empresa de paga quando não, quer dizer o trabalho por hábito muito ruim da Empresa não gerenciar de definir. (Emprego de muito bom e de trabalho)</p>	
	Emprego de muito bom e de trabalho	

Ficha de Análise de Desempenho do Funcionário.
 Fonte: Justiça do Trabalho. Chapecó. Processo Nº296/82, p. 41.

Sadia Avícola S.A. DEPTO. PESSOAL		Controle de Funcionário		
Cargo: Auxiliar de Evisceração 1º turno		Data Admissão: 26 / 03 / 80		
Estado Civil: _____		Profissão: _____		
Nome da Empresa: _____		Renda Mensal: Cr\$ _____		
Número de Posições que trabalha:				
Faixa	Idade	Outras Mensas	Cr\$	Salário Cr\$
	00 a 05	Alimentação		
	06 a 10	Habitacão		
	11 a 15	Transporte		
	16 a 20	Tratamento		
	21 a 25			
Outros Dependentes				
Deficiência Civil: _____ Sexo: () M, () F, () N, () P, () T, () O, () X Mãe com: () a Família, () a Posição, () a Posição, () a Posição, () a Posição Nome de Nascimento: _____ Hora que sai do caso: _____ Assinatura: _____				

Ficha de Controle do Departamento Pessoal da Sadia (Frente)
 Fonte: Justiça do Trabalho. Chapecó. Processo Nº342/82, s/p.

Anexo VI



Mapa da cidade de Chapecó. Em evidência a região Noroeste da cidade.

- 1 - Instalações da Sadia Avícola;
- 2 - Vila Sadia, atualmente Bairro Engenho Braun;
- 3 - Vila Mantelli, atualmente Bairro Engenho Braun;
- 4 - Loteamento Efapi (Colatto), atualmente Bairro Efapi.
- 5 - Avenida Senador Attilio Fontana;
- 6 - Proximidades do Centro da Cidade.

Anexo VII



Troféu Sadia Avícola S/A. Campeã na Criação de Perus – 1985.
Fonte: Acervo de Fotos do Arquivo Público da Prefeitura.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)